

Elza Maria Gonçalves da Silveira

O CARAPUCEIRO: um periódico satírico na primeira metade do  
século XIX

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2007

Elza Maria Gonçalves da Silveira

O CARAPUCEIRO: um periódico satírico na primeira metade do  
século XIX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de  
Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título  
de Mestre em Letras: Estudos Literários.

Área de Concentração: Literatura Brasileira

Orientador: Prof. Dr. José Américo de Miranda Barros

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2007

## **Agradecimentos**

Agradeço, em primeiro lugar, ao Wallison, pelo companheirismo, opiniões, discussões, e por compartilhar comigo o riso.

Agradeço a todos os amigos que contribuíram para a realização desta pesquisa, através de sugestões valiosas, pelas conversas nas cantinas e bares e, principalmente, por compartilharem comigo o riso.

Agradeço, especialmente, a todos da minha família: pai, mãe (pelo grande exemplo em relação à vida acadêmica), Nana e Rafa, Dedé e Ágata, Julinha e demais seres vivos existentes em casa.

Não poderia deixar de agradecer, em especial, ao Professor José Américo de Miranda Barros, pela preciosa orientação; e à Professora Constância Lima Duarte, por viabilizar o meu primeiro contato com a edição fac-similar de *O Carapuzeiro*.

Agradeço à CAPES, por viabilizar a execução desta pesquisa, assim como à universidade pública e gratuita.

*Nós todos viemos do Inferno; alguns ainda estão quentes de lá.*

João Guimarães Rosa. *Ave, palavra.*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>Capítulo 1 – SOBRE A VIDA DO PADRE LOPES GAMA E SEU PERIÓDICO CARAPUCEIRO</b> .....	<b>19</b>
O padre Lopes Gama: trajetória biográfica .....	<b>20</b>
Uma descrição de <i>O Carapuceiro</i> .....	<b>39</b>
<b>Capítulo 2 – CASTIGAT RIDENDO MORES</b> .....	<b>61</b>
Ridendo .....	<b>62</b>
Castigat mores .....	<b>80</b>
<b>Capítulo 3 – A SÁTIRA EM O CARAPUCEIRO</b> .....	<b>102</b>
<b>TÉCNICAS</b> .....	<b>103</b>
Redução, tipificação, caricatura .....	<b>103</b>
Paródia, invectiva, ironia .....	<b>116</b>
<b>FORMAS</b> .....	<b>126</b>
Fábula .....	<b>130</b>
Diálogo .....	<b>137</b>
<b>TEMAS</b> .....	<b>143</b>
<i>Per accidens</i> político? .....	<b>143</b>
O belo sexo .....	<b>161</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>178</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>183</b>

## RESUMO

O início do século XIX foi marcado por grandes mudanças no Brasil, devido à transferência da corte portuguesa para a antiga colônia. Dentre as transformações que sucederam a esse fato, a instalação da Imprensa Régia merece destaque, uma vez que a partir daí surge um ambiente favorável à propagação de revistas e periódicos nas províncias. Dos publicistas que exerciam o jornalismo na primeira metade do século XIX, em Pernambuco, a presença do padre Miguel do Sacramento Lopes da Gama foi especialmente importante. Em *O Carapuceiro*, periódico que mais marcou a obra do padre Lopes Gama, ele apresentava sua crítica ao comportamento, principalmente moral, da sociedade brasileira, além de discussões sobre política, tudo isso através de textos fortemente marcados por sua veia satírica. Nosso trabalho pretende apresentar reflexões sobre o papel da literatura “empenhada” no Brasil oitocentista, destacando a relação entre a literatura e o jornalismo e a questão do esforço civilizador através do uso da sátira como estratégia de moralização dos costumes, prática recorrente em *O Carapuceiro*.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira, Imprensa Brasileira, Sátira, *O Carapuceiro*.

## RÉSUMÉ

Le début du XIX<sup>e</sup> siècle a été marqué par de grandes transformations au Brésil dû à la transference de la cour portugaise à l'ancienne colonie. Parmi les transformations qui ont succédé cette faite, l'installation de l'Impression Régia mérite d'être détachée, une fois que à partir dès lors apparaît une ambiance favorable à la propagation des magazines et périodiques aux provinces. Des publicistes qui exerçaient le journalisme à la première moitié du XIX<sup>e</sup> siècle, à Pernambuco, la présence du prêtre Miguel do Sacramento Lopes da Gama a été spécialement importante. Dans *O Carapuceiro*, périodique qui a plus marqué l'œuvre du prêtre Lopes da Gama, il présente sa critique au comportement, principalement moral, de la société brésilienne, au delà des discussions sur la politique, tout cela à travers des textes fortement marqués par sa veine poétique satirique. Notre travail prétend présenter les réflexions sur le rôle de la littérature "engagée" au Brésil du XIX<sup>e</sup> siècle détachant le rapport entre la littérature et le journalisme et la question de l'effort civilisateur à travers de l'utilisation de la satire comme stratégie de moralisation des coutumes, pratique courante dans *O Carapuceiro*.

**Mots-clés:** Littérature Brésilienne, Imprimerie Brésilienne, Satire, *O Carapuceiro*.

## **INTRODUÇÃO**

O início do século XIX foi marcado por grandes mudanças no Brasil, devido à transferência da corte portuguesa para a antiga colônia. Dentre as transformações que sucederam a esse fato, a instalação da Imprensa Régia merece destaque, uma vez que a partir daí surge um ambiente favorável à propagação de revistas e periódicos nas províncias. Além do Rio de Janeiro, local escolhido para abrigar a família real, a atividade tipográfica também se tornou muito intensa em Pernambuco, onde diversos periódicos circulavam, principalmente na capital, Recife.

Dos publicistas que exerciam o jornalismo na primeira metade do século XIX, em Pernambuco, a presença do padre Miguel do Sacramento Lopes Gama foi especialmente importante. Além de exercer atividades de extrema relevância nos terrenos da educação e da política, também se aventurou ele no jornalismo, onde realizou um trabalho de brilhante crítica social, através dos periódicos que ele mesmo publicava, editava e redigia. Por essa sua atividade, o padre Lopes Gama faz parte da história do jornalismo brasileiro da primeira metade do século XIX.

A carreira de Lopes Gama como jornalista político começou com a publicação do periódico *O Conciliador Nacional*, em junho de 1822. O escritor também editou e publicou obras literárias, como o poema satírico *A Columneida*, em 1832, que atacava a sociedade Colunas do Trono e do Altar, uma organização secreta fundada em Recife com o objetivo de derrubar o regime constitucional, a fim de restaurar o poder absoluto de D. Pedro I<sup>1</sup>. É neste ano que inicia a publicação de *O Carapuceiro*, um periódico que apresentava sua crítica ao comportamento, principalmente moral, da sociedade brasileira, além de discussões sobre política, tudo isso através de textos fortemente marcados por sua veia satírica. *O Carapuceiro*, periódico que mais marcou a obra do padre Lopes Gama, foi o objeto de estudo da nossa pesquisa.

---

<sup>1</sup> Essa sociedade secreta, bem como toda e qualquer idéia absolutista, também foi extremamente atacada por Lopes Gama no periódico *O Carapuceiro*.

Com duração de 14 anos (1832-1846), sofrendo algumas interrupções, *O Carapuceiro* traz, em suas páginas, textos construídos a partir da intenção moralizante e civilizadora de seu autor, o “que vem a ser: combater por meio do estilo faceto os vícios ridículos”. Logo no primeiro número o padre Lopes Gama afirma que seu campo de atuação será “neutro”, uma vez que não pretendia criar polêmicas com ninguém, o que pode ser verificado pela escolha da citação do poeta latino Marcial que fará parte do cabeçalho do periódico: “Guardarei nesta Folha as regras boas,/ Que he dos vicios fallar, não das pessoas”<sup>2</sup>. Outra frase que sempre vinha no cabeçalho do periódico, e que era uma espécie de *slogan*, servia para informar ao leitor o conteúdo que encontraria naquelas páginas, demonstrando a intenção do autor: “PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO’ PER ACCIDENS POLITICO”. O que podemos notar, através da leitura de *O Carapuceiro*, é que nem sempre o objetivo do padre Lopes Gama, no tocante à intenção expressa em seu cabeçalho, é alcançado. Várias edições travam polêmicas, tanto com pessoas em particular, que são nomeadas pelo autor, quanto com outros periódicos. Além disso, boa parte das edições é dedicada exclusivamente a discussões sobre assuntos políticos, o que demonstra a ironia presente em seu mote. Essas foram algumas das questões que despertaram nosso interesse em estudar *O Carapuceiro*.

Outra característica deste periódico era a ilustração que ele trazia na primeira página: uma loja de chapéus e seu vendedor, o carapuceiro, experimentando as carapuças na cabeça do freguês. A figura do lojista pode representar o próprio padre, que acabou ficando conhecido em Recife como “Padre Carapuceiro”. O hábito de dizer tudo o que pensa é uma característica marcante desse autor. “Sem papas na língua”, ele traça o perfil da sociedade de sua época. As frases de efeito são usadas com o intuito de chocar e, é claro, “colocar as devidas carapuças”. Percebemos que tanto nas edições que tratavam exclusivamente de

---

<sup>2</sup> O cabeçalho trazia a versão em latim, “Hunc servare modum nostri novere libelli/Parcere personis, dicere de vitiiis”, e a tradução para a Língua Portuguesa. A citação encontra-se em Marcial, livro 10, epístola 33, informações dadas no próprio cabeçalho do periódico.

política, quanto naquelas em que seu alvo era o comportamento cotidiano das pessoas, o uso da sátira era constante na escrita do padre Lopes Gama.

A teoria clássica do riso exerceu grande influência não só nas páginas de *O Carapuceiro*, como também nos escritos do padre Lopes Gama em geral. Neles, podemos notar a influência de autores como Aristóteles, Cícero e Quintiliano, de quem o padre herdou a crença de que o riso é uma expressão de desprezo pelo vício e, por isso, é também uma arma eficaz no combate a essas “deformações”.

Os tipos fixados por Lopes Gama em *O Carapuceiro* são “caricaturados” verbalmente, trazem uma exaltação do que há de mais ridículo e mais grotesco. A caracterização da vida social e de família feita nesse periódico se faz tanto nos aspectos psicológicos e morais quanto no físico. O extravagante, o ridículo e o grotesco são colocados lado a lado com as atitudes indecorosas e imorais. Salientar o caráter e a mentalidade da sociedade através da caricatura era a maneira como Lopes Gama retratava o seu tempo. Ao destacar os vícios e desvios de costume, a sátira foi fundamental, por isso nosso interesse também se volta para a investigação de como ela era exercida no periódico.

A escrita de Lopes Gama gira em torno de situações que muitas vezes são inventadas por ele. Vários acontecimentos que ele narra em seus textos são frutos de sua imaginação. Essa característica é uma das justificativas que Barbosa Lima Sobrinho usa para explicar a presença da crônica *A nova sociedade das senhoras viúvas ou Sociedade das dengosas*, que foi publicada em *O Carapuceiro*, em seu livro *Os precursores do conto no Brasil*:

Exclusivamente redigido pelo Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, era de ordinário escrito em prosa singela e amena, contendo ligeiros contos, anedotas engraçadas e a crítica faceta dos abusos e desvios dos costumes do tempo; às vezes – raras – ao redator aprazia deliciar os seus leitores com pequenas produções rimadas do mesmo sabor dos seus escritos em prosa. E lograva então superior, pela vivacidade alígera do verso, muitos dos defeitos dos artigos costumeiros, geralmente muito estirados, e assim, em prosa e verso, exerceu *O Carapuceiro* a sua ação proveitosa e salutar, fustigando os erros, censurando os desmandos, destruindo abusões e escarnecendo das parvoíces dos contemporâneos, de mistura com ditos agudos, fábulas

engenhosas e historietas galantes. Primeira amostra do jornalismo humorístico e satírico em Pernambuco, teve extraordinária voga e o seu título passou como alcunha ao espirituoso redator<sup>3</sup>

Barbosa Lima termina seu comentário dizendo que os escritos de *O Carapuceiro* não eram propriamente contos, mas que não estavam distantes desse gênero literário. Certamente essa característica também despertou nosso interesse. Percebemos nas páginas do periódico o uso constante da ficção para “ilustrar” os exemplos que o padre Lopes Gama utiliza para atingir seu objetivo de moralizar os costumes da sociedade. Apesar de sempre deixar claro para o leitor que as situações que descreve realmente aconteceram ou que as pessoas que cita realmente existiam, a verdade é que o teor de invenção é muito forte e claro na escrita do autor.

A questão dos tipos de textos veiculados em *O Carapuceiro* também nos chamou a atenção. Observamos que a variedade é muito grande, podendo ser encontrados, por exemplo, textos em prosa e também em verso. São crônicas, anedotas, diálogos, fábulas, provérbios, sonetos, décimas etc, sendo que alguns desses textos eram traduções e transcrições feitas pelo próprio padre ou retiradas de outros periódicos. É por isso que pretendemos, também, fazer reflexões acerca da questão dos gêneros no Romantismo e da prática da tradução e da transcrição nos periódicos dessa época, sempre dando destaque ao que acontecia em *O Carapuceiro*.

Apesar de ter tido bastante notoriedade em sua época, a obra do padre Lopes Gama ficou praticamente esquecida depois da sua morte, em 1852, até que Gilberto Freyre a utilizou como referência para as pesquisas que o levariam a escrever os livros *Casa Grande e Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. Neles, a evocação aos escritos de Lopes Gama, principalmente os do periódico *O Carapuceiro*, são constantes. Naquele tempo, por volta dos anos de 1920, para se ter acesso à obra do Padre Carapuceiro era preciso consultar as velhas coleções de jornais do

---

<sup>3</sup> SOBRINHO, 1960, p. 222-223.

acervo da Biblioteca Pública de Recife. Posteriormente, foram lançados alguns estudos que diziam respeito à vida e à obra do padre Lopes Gama. Dentre eles, podemos destacar *O Padre Lopes Gama: um analista político do século passado*, de Amaro Quintas, publicado em 1958, e *O Padre Carapuceiro: crítica de costumes na primeira metade do século XIX*, lançado em 1969, de Waldemar Valente.

Em 1968, Luís Delgado organizou uma seleção de trechos escolhidos do padre Lopes Gama, retirados das obras *Lições de Eloquência Nacional*, *O Carapuceiro* e do poema *A Columneida*. Essa edição traz também alguns escritos de ofícios e participações nas divisões administrativas da província de Pernambuco, o que demonstra as atividades que Lopes Gama desempenhou além dos trabalhos jornalísticos e literários. Sem dúvida, a maior parte das páginas da antologia de Luís Delgado, publicada pela Editora Agir na célebre coleção *Nossos Clássicos*, é dedicada a *O Carapuceiro*, o que reitera nosso interesse em estudar esse periódico.

O acesso a *O Carapuceiro* foi ampliado quando, em 1983, a Fundação de Cultura Cidade do Recife lançou uma edição fac-similar e completa do periódico, organizada por Leonardo Dantas Silva. Mais recentemente, em 1996, a editora *Companhia das Letras* lançou, em um volume da coleção *Retratos do Brasil*, uma edição contendo o texto completo de 48 artigos selecionados a partir da edição fac-similar de *O Carapuceiro*. Essa seleção foi feita pelo historiador Evaldo Cabral de Mello, que em sua introdução destaca a importância desse periódico como “fonte admirável à disposição do historiador da vida privada.”<sup>4</sup>

Nas crônicas e poesias encontradas nas edições organizadas por Luís Delgado e Evaldo Cabral de Mello encontramos uma importante, porém curta, demonstração da prosa e da poesia satírica que eram veiculadas nas folhas desse periódico. Esse é um dos motivos que justificam a relevância de nossa pesquisa.

---

<sup>4</sup> MELLO (org.), 1996, p. 7.

Alguns livros que tratam da historiografia literária brasileira fazem referência à obra do Padre Carapuço. José Veríssimo, em sua *História da Literatura Brasileira*, no capítulo XVIII, destaca a presença do padre na atividade literária de Pernambuco, sobretudo a sua prosa satírica, presente em *O Carapuço*. Além disso, encontramos a obra de Lopes Gama também na *História da Literatura Brasileira*, de Sílvio Romero, no capítulo intitulado *Economistas, juristas, publicistas, oradores, linguistas, moralistas, biógrafos, teólogos e literatos*. Nesse livro, Sílvio Romero faz algumas considerações sobre a sátira do padre:

Um homem *engraçado* para o nosso povo é aquele que possui certo chiste no falar, sabe casos, anedotas e apropósitos para tudo, e, quando não os sabe, inventa-os; enfim é o homem que engatilha e dispara sua pilhéria nas ocasiões oportunas.

O padre pernambucano estava neste caso, e tinha nisso mérito. Sua ação não deixou de ser proveitosa, censurando abusos e desvios dos costumes do tempo. (...)

Há muitas maneiras de ter espírito, muitos modos de ter graça, Lopes Gama tinha o seu particular. Era padre crente e religioso, sem ser acanhado e retrógrado. (...) Não era profundo, porém não era banal. Sua pilhéria não trazia o riso franco e formidável de Rabelais; nem o travor melancólico de Thomas Hood, por exemplo, mas era folgazã e bem humorada. (...) Ainda quando fosse dotado de originais qualidades humorísticas, a pequena sociedade brasileira, maximé na província e no princípio do XIX século, não lhe poderia oferecer fortes estímulos para desenvolvê-las. Suas facécias, suas gaiatices estiveram na altura de seu meio, e já não é pouco.<sup>5</sup>

As razões que motivaram a escolha de *O Carapuço* fundamentam-se, principalmente, na lacuna de estudos referentes a esse periódico; por isso acreditamos que a nossa pesquisa ajudará, em primeiro lugar, a fornecer subsídios para futuras pesquisas que pretendam ter *O Carapuço* como objeto. Entendemos, também, que através de uma análise mais detida desse periódico poderemos compreender melhor as relações que a literatura estabelecia com o jornalismo no século XIX, além de nos ajudar no entendimento da sociedade brasileira oitocentista e do papel da literatura como estratégia didática para a “civilização” dessa sociedade. A pesquisa a ser realizada acerca de *O Carapuço* muito

---

<sup>5</sup> ROMERO, 1902, p. 498-501.

pode contribuir para o resgate de uma importante parte da memória literária brasileira do século XIX, principalmente no que se refere às relações entre Literatura, História e Memória Cultural.

O problema central da pesquisa teve como foco norteador estudar o periódico *O Carapuceiro* no que se refere a algumas de suas especificidades. Nosso objetivo geral foi preencher, pelo menos em parte, a lacuna existente na literatura sobre este importante periódico do século XIX.

No primeiro capítulo desta dissertação, procuraremos traçar uma breve biografia do autor, Miguel do Sacramento Lopes Gama, além de apresentar uma análise do periódico *O Carapuceiro*, no que diz respeito à descrição dos seus aspectos bibliológicos (formato, seções, paginação), de sua periodicidade, dos tipos de textos veiculados, além de identificar as idéias divulgadas em suas páginas. Usamos como fonte de nossa pesquisa a edição fac-similar do periódico, publicada em 1983 pela Fundação de Cultura Cidade do Recife, e organizada pelo historiador Leonardo Dantas Silva. A realização desse capítulo, feita mediante pesquisa em fonte primária, consistiu em leitura, resenha das edições, identificação e classificação dos “tipos” de textos veiculados em *O Carapuceiro*. Apresentaremos uma reflexão acerca das teorias relativas ao estatuto dos gêneros literários no Romantismo para entender o funcionamento dos tipos de textos veiculados em *O Carapuceiro*.

O segundo capítulo, intitulado *Castigat Ridendo Mores*, demonstrará o uso do princípio do *castigat ridendo mores* pelos escritores satíricos. Em *O Carapuceiro*, a expressão do objetivo de corrigir os vícios através do riso se faz constante, é o principal motivo pelo qual o padre Lopes Gama resolve escrever o periódico: “O Ridendo castigat mores he recomendado pelos maiores Sábios assim antigos, como modernos, e será sempre a divisa do

meu pequeno Carapuceiro.”<sup>6</sup> Assim, através da exposição do que havia de ridículo, ele provocava o riso de seus leitores, aliado precioso na reforma dos costumes.

Esse capítulo divide-se em duas partes. A primeira delas, *Ridendo*, apresenta uma breve reflexão acerca da sátira latina, uma vez que percebemos, na sátira realizada pelo padre carapuceiro, a influência dos autores latinos, como Quintiliano, Cícero, Horácio, Lucílio, Juvenal, entre outros. A sátira se tornou o principal recurso utilizado por Lopes Gama em sua escrita, principalmente em *O Carapuceiro*, o que vai totalmente ao encontro daquilo que foi uma das principais preocupações dos intelectuais brasileiros que viveram no século XIX: a intenção de “civilizar” os costumes. E, por isso, apresentaremos, na segunda parte desse capítulo, intitulada *Castigat Mores*, uma investigação do papel da literatura “empenhada” no Brasil oitocentista, destacando a relação entre a literatura e o jornalismo e a questão do esforço civilizador através do uso da ficção e da sátira como estratégia de moralização dos costumes, prática recorrente em *O Carapuceiro*. Poderemos encontrar no periódico pernambucano uma série de críticas aos maus hábitos e comportamentos que eram considerados impróprios para a ilustração da sociedade brasileira, e que por isso atrapalhavam o seu desenvolvimento intelectual, cultural e moral. Lopes Gama encontrou na educação e na prática jornalística poderosas aliadas para seu projeto de ilustrar a sociedade na qual vivia. Quando pensamos em qual era essa sociedade, podemos afirmar que ele se referia à sociedade brasileira como um todo, e não apenas àquela da qual ele participava mais especificamente, que era a sociedade pernambucana. Assim, o padre carapuceiro tece, nas páginas de seu periódico, uma crítica de costumes que se caracteriza pelo uso da sátira a fim de educar e moralizar os comportamentos das pessoas, o que procuraremos demonstrar em *Castigat Mores*.

---

<sup>6</sup> *O Carapuceiro*, número 60 (11/11/1837), p. 3.

O terceiro capítulo de nossa pesquisa procura trazer uma reflexão mais aprofundada acerca da sátira encontrada em *O Carapuceiro*. Para isso, apresentaremos as técnicas, as formas e os temas empregados por Lopes Gama nas sátiras que encontramos em seu periódico.

A primeira parte desse capítulo, *Técnicas*, apresentará algumas técnicas recorrentes em textos satíricos que podem ser encontrados em *O Carapuceiro*. Destacaremos, entre as técnicas encontradas, a redução, que consiste na degradação ou desvalorização da vítima por meio do rebaixamento de sua estrutura ou dignidade, que pode acontecer de diversas maneiras; a tipificação, técnica que está ligada, sobretudo, às sátiras que pretendem descrever os caracteres; as caricaturas; as paródias; a invectiva e a ironia.

Poderemos observar, na segunda parte do terceiro capítulo, intitulada *Formas*, que a sátira não apresenta predileção por nenhuma forma literária em especial. Qualquer uma delas serve, desde que permita a combinação do ataque agressivo e da farsa fantástica e que dêem ao satírico a liberdade para usar alguma ou todas as técnicas. Destacaremos, assim, alguns dos tipos de texto utilizados na sátira que encontramos em *O Carapuceiro*, como os aforismos e os epigramas, a fábula, as utopias e as viagens imaginárias e o diálogo.

Na terceira e última parte desse capítulo, *Temas*, faremos uma análise de dois temas recorrentes no periódico pernambucano: a política e as mulheres. A política se apresenta como campo de interesse da maior parte dos que lançaram mão da sátira. Logo no cabeçalho de *O Carapuceiro* encontramos a afirmação de que a política não seria o assunto principal de suas páginas, ou seja, quando ela aparecesse, seria apenas por acidente. Porém, o que podemos notar ao lermos os quatorze anos de publicação do periódico é que a política foi assunto privilegiado, o que expressa a ironia contida no objetivo expresso na primeira página. Os debates políticos, bastante comuns na imprensa brasileira oitocentista, tomaram conta de vários números de *O Carapuceiro*, sendo, muitas vezes, tratados através da sátira. Essa foi

uma característica de vários periódicos que circularam durante a primeira metade do século XIX, de modo que esses periódicos se constituem em preciosas fontes de informação acerca dos acontecimentos políticos daquela época. Por isso, apresentaremos, juntamente com o tema da política em *O Carapuceiro*, uma breve análise da imprensa brasileira no século XIX, uma vez que a maioria dos periódicos impressos durante esse momento são de cunho político, abrigando fervorosas disputas de opinião e fazendo o papel que os textos satíricos sempre tiveram, desde suas origens. O outro tema que merece destaque é o tema das mulheres. A sátira dirigida às mulheres sempre foi bastante recorrente na literatura. Diversos números de *O Carapuceiro* apresentam as mulheres e seu comportamento na sociedade como assunto principal de um texto fortemente marcado por descrições caricaturais. Apresentaremos, assim, uma breve reflexão acerca da presença das mulheres como tema de algumas sátiras, destacando o tratamento dado a esse tema por Lopes Gama em *O Carapuceiro*.

Por fim, apresentaremos a conclusão de nossa pesquisa, em que buscaremos retomar e realizar uma revisão sumária dos dados analisados, das conclusões a que chegamos, assim como das possibilidades de desdobramento da pesquisa realizada.

**CAPÍTULO I: SOBRE A VIDA DO PADRE LOPES  
GAMA E SEU PERIÓDICO CARAPUCEIRO**



## O padre Lopes Gama: trajetória biográfica

Um colaborador d'O Jornal das Famílias, que ainda conheceu pessoalmente o Pe. Gama no seu sítio do Manguinho, diz que aí por 1849 ou 50, Lopes Gama era "uma das glórias literárias do Império e debaixo do pseudônimo de Carapuceiro merecia o conceito do escritor mais castigado e chistoso daquela quadra". Conceito que caiu depressa para tornar-se o bom do padre uma figura que hoje só um ou outro remexidor de papéis velhos e livros esquecidos conhece e admira.

A casa do Pe. Gama parece que estava quase sempre em festa. É provável que ele continuasse no Manguinho a tradição do chá com sequilhos da avó. Tradição que ele próprio recorda numa de suas páginas de louvador do tempo ido: chá servido pela própria dona da casa "ao pé de uma banquinha, já destinada para isso, e ali, debaixo de certas regras e compassos, fazia o chá, que os serventes iam distribuindo ao mesmo tempo que as torradas, os sequilhos e os bolinhos".

Entretanto, não era o Pe. Gama um homem que se gastasse todo na vida de sociedade ou na arte da conversa. Como bom beneditino estudava e lia largamente. E tinha sua vida interior. O visitante do padre a quem já nos referimos salienta o enorme oratório de jacarandá com uma grande cruz negra por cima e uma lâmpada de prata iluminando três imagens de santos, que viu na casa do Manguinho. Aí o panfletário rezava e fazia as suas devoções.

Que santos seriam é que não sabemos. O que é certo é que não perturbavam a jovialidade às vezes rabelaisiana do padre. Nem lhe quebravam o ardor de panfletário com que mais de uma ocasião investiu contra os poderosos de sua às vezes "bestial província", alguns deles contrabandistas de escravos e assassinos. Contrabandistas e assassinos cujos nomes ilustres não hesitou em publicar no seu famoso O Sete de Setembro, jornal político que dirigiu depois de sua "campanha alegre" n'O Carapuceiro.<sup>7</sup>

O padre Miguel do Sacramento Lopes Gama nasceu em Recife no dia 29 de setembro de 1791<sup>8</sup>. Era filho do português Dr. João Lopes Cardoso Machado, médico formado pela Universidade de Coimbra, que também foi delegado da Real Junta do Protomedicato em Pernambuco, e Dona Ana Bernarda Lopes Gama, que pertencia à tradicional família Fernandes Gama.

Das inúmeras atividades que Lopes Gama exerceu em sua vida, podemos destacar as de poeta, orador sacro, jornalista e monge beneditino ordenado no Mosteiro de São Bento da

---

<sup>7</sup> FREYRE, Gilberto. *Um ortodoxo brasileiro do século XIX*. Disponível em: [http://bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos\\_imprensa/um\\_ortodoxo.htm](http://bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/um_ortodoxo.htm). Acesso em: 22 Abr. 2005.

<sup>8</sup> Na antologia de *O Carapuceiro* organizada por Evaldo Cabral de Mello, a cronologia traz como ano de nascimento de Lopes Gama 1793, e não 1791.

Bahia – secularizado em 1834. Além disso, exerceu o cargo de professor no Seminário e no Colégio das Artes de Olinda; foi diretor do Curso Jurídico de Olinda e do Liceu de Recife. Desempenhou, também, atividades ligadas à política, sendo deputado pela Assembléia provincial de Pernambuco e deputado geral por Alagoas. Ainda exerceu a direção geral da instrução pública, em Pernambuco, e foi comendador da Ordem de Cristo.

Como era habitual, na primeira metade do século XIX, que cada família entregasse um filho homem ao sacerdócio, este foi o destino de Lopes Gama. Ele realizou seus primeiros estudos no Mosteiro de São Bento, em Olinda, a partir de 1805. Dois anos depois foi para o Mosteiro da Bahia, onde ingressou na Ordem Beneditina. Foi na capital da província da Bahia, Salvador, que Lopes Gama professou, em 1808.

Waldemar Valente, em seu livro *O padre Carapuceiro: crítica de costumes na primeira metade do século XIX*, destaca que o costume de entregar um dos filhos ao sacerdócio devia-se ao fato de que ter um padre na família, segundo a crença católica daquele período, significava a atração de bênçãos divinas. Além disso, representava prestígio social. Muitos meninos eram entregues ao sacerdócio simplesmente para que a família alcançasse bênçãos e prestígio e não por causa de uma possível vocação religiosa. Isso acabou gerando diversos problemas na sociedade, já que vários padres não conseguiam esconder sua falta de vocação.

Para Valente, Lopes Gama não possuía a vocação sacerdotal, uma vez que esta não combinava com sua “tendência psicológica”, nem com “disposições de seu caráter ou de seu temperamento”<sup>9</sup>. Porém, isso não significava que o padre tivesse desrespeitado a vida religiosa e sim que vários “predicados” indispensáveis a um sacerdote lhe faltavam:

Entre eles: sobriedade, modéstia, humildade e até certo equilíbrio e certa moderação no modo de escrever ou de falar. (...) Lopes Gama era temperamentalmente impulsivo e arrogante. Sua combatividade, áspera e agressiva. Nos seus escritos, sempre maliciosos, sempre ferinos, sempre

---

<sup>9</sup> VALENTE, 1976, p. 75.

irreverentes e impiedosos, faltava o tempero da caridade cristã. (...) Em lugar de alívio para as feridas sociais, o que suas palavras faziam era cortar feito navalha. (...) Suas sátiras tinham gosto de fel ou causticavam como ferro em brasa.<sup>10</sup>

A má reputação dos padres é assunto de vários cronistas da primeira metade do século XIX, inclusive do próprio Lopes Gama. A falta de vocação sacerdotal foi justamente um dos assuntos de que ele mesmo tratou com cuidado nas páginas de seu *O Carapuceiro*. Já no número 16 de seu primeiro ano de publicação, 1832, há a denúncia, através de descrições caricaturais, da existência de padres e frades “gamenhos”. Estes, segundo Lopes Gama, pecavam pela extrema vaidade e pela hipocrisia. Em outro momento, no número 7, de 11 de maio de 1837, em artigo intitulado “O que falta ao Brasil”, o autor reflete sobre a população deste país afirmando:

Qual quer individuo por mais pobre, que seja, tendo trez ou quatro filhos, nenhum quer, se destine a algum Officio manual; faz sacrificios, mette agulhas por alfinetes, e dá com todos no Curso Juridico e se algum tem absoluta negação para os estudos, então não há outro remedio, vá o bom do jumentinho ser Padre; por que dará bons burros ao dizimo, e entre nós tem se assentado, que Padre deve ser tão somente o sujeito, que não prestar para mais nada: d’aqui a praga de Bachareis superlativamente ignorantes, d’aqui nosso Clero pela mor parte tão estúpido e miseravel.<sup>11</sup>

Desse modo, para Lopes Gama a justificativa para a existência de padres sem vocação para o sacerdócio estava justamente relacionada à prática familiar citada mais acima. A falta de vocação ligava-se à falta de estudo, gerando pregadores que possuíam pouco ou nenhum conhecimento de retórica, oratória, teologia, entre outros requisitos básicos para que fosse feito um bom sermão.

Enumerando as diversas características que afastavam Lopes Gama dos votos que deviam fazer os padres, Waldemar Valente ressalta que o procedimento utilizado pelo padre servia muito mais para “afastar as ovelhas desgarradas” do que para recolhê-las. Não acredita

---

<sup>10</sup> VALENTE, 1976, p. 75-76.

<sup>11</sup> *O Carapuceiro*, número 7 (11/05/1837). p. 3 e 4.

no poder de persuasão da sátira realizada por ele. O autor discorda da opinião de Olívio Montenegro, outro estudioso de Lopes Gama, de que os “dardos” lançados pelo padre não possuíam veneno. Para ele, os escritos do padre pernambucano em *O Carapuço* demonstram, nos diversos tipos de texto que utiliza, ódio e fúria, principalmente nos artigos de feição político-partidária. Todo esse sentimento maléfico, segundo Waldemar Valente, “não ficava bem para um padre”<sup>12</sup>. Além disso, este autor afirma que esses artigos possuíam destinatários certos, ao contrário de sua crítica de costumes. Estas sim “eram como carapuças”. Nos dois casos, para Valente, os comentários de Lopes Gama não resultariam na correção dos vícios presentes nos costumes da sociedade. Mesmo as críticas de caráter costumbrista, que aparentemente não possuíam endereço certo, causavam a revolta e às vezes até o ódio dos leitores, em vez do arrependimento, sentimento almejado pelo sacerdote.

Por conta de seu temperamento explosivo e por não colocar freios em seus escritos, Lopes Gama acabou por ganhar inimigos; e vários deles encontravam nos periódicos daquele tempo grandes aliados para a divulgação de suas idéias. As atitudes de Lopes Gama, pelo fato de muitas vezes se mostrarem incompatíveis com a vocação sacerdotal, foram muito criticadas por seus inimigos. Até seu espírito de caridade foi colocado em dúvida numa polêmica travada com *A Carranca*, periódico de cunho conservador que circulou em Recife de 1845 a 1847. A linguagem agressiva, repleta de ironia e humilhações, era comum nos periódicos que se ocupavam de discussões político-partidárias. Nesse periódico foi publicado um soneto, no dia 18 de abril de 1846, que atacava ferozmente o padre Lopes Gama ao compará-lo a um demônio e dar-lhe a alcunha de “sete-caras”:

---

<sup>12</sup> VALENTE, 1976, p.76.

## SONETO

O sete caras, frade de aluguel  
Sete seixos atira em seus iguaes,  
Sete partidos teve entre os mortaes  
Sete maldades tem como Lusbel

Mentiroso, impostor, ímpio, infiel,  
Servil, libidinoso... e verão mais,  
Que além das sete caras principaes  
Já foi Cavalcantista o papa-mel!

Atolado na praia até o nariz  
Da praia urdindo os planos d'inversão,  
Não ser praieiro agora ele nos diz!...

Que será este monstro em conclusão?  
He tudo, he nada, he frade, he meretriz,  
He moeda chem chem, negro gabão.

A prática de escrever anedotas, segundo Waldemar Valente, também era uma característica que afastava Lopes Gama da vocação sacerdotal. As anedotas são, para Valente, “incompatíveis com o conceito de decoro e de pudor que devia de servir de norma ao clero”<sup>13</sup>. O que este autor deixa de lado é justamente a função das anedotas segundo o propósito de Lopes Gama, que estava relacionado à moralização dos costumes da sociedade através da sátira. Em vários momentos de *O Carapuço*, Lopes Gama justifica o uso do “estilo faceto” como arma eficaz para corrigir os vícios das pessoas, citando outros autores que se serviram do mesmo procedimento, como Boileau, La Bruyère, Molière, Juvenal e Marcial. Sobre a função da sátira como instrumento didático, bem como o uso que dela fez Lopes Gama, falaremos em um próximo capítulo.

De qualquer maneira, o sacerdócio foi o destino de Lopes Gama. Em 1815, de volta a Recife, foi ordenado e aprovado como confessor da comunidade, depois de ter se submetido a exame para pregar no Mosteiro da Graça. Em 1817 assumiu a cadeira de Retórica do Seminário. Sobre as primeiras atividades profissionais de Lopes Gama, Evaldo Cabral, em

---

<sup>13</sup> VALENTE, 1976, p.77.

sua antologia de *O Carapuceiro* lançada pela Companhia das Letras em 1996, comenta que elas foram conseguidas devido ao fato de a família do padre ser bem relacionada com o “setor mais reacionário da capitania”, que era formado pelos comerciantes portugueses e os altos funcionários públicos. Quando Lopes Gama assumiu a cadeira de Retórica do Seminário de Olinda, em 1817, foi nomeado pelo último governador e capitão-geral da província Luís do Rego Barros, que o confirmou no cargo através de uma Carta Régia.

Cinco anos depois, em 1822, Lopes Gama deu início a mais uma das atividades que realizou durante sua vida: o jornalismo. Raimundo de Menezes, em seu *Dicionário Literário Brasileiro Ilustrado*, considera que em 1822 já estão presentes as duas grandes tarefas históricas de Lopes Gama: a de educador, que mais tarde o fez ocupar cargos na administração de escolas; e a de jornalista político, que o levou a atuar nas assembleias.

O primeiro periódico assinado e editado pelo padre Lopes Gama foi *O Conciliador Nacional*, em que ele divulgava sua defesa do sistema monárquico-constitucional. Iniciou a publicação em 4 de julho de 1822 e terminou em outubro de 1823 (sendo esta a primeira fase da publicação do jornal, que foi retomado em 1824 e prosseguiu até abril de 1825). Ao todo, 60 números foram publicados. A posição moderada de Lopes Gama, apresentada nesse periódico, rendeu-lhe a censura de vários escritores da época.

Foi essa postura, considerada por muitos de seus contemporâneos como “em cima do muro” que rendeu várias críticas feitas a Lopes Gama por Frei Caneca, um dos principais articuladores da Confederação do Equador. A Assembleia Geral Constituinte inaugurada em 3 de maio de 1823, logo após a proclamação da Independência, estipulou uma série de medidas que limitavam o poder do Imperador, por isso acabou por ser dissolvida à força em 12 de novembro de 1823. Em 25 de março de 1824 o Brasil ganhou uma nova Constituição, que se caracterizava pela centralização política e administrativa e por conferir maiores poderes ao Imperador. Além dos três poderes tradicionais, Executivo, Legislativo e Judiciário, um quarto

foi acrescentado, o Poder Moderador, inspirado no Poder Real, de Benjamin Constant, que atribuía ao Imperador “‘a chave de toda a organização política’, sendo sua função atuar como um poder neutro que zelasse pelo equilíbrio e pela harmonia entre os demais poderes.”<sup>14</sup>. Isso significou uma centralização total do poder nas mãos de D. Pedro. O resultado dessa política centralizadora, autoritária e intervencionista foi a eclosão de diversos movimentos de revolta em várias províncias. Uma das mais violentas aconteceu em Pernambuco no mesmo ano: A Confederação do Equador. Um dos principais líderes dessa revolta foi Frei Caneca, que considerava o Poder Moderador “a chave mestra da opressão da nação brasileira”<sup>15</sup>. Frei Caneca defendeu fervorosamente o sistema republicano e foi justamente por isso que suas idéias foram contrárias àquelas professadas por Lopes Gama. Assim, o carmelita, em sua “Sétima Carta de Pítia a Damão”, intitulada “Sobre a doutrina anticonstitucional e perigosa do *Conciliador Nacional*”, lançou, segundo Luís Delgado, um “exame severo e preconceituoso, exame de apaixonado”<sup>16</sup> ao periódico escrito por Lopes Gama. Frei Caneca considerava que Lopes Gama, como bem podia ser observado no periódico em questão, tinha medo de dizer as “verdades” que deveriam ser ditas, enumerando o que achava que fosse “bom” e o que fosse “ruim” em *O Conciliador Nacional*. Após citar uma série de “máximas” proferidas pelo padre carapuceiro, Frei Caneca comenta:

Deste golpe geral de vista sobre o *Conciliador* se conhece que o seu redator está ao fato dos princípios gerais, os mais próprios das atuais circunstâncias do Brasil; e era para desejar que ele os apresentasse de uma maneira que os seus leitores não pudessem deixar de atender, e se aproveitassem destas verdades, como sucede ao que fita os olhos no sol no seu zênite, que não pode deixar de vê-lo; mas é muito dissaboroso que o faça com tantos refulhos, que a maior parte dos seus leitores não haja refletido, nem atendido a estas verdades. Além disto, descobre-se no redator um terror pânico de dizer as verdades, que mostra uma bem visível contrariedade com o protesto que no nº 3 fez, *de dar a vida pela verdade*.<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup> BASILE, 1990, p. 213.

<sup>15</sup> BASILE, 1990, p.214.

<sup>16</sup> DELGADO, 1958, p.9.

<sup>17</sup> CANECA, Frei. In: MELLO, 2001, p.248.

A impressão de que o padre carapuceiro tinha medo das “verdades” era causada, talvez, pela posição moderada que norteava a maior parte das opiniões de Lopes Gama relativas à situação política pela qual o Brasil passava naquele momento. As atitudes e os pensamentos radicais são combatidos por Lopes Gama, como podemos observar em suas próprias palavras: “A Historia, essa grande mestra da vida, nos ensina, que os homens de extremos são os mais perigosos em todas as mudanças politicas.”<sup>18</sup>

No dia 2 de julho de 1824 a revolta tem seu ápice e Pernambuco proclama a Confederação do Equador, o que significava que aquela província se tornava independente. A revolta recebeu o apoio do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. Dentre as intenções do novo governo, uma delas era a abolição do tráfico negreiro, o que causou uma reação das elites no sentido de recuarem neste processo e facilitou a repressão ao movimento. Depois de seis meses de luta, a revolta foi sufocada sob uma enorme e violenta repressão que acabou gerando a execução de rebeldes, dentre eles, Frei Caneca.

Evaldo Cabral, em sua edição, destaca o cuidado que Frei Caneca apresentava quando falava da família de Lopes Gama e de seu irmão, Caetano Maria Lopes Gama, futuro Visconde de Maranguape. Na verdade, a estima parecia ser mútua, como podemos observar nas páginas de *O Carapuceiro* em que Lopes Gama fala de Frei Caneca. Na edição de número 65, publicada no dia 10 de agosto de 1833, intitulada “A os meus Caros Patricios, isto he; a todos os Brasileiros”, Lopes Gama relata um sonho profético, que teve certa noite, em que Frei Caneca aparecia como personagem principal, mostrando os horrores pelos quais o Brasil passaria caso D. Pedro voltasse a reinar. Dessa maneira, Frei Caneca é visto por Lopes Gama como profeta, ou seja, figura capaz de prever o futuro e de alertar seus conterrâneos quanto aos perigos.

---

<sup>18</sup> *O Carapuceiro*, número 21 (21/06/1834), p.2.

A posição política de Lopes Gama, que ele tão bem demonstrou nos vários periódicos que sozinho redigiu e publicou, muitas vezes pareceu contraditória, por exemplo, por condenar a escravidão e o absolutismo e, ao mesmo tempo, demonstrar ser anti-republicano e anti-revolucionário. Sem dúvida, essa visão em muito incomodou outros intelectuais que se destacaram pelo modo radical com que defendiam suas opiniões, como o próprio Frei Caneca. Anos mais tarde, Gilberto Freyre, em artigo publicado em 17 de setembro de 1942, no *Jornal do Comércio*, de Recife, intitulado “Um ortodoxo brasileiro do século XIX”, afirmou que Lopes Gama era um mestre do bom-senso em meio a “Dons Vitais” e “Freis Canecas”.

O objetivo de Lopes Gama era lutar para a independência do Brasil e combater a idéia de que os problemas econômicos e sociais poderiam ser resolvidos através de mudanças políticas e sociais promovidas radicalmente. Lopes Gama acreditava que todas as questões que atrapalhavam o “avanço” do país eram oriundas da falta de moral e da falta de educação, por isso pregava uma reforma dos costumes – o que só poderia acontecer através da eliminação dos vícios que a sociedade apresentava.

Na verdade, a imprensa foi a grande aliada de Lopes Gama na divulgação de suas idéias. A atividade jornalística, que se iniciou com a publicação de *O Conciliador Nacional*, é paralela à direção do *Diário da Junta do Governo*, diário oficial do governo provisório que se elegeu a 24 de setembro de 1822. Esse último periódico durou de 8 de fevereiro de 1823 a 11 de junho do mesmo ano. Ao todo, foram 16 números. Trabalhou também na imprensa oficial em 1824, que é quando assume a redação e a direção do *Diário do Governo de Pernambuco*, periódico que circulou até junho de 1825. Neste ano, Lopes Gama assumiu a cadeira de Retórica, além de ter sido encarregado da direção do Liceu Pernambucano. Paralelamente a essas duas atividades, também foi incumbido pelo governo da província de visitar e fiscalizar as escolas públicas. Em 1826, ano em que adoeceu, viu-se obrigado a abandonar a direção do Liceu.

Em 1829 vários periódicos de cunho político-partidário surgiram, travando polêmicas cada vez mais acirradas entre aqueles que defendiam a monarquia absoluta e os que desejavam o constitucionalismo. Lopes Gama também foi colaborador de *O Diário de Pernambuco* no momento em que esse periódico passou a lutar contra o absolutismo. Dentre os periódicos de tendência absolutista que circulavam em Recife na primeira metade do século XIX, podemos destacar *O Cruzeiro*, de maio de 1829, escrito pelo vigário Barreto, e *O Amigo do Povo*, redigido também pelo vigário Barreto e pelo padre José Marinho Falcão Padilha. A principal característica deste último era uma linguagem, segundo Waldemar Valente, “grosseira e desenfreada”<sup>19</sup>. Lopes Gama também dirigiu *O Constitucional*, periódico em que apresentava sua defesa dos liberais e que, segundo Waldemar Valente, muito contribuiu para a queda do absolutismo defendido pelas Colunas do Trono e do Altar, sociedade secreta fundada com o objetivo de apoiar D. Pedro I e o absolutismo.

Em 1830, Lopes Gama também publicou *O Popular*, jornal que circulou de junho deste ano até 1831, com o total de 75 números. O programa defendido por ele nesse periódico era baseado na luta pela liberdade, pela Constituição e pela defesa do Imperador, contra o absolutismo e a demagogia. Luís Delgado<sup>20</sup> afirma que nesse programa estava o rumo político que Lopes Gama seguiu em toda a sua vida. Depois disso, dirigiu outro jornal, *O Federalista*, órgão da Sociedade Federal de Pernambuco, que circulou de 30 de dezembro de 1831 até princípios de 1841 (com irregularidades na periodicidade) e que teve outros redatores.

Para divulgar suas idéias contrárias às da sociedade das Colunas do Trono e do Altar, Lopes Gama lançou, em 1832, o poema satírico *A Columneida*, que possuía o objetivo de atacar os periódicos de orientação absolutista *O Cruzeiro* e *O Amigo do Povo*. Nele, Lopes Gama traçou, através da caricatura, o perfil do vigário Barreto e do padre Marinho Padilha,

---

<sup>19</sup> VALENTE, 1976, p.84.

<sup>20</sup> Cf. DELGADO, 1958.

redatores desses jornais. Foi nesse ano que Lopes Gama começou a escrever *O Carapuceiro*, periódico do qual trataremos com mais detalhes, em nossa pesquisa, nos próximos capítulos.

Em 1834<sup>21</sup>, Lopes Gama dispensou seus votos monásticos, deixando a Ordem Beneditina. A notícia de sua secularização apareceu nas páginas de *O Carapuceiro* número 29, de 16 de agosto. Em um artigo cujo título, “Federação puramente republicana seria uma desgraça para o Brasil”, que trazia como assunto principal o combate às idéias republicanas, Lopes Gama escreveu um anúncio para comunicar a notícia aos seus leitores. Apesar da dificuldade que encontramos em ler esse anúncio, devido ao fato de ele aparecer mutilado na edição fac-similar, percebemos que Lopes Gama o faz de maneira extremamente objetiva, utilizando as sete linhas finais de seu periódico para declarar que, a partir daquele momento, retiraria o “Frei” de sua assinatura. Sobre a causa da secularização, Luís Delgado<sup>22</sup> reproduz as palavras de Pedro Autran da Mota e Albuquerque, amigo de Lopes Gama, publicadas no *Diário de Pernambuco* de 30 de abril de 1853:

Depois da abdicação<sup>23</sup>, vendo Frei Miguel desamparada dos bens da fortuna a irmã que o criara, D. Ana Benedita Boaventura do Carmo, e suas sobrinhas, entendeu que devia secularizar-se, como, de fato, fez, bem a seu pesar porque tinha grande amor ao instituto de São Bento, e chamou-as para sua companhia.

Entre janeiro e abril de 1835, Lopes Gama assumiu a função de primeiro diretor do Colégio de Órfãos; nesse mesmo ano tomou posse, interinamente, como diretor do Curso Jurídico de Olinda. Foi, também, nomeado Deputado Provincial. Dessa maneira, exerceu funções em duas das áreas em que mais atuou em sua vida: a educação e a política.

Lopes Gama escreveu também uma série de artigos intitulados “Literatura”, publicados no *Diário de Pernambuco*, do dia 8 de junho a 17 de setembro do ano de 1836,

---

<sup>21</sup> Câmara Cascudo afirma, em sua *Antologia do Folclore Brasileiro*, que o ano da secularização de Lopes Gama foi 1839. Como a notícia da secularização é dada pelo próprio padre, em 1834, consideraremos que essa é a data correta.

<sup>22</sup> DELGADO, 1958, p.11.

<sup>23</sup> Pedro Autran faz referência à abdicação de D. Pedro I ao trono, ocorrida em 1831.

que podem ser considerados como trabalhos de crítica literária. Outra atividade que também fez parte da vida de Lopes Gama foi a tradução. Em 1837 o padre publicou três delas: *Memória sobre quais são os meios de fundar a moral de um povo*, de Destut de Tracy; *Refutação completa da pestilencial doutrina do interesse propalada por Hobbes*, de Torombert; e *Princípios gerais de economia pública e industrial*, de Turanne.

Em março de 1839 Lopes Gama abandonou a direção do Curso Jurídico e, em dezembro deste mesmo ano, jubilou-se como professor do Colégio das Artes, instituição de ensino que era uma espécie de desdobramento do Seminário de Olinda e anexa ao Curso Jurídico, que foi criado em 1832 quando o governo retirou deste as cadeiras relativas ao estudo das humanidades.

O ano seguinte marca mais uma etapa na carreira política de Lopes Gama. Em maio de 1840, ele assumiu a cadeira de deputado no Rio de Janeiro, substituindo o deputado titular, Sebastião do Rego Barros, de quem era suplente. Durante o período em que fixou residência na Corte, publicou o seu *O Carapuceiro* nas páginas de outro periódico, o carioca *O Despertador*. Sua função como colaborador no jornal do Rio de Janeiro não durou muito. Logo, Lopes Gama, que segundo Waldemar Valente encontrara na Corte “excelente manancial de temas e sugestões”, começou a publicar autonomamente o seu *O Carapuceiro na Corte*. Este periódico possuía maior tamanho do que o que circulava em Recife, mas conservava as 4 páginas com 2 colunas. Neste ano, também publicou a tradução do *Novo curso de filosofia*, de Gerusez. Em 1841 Lopes Gama publicou, de sua autoria, a prosa satírica *O Código Criminal da Semi-República do Passamão na Oceania*. Além disso, também lançou *A Farpeleira ou Princípio, meio e fim das filhas de Jerusalém com seus visos de poema*, que foi publicado, segundo Afrânio Coutinho<sup>24</sup>, anonimamente. Lopes Gama, em 1844,

---

<sup>24</sup> Cf. COUTINHO, 2001.

iniciou a publicação de um novo periódico, *O Pernambucano*, de que só são conhecidos oito números.

No ano seguinte, 1845, o padre é eleito deputado por Alagoas. Esse ano também marca o início da publicação de um dos seus mais importantes periódicos: *O Sete de Setembro*, analisado por Amaro Quintas em seu livro *O Padre Lopes Gama: um analista político do século passado*, lançado em 1975. Amaro Quintas faz uma análise da atividade política exercida pelo padre Lopes Gama. Considera o periódico *O Sete de Setembro*, que circulou em Recife de 7 de setembro de 1845 a 16 de abril de 1846, tão valioso quanto *O Carapuceiro*, principalmente por ser de extrema valia para a compreensão da vida do padre.

Amaro Quintas considera o padre Lopes Gama como um pioneiro pesquisador das Ciências Sociais no Brasil. O prefácio de seu livro, escrito por Waldemar Valente, outro estudioso da obra de Lopes Gama já referido anteriormente, considera o trabalho de Quintas como a primeira biografia aprofundada do padre Lopes Gama, além de destacar a ligação que ele faz das idéias do padre ao pensamento dos socialistas utópicos e ao Manifesto Comunista de Marx e Engels:

Falando acerca de diferenças entre classes sociais, o historiador Amaro Quintas reivindica para o padre jornalista a posição de precursor da teoria da luta de classes, de Marx. Para o ensaísta pernambucano a luta entre praeiros e gabirus está perfeitamente configurada dentro do fenômeno do choque de classes. O manifesto comunista, de 1848, é comparado à apreciação de Lopes Gama, de 1845.<sup>25</sup>

De fato, comentando um artigo publicado em *O Sete de Setembro*, número 4, de 20 de setembro de 1845, intitulado “Melhoramento da sorte das classes industriais”, Amaro Quintas afirma ser este um bom exemplo para se ter uma idéia segura do pensamento político-social de Lopes Gama. Este artigo, segundo ele, também demonstra que o padre “nutria suas

---

<sup>25</sup> VALENTE, Waldemar. In: QUINTAS, 1975, p.19.

simpatias pelas soluções socialistas”<sup>26</sup>, deixando claro que, para ele, o Brasil ainda não estava pronto para aplicar o liberalismo. Quintas destaca também que no periódico *A Ratoeira*<sup>27</sup>, escrito Lopes Gama, há a justificativa de sua oposição à instalação de um regime democrático no Brasil, assim como a demonstração de sua admiração pelos socialistas utópicos St. Simon, Fourier e Owen.

A ligação do “pensamento socialista” com as idéias de Lopes Gama também mereceu uma pequena análise feita por Astrojildo Pereira em seu livro *Crítica Impura: autores e problemas*. Nela, o autor considera a figura do padre Lopes Gama “extremamente interessante”, principalmente pelas atividades profissionais que exerceu e pelo jornalismo político que fazia. Ressalta a formação clássica do sacerdote, seu patriotismo e “temperamento combativo”, afirmando que “tudo o empurrava ao exercício de intensa e movimentada atividade pública, que se desenvolveria simultaneamente na cátedra, na administração, no parlamento e, sobretudo, no jornalismo.”<sup>28</sup>

Sem dúvida uma das grandes áreas em que Lopes Gama demonstrou seu temperamento combativo foi no jornalismo. Mas não podemos esquecer que a educação também foi um grande campo de atuação e de divulgação de suas idéias. As inúmeras atividades que exerceu na administração de escolas, bem como dentro das salas de aula, acabaram por fazer com que ele se preocupasse também com o destino da educação no Brasil. Em 1846, ano em que assumiu a cadeira de deputado por Alagoas, para a qual havia sido eleito em 1845, Lopes Gama publicou, no Rio de Janeiro, um de seus mais importantes livros: *Lições de Eloquência Nacional*<sup>29</sup>.

---

<sup>26</sup> QUINTAS, 1975, p.24.

<sup>27</sup> Amaro Quintas considera esse periódico uma descoberta, pois não se sabia que seu autor era Lopes Gama. A folha trazia o interessante subtítulo “periódico pequenino, mas gostozinho”. O único exemplar deste periódico saiu no dia 3 de setembro de 1847.

<sup>28</sup> PEREIRA, 1963, p.125.

<sup>29</sup> Esse livro recebeu sua segunda edição em Recife, no ano de 1851.

A finalidade das *Lições*, para Lopes Gama, era estudar “a Eloquência aplicada ao nosso idioma”. Nelas, encontramos um forte apelo pedagógico, sem dúvida reflexo das inúmeras atividades relacionadas à educação que desenvolveu em sua vida. A preocupação em analisar autores contemporâneos a ele segundo a ótica dos “grandes Mestres”, como Aristóteles, Cícero e Quintiliano, pode ser observada em seus textos:

Muitos desdoiram o lustre e autoridade da Eloquência alguns discursos tão vazios de idéias como de sentido e razão; uns, tecidos de paralogismos brilhantes que iludem a multidão e fazem rir o sábio; outros, vestidos de pensamentos triviais, de expressões estudadas, tiradas de lugares comuns já gastos pelo contínuo uso. A sabedoria, assim como é o fundamento de todas as outras coisas, também o é da Eloquência; e para estabelecer a graça da elocução e a elevação das idéias, é mister ajuntar, como Platão, a arte de dizer e a de pensar elegante e sublime. Não é muito comum esta união, apesar de tão necessária. O mesmo Horácio por tal a reconheceu, quando assinala a sabedoria como princípio e fonte de escrever bem. O mesmo Platão, em seu *Gorgias*, disse que o orador há de possuir a ciência dos filósofos. Aristóteles, depois, nos ensina em sua *Retórica*, que a verdadeira filosofia é a guia secreta de todas as artes.<sup>30</sup>

Apesar de sua adoração pelos escritores clássicos, principalmente no que se refere ao uso da língua, o padre não chegou ao ponto da adoração pelo purismo, como observa Luís Delgado:

Ensinando eloquência, o Pe. Lopes Gama mostra-se um espírito variado e lúcido. Não são apenas regras mais ou menos fixas e mortas o que ele expõe: teorias sobre as artes e as letras, apreciações críticas, opiniões sobre problemas culturais e pedagógicos arejam e ilustram as páginas desse livro em que muita coisa teríamos realmente a aprender ainda hoje.<sup>31</sup>

Podemos notar essa característica pelas próprias idéias que Lopes Gama proferiu em *Lições de Eloquência Nacional*, como na análise que ele faz da obra do padre Antônio Vieira. Nela, o padre pernambucano enumerou algumas características da obra de Vieira, dentre elas

---

<sup>30</sup> GAMA, Lopes. In: DELGADO, 1958, p. 19-20

<sup>31</sup> DELGADO, 1958, p.14.

a sua capacidade de “renovar” a língua, o que revela a flexibilidade de Lopes Gama no que diz respeito à linguagem:

De mais, enquanto uma língua é escrava da autoridade, não se pode esperar que engrosse muito os seus tesouros. Que progresso, que perfeição, que riqueza poderia ter uma língua que nunca discrepasse, nem um ápice, das autoridades de um outro século? Os escritores da primeira ordem, esses engenhos raros que aparecem de século em século, são os que ampliam os apertados limites da Analogia e, como legisladores, se elevam acima do uso e da autoridade; e isto fez o Padre Vieira, não poucas vezes. Ele, com grande destreza, deu à nossa língua uma flexibilidade maravilhosa, qual pedia a novidade, variedade, vivacidade e força de seus pensamentos, de maneira que, se não fora a sutileza de espírito deste autor, ainda hoje não saberíamos se se podia dizer em português muita coisa que ele disse e, muitas vezes, pediríamos licença aos críticos para usar de engenhosos termos e primorosas frases com que ele exprimiu o que antes se não havia escrito. É admirável a cópia da sua dicção e variedade da frase, a escolha e propriedade das suas expressões, a elegância de suas metáforas e (o que deveriam ainda hoje imitar os escritores judiciosos) a discrição em aproveitar em lugar conveniente as vozes e frases antigas. Nem se deve deixar em silêncio que a este insigne escritor devemos ter a linguagem mais expurgada das antigas fezes do dialeto galiciano que, a cada passo, se acha de mistura nos autores que lhe precederam.<sup>32</sup>

Além da prática de relacionar a literatura com a língua, também podemos encontrar em um capítulo de *Lições de Eloquência Nacional*, o pensamento de Lopes Gama sobre a relação entre arte e imitação, o que reflete, sem dúvida, a influência de textos clássicos, como *A Poética* de Aristóteles:

Sendo a arte o que nos agrada na imitação, e não a parecença, não se produziria o prazer da imitação se a arte se roubasse à nossa inteligência; em outros termos, se tomássemos por um efeito natural a parecença entre a imitação e o objeto imitado. Logo, para que a imitação produza sobre nós o seu efeito, é mister que sejamos sempre informados de algum modo que a parecença foi procurada e produzida de propósito. (...) A pretensão das artes que imitam a natureza é, sim, assemelhar-se a esta, mas não a de fazer que os espectadores creiam que têm debaixo dos olhos a natureza mesma. (...) O mesmo efeito produzem flores artificiais bem feitas, se não as examinamos de perto. Enquanto nos iludem, não vemos nelas senão lindas flores; mas, o prazer da arte só começa no momento em que desaparece a ilusão.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> GAMA, Lopes. In: DELGADO, 1958, p. 94-95.

<sup>33</sup> GAMA, Lopes. In: DELGADO, 1958, p. 32-33.

Todas essas preocupações em relação à língua falada e escrita no Brasil, bem como aos livros que deveriam fazer parte da vida escolar de todos os alunos neste país, refletem o cuidado que Lopes Gama tinha com a educação e as atividades que ele desenvolveu nesta área, que foram muitas.

A preocupação de Lopes Gama com a Língua Portuguesa era reflexo de seus estudos e de sua relação com a educação no país. Nem mesmo a linguagem de alguns periódicos escapou de sua crítica, levada muitas vezes a discutir o “estilo” utilizado por seus colegas publicistas. Uma das constantes reprovações de Lopes Gama em relação aos textos de outros jornais era o uso constante que estes faziam de palavras e expressões francesas, o que pode ser considerado um indício muito forte do nacionalismo presente em vários de seus artigos. Além disso, considerava que muitas vezes a linguagem por eles utilizada era “bastarda”, de um “estilo bordalengo e mosqueado (...) estilo furta-cores e ridículo”, repleto de galicismos.

Lopes Gama constantemente declara que se dedica ao estudo da “verdadeira elocução portuguesa”, admitindo, ao mesmo tempo, a dinâmica histórica da língua. Porém, demonstra que não acha certo nivelá-la por baixo, o que pode ser entendido como idéia contrária à influência que a linguagem dos escravos exercia sobre a Língua Portuguesa. Para ele, a Língua Portuguesa falada deveria receber a influência de escritores ilustres, como o padre Antônio Vieira. Todas essas idéias estão presentes em *Lições de Eloquência Nacional*, livro que merece destaque, por mostrar claramente de que maneira as teorias clássicas influenciavam o pensamento de Lopes Gama, o que explica as apreciações que faz das obras de grandes autores da Língua Portuguesa, como Camões e Vieira. Assim, temos também, em *Lições de Eloquência Nacional*, um trabalho que se aproxima da crítica literária, fortemente influenciado pelas disciplinas clássicas.

Sobre a atividade de Lopes Gama como crítico literário, encontramos as reflexões de Wilson Martins no livro *A crítica literária no Brasil*. Nesse livro, Martins afirma que a crítica

literária brasileira obedece a uma divisão: teríamos uma pré-história e uma história. Na pré-história poderíamos destacar a presença das academias literárias do século XVIII. Na história, encontraríamos algumas “famílias espirituais”. Esse critério de divisão da crítica em “famílias” consiste em um método

que se baseia não em caracteres acidentais e exteriores, mas na própria natureza dessa atividade e das inteligências que a praticaram: trata-se de descobrir na crítica não as suas aparências ocasionais, mas o seu espírito profundo.<sup>34</sup>

Dessa maneira, Wilson Martins pretende escrever a evolução da crítica literária brasileira não segundo uma sucessão ou uma perspectiva cronológica, mas transformando a história literária

de uma justaposição mais ou menos feliz (mas arbitrária) de capítulos, num todo único e orgânico, no qual os escritores não se sucedem como os soldados de um desfile, mas se inter cruzam como os filamentos de um tecido. pois a vida da literatura não é uma sucessão, mas uma coexistência.<sup>35</sup>

Um crítico poderia, então, segundo este método, pertencer a mais de uma família espiritual.

Assim, de acordo com a divisão da crítica em uma pré-história e uma história, teríamos, nesta última, as seguintes famílias espirituais: gramatical, humanística, histórica, sociológica, impressionista e estética. A obra do padre Lopes Gama se encaixaria, segundo Wilson Martins, na “linhagem humanística”, que se caracteriza pela presença da retórica clássica e pelo objetivo de formar a personalidade pelas “humanidades” – a gramática, a retórica e a dialética. A principal característica da linhagem humanística seria a posse de um espírito erudito:

---

<sup>34</sup> MARTINS, 1983, p. 35.

<sup>35</sup> MARTINS, 1983, p. 38.

Para eles, o fenômeno literário é de natureza filosófica, e a literatura, um instrumento de conhecimento do homem. A noção de estilo deixa de ser gramatical para se tornar filológica, renunciando concepções que muitos imaginam mais recentes. Por outro lado, o indispensável conhecimento das fontes, pela leitura direta dos autores gregos, latinos e hebreus, inicia a corrente contemporânea de investigação que veio caracterizar não apenas o trabalho literário propriamente dito, mas todo o campo das ciências sociais em sua acepção mais larga.<sup>36</sup>

São essas algumas das características que podemos encontrar na crítica literária exercida pelo padre Lopes Gama nas páginas de suas *Lições de Eloquência Nacional*. Neste livro, lançado no Rio de Janeiro quando ocupava a cadeira de deputado geral por Alagoas, percebemos claramente a influência das disciplinas clássicas, principalmente da Retórica, da qual o padre havia sido professor no Liceu Pernambucano. O trabalho do padre como crítico literário também pode ser encontrado nas *Observações críticas sobre o romance do sr. Eugênio Sue, “O judeu errante”*, publicado um ano depois das *Lições*, em 1847. Neste ano, Lopes Gama também lança a tradução de *Uma lição acadêmica sobre a pena de morte*, de Carmignani, e é nomeado, pela segunda vez, diretor do Curso Jurídico de Olinda, função que exerce até 1850, ano em que reassume a direção do Liceu. Um ano depois assume a direção geral dos estudos na província.

Em 1852, no Rio de Janeiro, Lopes Gama colabora com o jornal *Marmota Fluminense* e publica a tradução de *Os deveres dos homens*, de Silvio Pellico. Em 9 de dezembro deste mesmo ano, morre em Recife. “E a palavra final que se há de dizer a seu respeito, é que se impõe corrigir a injustiça do esquecimento de que ele está hoje recoberto.”<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> MARTINS, 1983, p. 106.

<sup>37</sup> DELGADO, 1958, p. 17.

## Uma descrição de *O Carapuceiro*

Em 7 de abril de 1832, *O Carapuceiro* saiu às ruas pela primeira vez. Impresso na Tipografia Fidedigna de José Nepomuceno de Mello, situada na Rua das Flores, 18, tinha o formato 21x15, in-folio, contendo quatro páginas, cada uma delas com duas colunas.

O periódico trazia em seu cabeçalho uma epígrafe de Marcial, em latim, “Hunc servare modum nostri novere libelli / Parcere persones, dicere de vitiis”, e sua tradução para a língua portuguesa, “Guardarei nesta folha as regras boas / Que é dos vícios falar, não das pessoas”.

O título do jornal, *O Carapuceiro*, aparecia em caixa alta logo acima da epígrafe, designando aquele que vende ou que fabrica carapuças. Lopes Gama nomeia o periódico com a profissão que pretendia “exercer”, naquelas folhas, inspirado na expressão popular utilizada até hoje: “vestir a carapuça”, que significa tomar para si uma crítica que havia sido direcionada a outra pessoa. O filólogo Antônio Houaiss, em seu *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*<sup>38</sup>, destaca o sentido figurado da palavra **carapuça**, utilizada para fazer uma “alusão direta, frequentemente crítica ou pífida”. Além disso, Houaiss destaca como significado da palavra como “papel especialmente escrito para um ator”, explicação dada também por Mario Prata em *Mas será o Benedito? Dicionário de provérbios, expressões e ditos populares*: “Na gíria teatral brasileira, carapuça é quando um autor escreve um papel especialmente para determinado ator. Portanto, o ator “veste a carapuça”<sup>39</sup>. O sentido utilizado por Lopes Gama, com certeza é o figurado, ou seja, significa que uma pessoa assume uma crítica que havia sido direcionada a outro justamente porque merece essa crítica. Em diversos momentos de *O Carapuceiro* Lopes Gama afirma que as carapuças que fabrica

---

<sup>38</sup> Antônio Houaiss aponta como registro mais antigo da palavra **carapuça** na língua portuguesa o ano de 1452. Quanto à etimologia, afirma: “esp. *carapuça* (c1400), hoje *caperuza*, prov.der. de *capa*, este do lat.tar. *cappa,ae* 'certo tipo de casaco com capuz, capa'; ver *3cap-*; f.hist. 1452 *caperuça*, sXV *carapuça*.”

<sup>39</sup> PRATA, 1996, p. 174.

ou que pretende vender em sua “loja” não possuem um “cliente” determinado, e que aqueles que se “assentarem” bem com alguma delas, que a tomem como deles.

O cabeçalho trazia também o ano da publicação, a data em que circulava e o número do periódico, além do nome e do endereço da tipografia em que era impresso. Em alguns números o endereço da tipografia vinha na última página do periódico, o que indica que não havia padronização quanto à diagramação. Ao longo dos anos da publicação, percebemos outras pequenas diferenças no cabeçalho que comprovam essa falta de padronização, como a disposição das informações relativas à data de circulação e ao número do periódico, que ora aparecem acima do título, ora aparecem ao lado.

No primeiro número, de 7 de abril de 1832, Lopes Gama justificava a epígrafe, afirmando que não se meteria em brigas particulares, como faziam, principalmente entre si, os outros jornalistas. Além disso, o cabeçalho também trazia o mote “Periódico sempre moral, e só *per accidens* político”. O que podemos observar é que a política foi discutida em boa parte das edições, deixando claro que nesse *per accidens* existia ironia, recurso muito utilizado por Lopes Gama em sua escrita. “Tractarei algumas vezes de objetos políticos, quando vierem a pello, ou a correnteza dos sucessos exigir que delles fale”<sup>40</sup>. Ao que parece, a política estava sempre “a pêlo”, exigindo que Lopes Gama dela falasse. Já no terceiro número do jornal, de 28 de abril de 1832, o assunto principal discutido foi a política, fato justificado pelas palavras do autor:

A pezar de ter dedicado este meu pequeno Periodico tao’ somente à Moral; todavia como disse que per accidens tractaria alguma cousa de Política, nao’ devo passar por alto o horriavel atentado da facçao’ mais insolente que tem apparecido no Brazil, quero dizer; a rebelião dos ingratisimos columnas<sup>41</sup>.

---

<sup>40</sup> *O Carapuceiro*, número 1 (01/02/1834), p. 3.

<sup>41</sup> Lopes Gama faz referência à sociedade secreta Colunas do Trono e do Altar, fundada com o objetivo de apoiar o imperador Dom Pedro I e que se caracterizava pela oposição às idéias liberais e pelo conservadorismo.

Assim, Lopes Gama não poderia deixar de falar sobre as injustiças cometidas no Brasil, que na maioria das vezes eram causadas pela falta de compromisso daqueles que se dedicavam à política. Aliás, segundo o autor, vários defeitos morais da população estavam ligados à política, o que foi condenado por ele em várias páginas de *O Carapuceiro*. Para ele, por exemplo, aqueles que ocupavam os maiores cargos do Estado deveriam servir de exemplo para o restante da população, mas cometiam vários erros morais, como a corrupção, que serviam como modelo para o povo. Lopes Gama deixava claro que os defeitos não estavam nas teorias políticas, mas nas pessoas que tentavam colocá-las em prática. Por isso, ele acreditava que para que houvesse qualquer reforma política brusca, era preciso, antes de tudo, corrigir os defeitos ligados à moral daquelas pessoas que estavam envolvidas nesses processos.

ANNO DE 1832. *Sabbado 7 de Abril.* NUMERO 1.

PERIODICO SEMPER MORAL, E SO'

PER ACCIDENS POLITICA.

# O CARAPUCEIRO,

*Nunc servare modum nostri novere libelli:  
Parcere personis, dicere de vitiis.*  
Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei neste Folia as regras boas,  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

IMPRESSO EM PERN. POR J. N. DE MEILLO NA TYP. FID. DAS FLORES N. 17. — 1832

Em quanto os outros Periodicos d'alto cothurno todas s'empregão na Politica; huns explicando direitos, e deveres socciaes, outros levantando questões subtilissimas; estes dando alvites; ora acertados, ora com o pequeno defeito, de serem impraticaveis, aquelles alardeando aqui para nós) seu bom parade p'voices; em quanto os mais valentões, e como se costuma dizer, de faca; e calhão, lá se esmechão huns aos outros, lá se mordem, e esfarrachão, como cães damnados, o que prova admiravelmente, que ambos tem carradas de rasão; e eu, que sou hum piégus no circo dos gladiadores Periodiqueiros, não me metterei nesses debuchos, nem he minha intenção pôr-me a escarapellas, e tracamundanas com o meu proximo, huns por que os respeito por bons, outros por que os temo por Ferrabraxes.

O meu campo neutro será a Moral: e como os vicios são sujeitos sem corpo, nem alma, são assim por modo de cousas encantadas (por que encantão a muita gente) esses serão os Paladinos, que me propo-

nho a combater. Bem sei eu, que a pezar de não trazerem faca, não serão capazes de dar hum socco, so quer; são todavia senhores muito de suas pessoas; e valentões, como elles sós: mas o mais a que chegado, he levarem mil vergalhadas, e continuarem na mesma: alguns por rem-hã; que se correm, e envergonhã; e por isso não tornão pelas suas más manhas. Bem verdade he, que a maior parte dos meus muito respeitaveis Colegas; os Srs. Journalistas le bacolha, no 1.º Numero; com que estreado a campanha, Periodiqueira, promettem, jurão, e trejurão; que não offenderão a folego vivo, nem que os escorchem; por que só querem derramar luzes, ainda bem que muito baratas, que custão á rasão de 80 rs. cada candeinha, mas em poucas pallietadas esquecem as promessas, como aos navegantes, e paridas, e eilos engulfiados huns nos outros, descaitando-se de parte a parte toda a ladainha das suas vidas privadas. Mas se eu digo aos meus benignos Leitores, que tal tenção não faço; por que me não hão de acreditar? De mais

FIGURA 1 – Primeiro número de *O Carapuceiro*, publicado em 7 de abril de 1832.

No número 9 do primeiro ano de *O Carapuceiro*, cujo assunto principal é a corrupção que assolava o país, Lopes Gama transcreveu um fragmento do *Sermão do Bom Ladrão*, do padre Antônio Vieira, para ilustrar seu pensamento, expresso nas seguintes palavras:

Clama-se todos os dias (e com razão) contra os ferrenhos tempos do despotismo. Os liberaes não fazem se não annunciar o século de ouro à sombra da magestosa arvore da Constituição! Ahi está a Constituição: e que he feito do melhoramento? Aonde está a reforma dos costumes? Onde a felicidade geral? Os Governantes (com poucas excepções) vão sempre fazendo o que querem, e mui raras vezes o que devem (...) em summa não vejo por toda a parte, se não alicantineiros, e gente de venha a nós (?) o palavreado na ponta da língua: bellas theorias, excellentes planos em papel, e da prática (que he o grande caso) nada, ou quase nada. Provirá isto de algum vicio intrínseco a o systema Liberal? Não especialmente: ele he justo, he precioso, he optimo. O mal nasce, não das cousas mas das pessoas; vem de não começarmos a reforma por nós outros, vem dos maiores, e graúdos do Estado, que devendo abrir o exemplo não se querem desfazer do seu fausto, do caprixo, dos seus maus hábitos. D'ahi parte a corrupção, que se estende às últimas classes da sociedade.<sup>42</sup>

Os exemplares de *O Carapuceiro* só passaram a ter título a partir da edição número 4. Eles foram grafados em caixa alta ou versalete do mesmo tipo da composição comum, de corpo 10. Em algumas edições os textos terminam com o tipo de corpo 8 ou 7, recurso utilizado para fazer caber no espaço disponível o texto integral. É comum encontrar, no final das edições, variedades e anedotas que parecem ser utilizadas para preencher o espaço que sobrava.

A partir do número 11, surgiu a ilustração na primeira página do periódico. Ela representava uma loja de chapéus onde o lojista experimentava um de seus produtos na cabeça de um freguês, ou seja, mostra um “carapuceiro” experimentando as carapuças na cabeça de seus “clientes”. É claro que a figura desse lojista representava, na verdade, o próprio padre Lopes Gama, que pretendia, através de sua escrita, colocar as carapuças nas pessoas através da denúncia de seus vícios. Em vários trechos do periódico, Lopes Gama

---

<sup>42</sup> *O Carapuceiro*, número 9 (23/07/1832), p. 33.

deixou claro que ele representava o papel daquele que colocava as carapuças nas pessoas, o que lhe rendeu o apelido de padre carapuceiro:

Fação de conta que assim como há lojas de chapeos, o meu Periódico he fabrica de carapuças. As cabeças em que ellas assentarem bem, fiquem-se com ellas, se quizerem, ou rejeitem-as, e andarão com a calva às moscas, ou mudem de adarme de cabeças, que he o partido mais prudente.<sup>43</sup>

Mais val tarde, que nunca. Até aqui vendi carapuças a retalho, ora aqui, ora ali, ora acolá. Agora estou de loja aberta: e tenho carapuças de todos os tamanhos, e para toda a casta de cabeça. Cheguem, freguezes, chegue. Caião os cobres, menos os chanchãas.<sup>44</sup>

Quanto à periodicidade do jornal, podemos observar que ela não era regular. As datas de publicação apresentam variações do início ao fim de sua circulação. Algumas vezes o jornal saiu somente aos sábados, outras aos sábados e quartas-feiras, e ainda houve ano em que saiu esporadicamente às quintas-feiras. Mesmo essa característica foi justificada por Lopes Gama, que já no primeiro número do primeiro ano declarava aos seus leitores:

Sahirá o pobrezinho, quando Deos o ajudar, e conforme a generosidade que com elle quizerem ter os Padrinhos, que são os senhores Leitores (...) sahirá quando tiver roupa com que cubra a nueza, humas vezes quando puder, e outras quando quizer, por que tão bem he cidadão livre.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> *O Carapuceiro*, número 1 (07/04/1832), p. 2.

<sup>44</sup> *O Carapuceiro*, número 11 (07/07/1832), p. 41.

<sup>45</sup> *O Carapuceiro*, número 1 (07/04/1832), p. 2.

SABBADO 7 JULHO

ANO DE 1832 - N.º



# O CARAPUCEIRO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hanc terram, modam, nostri novere libelli!  
Parcere personis, dicere de vitiis.  
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardare nesta Folha as regras L...  
Que he dos vicios fallar, naõ das pessoas.

IMPRESSO EM PERNAMBUCO POR J. N. DE NELLO NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA.

Mais val tarde, que nunca. Até a  
qui vendi carapuças, a retalho, ora  
aqui, ora ali, ora acolá. Agora estou  
de loja aberta; e tenho carapuças de  
todos os tamanhos, e para toda a  
casta de cabeça. Cheguem, frequen-  
tes, cheguem. Cáiaõ os cobres, me-  
nos as chanchãs.

## O QUE HE SER GAMENHO.

Chama-se gamenho todo, aquelle  
individuo, que naõ tem outro offi-  
cio, outro emprego, outro cuidado,  
e naõ emboqueçar-se para namorar;  
donde bem se vê, que gamenho, e  
tudo são synonymos. Quando vós vir-  
um sujeitinho, quasi Melchise-  
de, sem parente, nem adherente,  
e (ò que ainda he mais) sem officio,

des conhecidos na Republica, sem  
industria licita, sem beneficio, e  
pretanto muito asseado, e faustoso,  
com todos os cinco dedos de huma,  
e outra mão carregados de anéis  
de ouro, brilhantes, etc., passador  
incessante, e quasi inquieto das es-  
quinaõs, e botequins, levando ma-  
nãs, e tardes, já n'huma botica,  
já n'huma loja; por que de fronte  
morad humas Meninas geitosas, e  
caroaveis do namôro; ahí tendes  
hum gamenho ás direitas.

Ainda as modas estãõ em archety-  
po, isto he, na mente incansavel, e  
prodigiosamente creadora dos peti-  
metres de Paris, já o nosso gamenho  
as adivinha, e as faz apparecer com  
todo o escrupulo, e com huma pon-  
tualidade verdadeiramente admira-  
vel. Mr. Tal, cabeleireiro fo-mada

FIGURA 2 – Primeiro exemplar de *O Carapuceiro* com a ilustração da loja de carapuças, publicado em 7 de julho de 1832.<sup>46</sup>

<sup>46</sup> Essa ilustração foi publicada no jornal até o dia 20 de dezembro de 1834.

A assinatura do padre Lopes Gama nunca aparecia no periódico, mas no número 44, do dia 16 de março de 1833, intitulado “Resposta ao Senhor Censor do Suplemento do Diário nº 55”, revelava aos seus leitores quem era, a fim de se opor ao anonimato de seus inimigos:

o escriptor do Carapuceiro sou eu, Fr. Miguel do Sacramento Lopes, Professor de Rethorica, e Poetica no Colégio das Artes do Curso Jurídico.<sup>47</sup>

Nesta edição, Lopes Gama mais uma vez reclamava que a oposição lançava insultos não contra suas idéias, mas contra sua pessoa. Inclusive, declarou no primeiro número do periódico que não era sua preocupação estabelecer “rusgas” com o próximo, ao contrário do que faziam os outros jornais que circulavam na época. Porém, como seu nome foi alvo daqueles que se opunham a suas idéias, acabou tendo que se defender, travando uma série de batalhas verbais com seus “inimigos” durante todo o tempo em que circulou *O Carapuceiro*. O autor várias vezes criticou o anonimato de seus opositores.

O ano de 1832 terminou com o número 32, em 24 de novembro. A edição de número 33 foi lançada no dia 16 de janeiro de 1833. O número de 30 de março de 1833 apresentava seis páginas de resposta ao “Censor”, do jornal *A Gamenha*, o que demonstra a falta de padronização também quanto ao número de páginas. O segundo ano de *O Carapuceiro* trouxe 85 edições, sendo a última de 14 de dezembro. Nos anos de 1832 e 1833, Lopes Gama manteve a numeração corrente do periódico, tanto das edições quanto das páginas, totalizando, no final deste último ano, 340 páginas.

Em 1º de fevereiro de 1834 voltou a circular *O Carapuceiro*, com a sua numeração reiniciada. As páginas do primeiro exemplar receberam a numeração de 1 a 4, e os outros números tiveram essa mesma paginação, de 1 a 4. Este ano terminou com a edição de número 48, no dia 20 de dezembro.

---

<sup>47</sup>*O Carapuceiro*, número 44 (16/03/1833), p. 176.

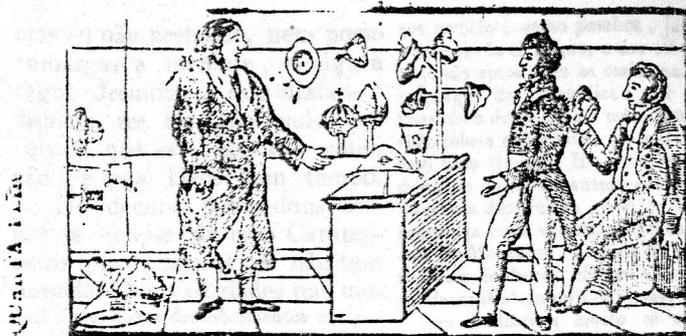
A circulação de *O Carapuceiro* ficou suspensa nos anos 1835 e 1836. Durante este período, as suas matérias foram transferidas para as páginas do *Diário de Pernambuco*. O periódico ressurgiu como folha independente em 19 de abril de 1837, com a numeração iniciada pelo número 1 e a justificativa do autor para o período de interrupção:

Depois de huma interrupção de dous annos, eis torna a apparecer o Carapuceiro, com que tanto se arrelavão as Senhoritas, os gamenhos, &c. &c. Mas por que esteve tanto tempo calado o Carapuceiro? (dirão alguns de meus pios leitores): ao que nada há mais fácil, do que responder, que isso não vem ao caso, não he da conta do meu proximo, nem eu assignei escriptura alguma, pela qual me obrigasse a escrever por tanto tempo à vontade do respeitável Publico; pelo que escrevo, quando posso, e me parece, e quando não estou para isso, deixo d'escrever; por que sou hum ente livre, e vivo no seculo das luzes, e de muita somma de liberdade. Disse.<sup>48</sup>

A partir daí, começou a circular duas vezes por semana. A primeira página de cada edição trazia a inscrição “Tomo 2º”. O jornal passou a ser impresso em outra tipografia, a “Typ. De M. de Faria”. Além disso, a ilustração da loja de carapuças foi modificada. O mote e a epígrafe permaneceram os mesmos e a numeração foi recomeçada. A última edição de 1837, a de número 73, foi publicada no dia 23 de dezembro.

---

<sup>48</sup> *O Carapuceiro*, número 1 (19/04/1837), p.1.



QUINTA FOLHA

ANNO DE 1837. N.º 1

## O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SEMPER ACCIDENS POLITICO.

*Hinc servare modum nostri novere tibelli* | Guardarei nesta Folha as regras boas,  
*Paucere personis, dicere de vitiis.* | Que he dos vicios fallar, não das pessoas.  
 Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Depois de huma interrupção proximo, nem eu assignei escriptura alguma, pela qual me obrigo a escrever o Carapuceiro, com que tanto se arrelaxava a vontade do respeitavel Publico; pelo que escreveo, quando os gamentos, &c. &c. Mas co; e me parece, e quando por que esteve tanto tempo calado o Carapuceiro? (dirão alguns de meus pios Leitores) não estou para isso, deixo d'esperar; por que sou hum ente livre, e vivo no seculo das luzes, que nada há mais facil, do que responder, que isso não vem ao caso, e de muita somma verdade. Disse.

FIGURA 3 – Edição de *O Carapuceiro* com a segunda ilustração, publicada em 19 de abril de 1837.<sup>49</sup>

<sup>49</sup> Essa ilustração circula em *O Carapuceiro* até a edição do dia 29 de maio de 1840.

Em 1838 o periódico recomeçou a circular com o número 1, do dia 17 de janeiro, terminando em 29 de dezembro com o número 73. Depois, a circulação reiniciou em 2 de janeiro de 1839, com o número 1. É interessante destacar a “Despedida para o ano de 1838”, que só apareceu no dia 16 do mês de janeiro de 1839, no quinto número<sup>50</sup> daquele mesmo ano. A partir do dia 10 de outubro deste ano, Lopes Gama apareceu em algumas edições como “Semprônio”, em resposta ao “Papírio” do *Diário de Pernambuco*. A circulação do ano de 1839 terminou com 53 edições.

Em janeiro de 1840 recomeçou a publicação, mas esta foi suspensa no número 17 deste ano, do dia 29 de maio. A maior parte dos artigos deste ano trazem sua crítica aos costumes ligados à cultura popular, como os “pagodes e regabofes” e o bumba-meu-boi. Voltou dois anos depois, com o número 1 em 2 de abril de 1842, com algumas alterações: não apresentava mais o mote da página inicial nem a ilustração da loja de carapuças, os caracteres do título foram substituídos por outros e o subtítulo perdeu a palavra “sempre”. As edições seguiram a periodicidade de duas vezes por semana, saindo às quartas-feiras e aos sábados, terminando o ano com o número 78, em 28 de dezembro.

---

<sup>50</sup> A periodicidade de *O Carapuceiro* durante o ano de 1839 apresenta-se irregular, mas sua circulação ocorre, em grande parte, duas vezes por semana. Em alguns meses, o jornal foi às ruas às quartas-feiras e aos sábados; em outros, às terças e sextas-feiras.

# O CARAPUCEIRO.

*Periodico Moral, e so' per accidens politico.*

Hanc servare modum nostri novere libelli  
Percere personis, dicere de vitiis.  
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

ANNO DE 1842.)

Sabbado 2 de Abril.

(NUMERO 1.

Depois de diuturna interrupção, eis apparece de novo o pequenino, e pobre Carapuceiro, que mais por benevolencia dos illustres Leitores, do que por merito proprio sempre foi bem acceito de seus respeitaveis concidadãos. Quando estive na Capital do Imperio contractei de só ali publicar este periodico: como porem termina-se a impreza da companhia, para com quem me havia piuhorado, concidero-me quite a tal respeito; e por isso torno a publicar o meu Carapuceiro em Pernambuco.

Já prevejo, que não faltará quem, independente de pedir a palavra, me interpelle, exigindo de primas em primeiras o meu novo programma; porque em verdade isso de programmas anda tão em voga, e he tanto do gosto do seculo, que não tardará muito, que até os que forem barbear-se ali por essas lojinhas exijão previamente o programma do mestre barbeiro, isto he; qual a qualidade, e estado das navalhas, qual a natureza do sabão, qual o luxo dos penteadores, e toa'has, e sobre tudo o preço da barbação. Em verdade o espirito do seculo parece ser de não comprar jamais nabos em sacos; e d'aqui, quanto a mim, a generalidade dos programmas. mas o que acontece muitas vezes he, que fogindo das brazas, vimos a cahir nas lavaredas, quero dizer; não compramos sim nabos em sacos; mas os mais espertos, e matreiros impingem-nos gato por lebre:

em sum-na boas promessas não faltão: quanto á execução *hoc opus, luc labor est.*

Qual será pois o meu novo programma? O mesmo, que propoz desd'o seu 1.º N.º o Carapuceiro, e que até aqui (Deos louvado) tem seguido de conformidade com o seu titulo, e do texto do fareto Erasmo, que tomou por epigraphe — *Parcere personis, dicere de vitiis.* — Prosequirei por tanto a zorraçar os vicios ridiculos, respeitando sempre as pessoas, e sem o menor intento de fazer alusões. Se algum de meus pios Leitores por malicioso, e tençoeiro as fizer lá de seu motu proprio, disso não sou eu culpado. Quando o grande La Bruyere (em comparação do qual eu sou como o oução ao pé do elefante) publicou os seus immortaes caracteres, por mais sinceros, e cirandados de odio pessoal, que fossem os seus retractos, não faltou quem lhes suppozesse despeitosas intenções, e logo sahio á luz hum escripto sob o titulo de — *Chave dos Caracteres de La Bruyere* —, onde se applicavão quasi todas as notabilidades da Corte. Quem está livre de hum falso testemunho? Que intenção há por mais pura e limpa, que não possa ser envenenada pela malicia humana, mórmente em hum seculo, que desponta de agudo?

Sei, que os nossos vicios são os nossos mais prezados filhos; e por isso quando nelles nos tocão, ainda que seja em quadros impessoaes angamo-nos,

FIGURA 4 – Exemplar de *O Carapuceiro* publicado em 2 de abril de 1842.

A circulação de *O Carapuceiro* continuou em 1843, em 18 de janeiro, sendo publicado normalmente até o dia 22 de março, data do número 18, quando sofreu nova suspensão. Voltou novamente em julho de 1844, por pouco tempo, mas integrado ao *Diário de Pernambuco*. Em 1º de março de 1847 voltou a circular independentemente, sendo impresso na Tipografia Imparcial, de Luiz Inácio Ribeiro Roma, na Rua da Praia, 55, pelo S. Caminha. Houve a alteração do cabeçalho: “Órgão Moral, só per accidens político, e uma vez por outra literário”. A periodicidade continuou sendo a de duas edições a cada semana, mas a circulação sofreu, em alguns momentos, interrupções de meses inteiros.

*O Carapuceiro* parou de circular depois do número 25, de 28 de setembro de 1847, número em que voltou a exibição da ilustração da loja de carapuças no cabeçalho. A publicação do periódico foi suspensa por ter sido Lopes Gama nomeado diretor do Curso Jurídico de Olinda, notícia que foi veiculada no *Diário de Pernambuco* de 14 de setembro de 1847.

Diversos tipos de texto foram veiculados ao longo dos 15 anos de publicação do periódico *O Carapuceiro*. Dentre eles podemos citar os artigos que tratam de política; as chamadas “crônicas de costumes”; as anedotas; alguns avisos sobre a assinatura do jornal e sobre a distribuição do periódico; correspondências de leitores; diálogos; décimas; textos traduzidos de outros autores ou de periódicos estrangeiros; anúncios de concursos e de folhetos; parábolas; provérbios e fábulas. Toda essa variedade de textos reflete a questão da ruptura com a classificação tradicional dos gêneros literários que ocorreu durante o período romântico. Nosso objetivo nesta pesquisa não é examinar com detalhes as características de cada um desses tipos de texto, mas destacar que todos eles eram utilizados por Lopes Gama com a finalidade de cumprir seu maior objetivo em *O Carapuceiro*: corrigir os vícios e os maus costumes da sociedade, em especial pela sociedade brasileira e mais particularmente, pela sociedade pernambucana.

A edição de 6 de outubro de 1832, número 25, trazia um artigo sobre as modas no Brasil, em que Lopes Gama falava sobre a escravidão a que elas submetiam os homens e a mania que os brasileiros tinham de “macaquear” os franceses. Nele, o padre também fazia uma descrição caricatural daqueles que eram os “escravos” da moda, ao mesmo tempo em que declarava que as mulheres deveriam imitar as francesas não no que estava na moda, mas no desejo de instrução. Ao lado desse texto marcado pela veia satírica de seu redator, essa edição ainda trazia um anúncio que não foi reproduzido na edição de Evaldo Cabral<sup>51</sup>, que dizia respeito a um concurso para eleger o melhor plano de Governo Federativo aplicável no Brasil. O prêmio seria um conto de réis mais uma medalha de ouro. O prazo para o envio seria até o final de 1833. O concurso foi promovido pela Sociedade Federal de Pernambuco. Lopes Gama já havia feito referência a esse concurso na edição anterior, manifestando desejo em participar, mas justificando a desistência.

Várias outras edições traziam provérbios no final de sua última página. A primeira vez que eles apareceram no periódico foi no dia 17 de novembro de 1832. Lopes Gama justificava o uso desse tipo de texto afirmando: “Todos os Povos tem seus Preverbios, por que a razão em toda a parte he a mesma, e certas verdades praticas estão ao alcance de todo o mundo”. Transcreveu cinco provérbios e declarou continuar na próxima edição. Na verdade, a publicação de provérbios se estendeu ao longo dos anos da publicação, saindo esporadicamente nas edições.

Anedotas também foram bastante publicadas por Lopes Gama no final das edições. A primeira vez que esse tipo de texto apareceu no periódico foi em 21 de julho de 1832, no número 13. Essa edição, intitulada “A novena do Carmo”, trazia sua crítica às pessoas que freqüentavam a novena do Carmo para namorar e colocava em pauta a questão da ridicularização como recurso utilizado por ele em seus escritos:

---

<sup>51</sup> Esse artigo está presente na antologia de *O Carapuceiro* organizada por Evaldo Cabral de Mello e publicada pela Editora Companhia das Letras, na página 82.

e fiquem certos esses Senhores petimetres, que eu farei toda a diligência, não de os corrigir, por que (?) é malhar em ferro frio; porém de lavar as suas acções benemeritas a mais remota posteridade: já que não he possível emendarem-se, ficarão ao menos eternamente ridículos, que lhes faça bom proveito.

Lopes Gama demonstra, através de sua opinião, o desejo de provocar o riso nos leitores, uma vez que várias passagens do artigo apresentam verdadeiras caricaturas dos personagens usados como exemplo do vício que se quer condenar. A partir daí, abre uma nova seção no periódico, intitulada ANEDOTA, contando a história de uma mulher que usava um pente de cabelo tão grande que não conseguia passar embaixo do arco do Bom Jesus.<sup>52</sup> A maior parte das anedotas escritas ou transcritas por Lopes Gama possuem a função de ilustrar alguma questão relacionada aos maus costumes da sociedade, ou seja, são utilizadas pela função didática que podem exercer.

Outro tipo de texto explorado nas páginas de *O Carapuceiro* justamente pelo caráter didático que possui é a fábula. Diversas edições traziam traduções das fábulas de Florian e La Fontaine, algumas vezes para completar o assunto tratado no artigo, outras vezes para completar um espaço que sobraria na página. Há uma edição, de 11 de novembro de 1837, número 60, que trazia um artigo inteiro sobre fábula, intitulado “Vantagem da fabula para corrigir os costumes”. Nele, Lopes Gama falava da dificuldade de agradar a quem se dá conselhos, uma vez que aquele que recebe pode julgar que aquele que dá se sente, por isso, superior. O autor apontava, também, observações sobre os recursos usados por vários autores, antigos e modernos, para deixar o ato de aconselhar mais “leve”, dentre eles os versos, os epigramas, as máximas, as sentenças e os provérbios. Porém, o que Lopes Gama considerava o mais agradável era o uso da fábula para aconselhar. A partir daí o padre carapuceiro enumerava uma série de características da fábula que justificavam a sua predileção por elas. A primeira vantagem da fábula, segundo o autor, seria o fato de que ela daria a impressão de que

---

<sup>52</sup> O arco do Bom Jesus fica na cidade de Recife.

o próprio leitor é que estava se aconselhando. Além disso, o ensinamento moral chegaria ao leitor de uma maneira imperceptível. Lopes Gama transcreve um conto persiano para exemplificar como a fábula fazia com que o conselho chegasse por um caminho indireto, por isso tornava-se mais agradável. O autor declarava, após narrar tal fábula, que retomaria a tradução de algumas outras em *O Carapuceiro*, afirmando: “O Ridendo castigat mores he recomendado pelos maiores Sábios assim antigos, como modernos, e será sempre a divisa do meu periódico Carapuceiro”. A última página dessa edição trazia a fábula intitulada “A Carapeba, e as Carapebinhas”, traduzida de Florian. Tanto nesta como em outras fábulas, anedotas e provérbios, Lopes Gama adaptava alguns ambientes ou personagens à realidade brasileira. Neste caso, o rio mencionado na fábula de Florian tornou-se o rio Capibaribe na versão de Lopes Gama.

A mistura de textos em prosa e em verso também marcou a história da publicação. Algumas edições traziam diálogos, além dos artigos. Além disso, também podemos observar a presença de textos em versos, como décimas e sonetos, o que faz com que o periódico se identifique com outras obras que traziam a mistura dos gêneros literários típica no Romantismo. O primeiro diálogo a aparecer em *O Carapuceiro* foi o “Dialogo entre Cosme e Damião, ambos eleitores”, que saiu no dia 7 de setembro de 1832. Esta edição parece ser especial pelo fato de extraordinariamente sair em uma sexta-feira, data comemorativa da independência do Brasil, durante um ano em que os números saíram, na maior parte das vezes, aos sábados.

A primeira décima saiu no dia 2 de novembro de 1833, no número 77, intitulado “Não há nada, como ser tollo”<sup>53</sup>:

---

<sup>53</sup> Artigo publicado por Evaldo Cabral de Mello em sua antologia. A décima, que aparecia na quarta página desse número, assim como o comentário, iniciado na terceira página e finalizado na quarta, “Humas foscasinhas aos nossos Caramurus”, não aparece na edição de Evaldo Cabral de Mello.

De couros duros, ou moles  
Fazem-se saccos, surrões,  
Broacas, coldres, colxões,  
E tãobem se fazem foles:  
Faz-se grude, com que coles  
Catres, cadeiras, e mezas;  
Fazem-se varias miudezas,  
Luvras, bainhas, calçados,  
E até de maus atanados  
Tão bem se fazem marquezas.

Que tal a Decima? O que deo motivo a esta especie de Epigrama foi hum dos feitos muito brihantes, e honrosos do *Alfredo* Brasilico Luso, que depois de louquear por cá muito a seu salvo, foi fazer o mesmo em Portugal, de quem dizia que *nada, não queria nada*; e agora quer tudo. Quem se fiará em promessas de D. Pedro?

Nessa décima, Lopes Gama ilustra o comentário que havia feito anteriormente sobre como D. Pedro havia se tornado virtuoso sob os olhos de algumas pessoas depois da abdicação.

Encontramos o primeiro soneto publicado em *o Carapuceiro* na edição de número 45, de 3 de dezembro de 1834. Lopes Gama falava de um poeta cujas poesias caíram em suas mãos por intermédio de um amigo, sem nomeá-lo, e declarava que pretendia publicar suas composições poéticas nos próximos números, tal como foram escritas, respeitando a ortografia. Não há como analisar o soneto, uma vez que o exemplar em que ele se encontra está bastante danificado.

Assim como vários outros periódicos de seu tempo, *O Carapuceiro* trazia em suas páginas uma miscelânea de textos, abordando os mais variados assuntos. Apesar de sofrer a influência de autores clássicos que trataram a questão dos gêneros de uma maneira normativa, como Aristóteles, Lopes Gama não segue o rigor das formas quando escreve seu jornal. A presença de textos considerados “sérios”, como os artigos em que a política aparece como tema, ao lado de anedotas e escritos satíricos, faz com que pensemos na convivência entre gêneros tão distintos. Em uma mesma edição de *O Carapuceiro* encontramos, por exemplo, um artigo traduzido contendo os princípios da filosofia de Benjamin Franklin, uma fábula e

uma parábola traduzidas de Florian. Em outras encontramos, no mesmo número, uma crítica de costumes temperada pela ficção, que pode ser considerada, como afirmou Barbosa Lima Sobrinho<sup>54</sup>, uma precursora do conto brasileiro, juntamente com artigos sobre higiene e medicina. A preocupação de Lopes Gama estava em ser coerente com suas idéias e cumprir seu objetivo, que era moralizar os costumes de uma sociedade caracterizada por costumes que fugiam aos padrões de civilização europeus. Quanto aos textos veiculados em *O Carapuceiro*, parece que Lopes Gama seguia a tendência surgida com o movimento romântico: a da abolição de regras e formas fixas no que dizia respeito aos gêneros literários. Mesmo porque as edições contêm textos que podem ser considerados literários, e outros não literários, como aqueles que tratavam de política e de questões filosóficas.

O Romantismo surge no século XIX caracterizado por transformações estéticas e poéticas, em oposição à tradição neoclássica setecentista,. Uma das características com as quais é formado o espírito romântico é o desejo de se construir um novo mundo, que se deu através de uma idéia de revolução ligada “aos movimentos democráticos e libertários que encheram a época, e à devoção a grandes personalidades militares.”<sup>55</sup>

No que diz respeito aos aspectos formais e estruturais observados na produção literária, o Romantismo se caracteriza pela não existência de formas e regras fixas, o que decorre dos ideais de liberdade e individualismo predominantes nessa época:

À noção de gênero fixo, imutável, puro, isolado, correspondente a uma hierarquização social, o Romantismo começou a opor as idéias da possibilidade de mistura, evolução, transformação, desaparecimento dos gêneros, seu enriquecimento ou esclerose, o nascimento de novos, a concomitância de diversos numa só obra, abolindo, destarte, o espírito sistemático e absolutista que dominava a compreensão do problema, hodiernamente encarado – diga-se de passagem – através de uma visão antes descritiva e analista, sem a tendência à fixação de regras.<sup>56</sup>

---

<sup>54</sup> Cf. SOBRINHO, 1960.

<sup>55</sup> COUTINHO, 1986, p.9.

<sup>56</sup> COUTINHO, 1986, p.11.

Dessa maneira, foi a partir dos sentimentos de liberdade e individualismo que tomaram conta do espírito humano no Romantismo que houve a transformação radical no que dizia respeito à estrutura e à forma na criação artística, gerando o rompimento com a idéia de que os gêneros deveriam obedecer a regras estáticas. O Romantismo acaba por reivindicar a mistura dos gêneros, em oposição à separação deles, considerada naquele momento como arbitrária.

Para o romântico, mais seduzido pela complexidade da vida, é em obediência a essa complexidade e à sua aparente desordem que se impõe a mistura dos gêneros, aparecendo lado a lado a prosa e a poesia, o sublime e o grotesco, o sério e o cômico, o divino e o terrestre, a vida e a morte.<sup>57</sup>

A esse respeito, um dos textos que pode ser considerado importante, escrito no século XIX por Victor Hugo, é o prefácio de *Cromwell: Do grotesco e do sublime*. Nele, o autor expõe suas idéias sobre a ruptura da arte com os gêneros, com as regras, com modelos clássicos e prega a liberdade de criação.

Victor Hugo parte do princípio de que o cristianismo trouxe uma nova maneira de olhar a natureza. A partir do momento em que se começa a separar corpo e alma e que se enxerga um Deus profundamente distante do homem, surge a melancolia que acaba por modificar o modo de encarar a natureza, até então tida como o modelo de perfeição e beleza. Começa-se a enxergar que na natureza o belo está lado a lado com o feio, o que acaba fazendo com que o grotesco seja valorizado nas manifestações artísticas. Victor Hugo enumera diversos momentos em que o feio aparece na Antigüidade, mas considera que eles dizem respeito a uma infância da arte: “O grotesco antigo é tímido, e procura esconder-se. Sente-se que não está no seu terreno, porque não está na sua natureza. Dissimula-se o mais que

---

<sup>57</sup> COUTINHO, 1986, p.11.

pode.”<sup>58</sup> Somente o gênio moderno é capaz de dar notabilidade ao grotesco, de fazer com que ele se una ao belo e que dessa união, uma “aliança íntima e criadora”, nasçam frutos,.

Victor Hugo questiona a maneira como até então eram separados os gêneros literários e estabelecidas as regras às quais cada gênero deveria obedecer. Como o que estava sendo valorizado era a liberdade de criação, capaz de unir belo e grotesco, não haveria mais que se obedecer a essas regras e ter os clássicos como modelo:

A arte não conta com a mediocridade. Não lhe prescreve nada; não a conhece; a mediocridade não existe para ela. A arte dá asas e não muletas (...) Destruamos as teorias, as poéticas e os sistemas. Derrubemos este velho gesso que mascara a fachada da arte! Não há regras nem modelos; ou antes, não há outras regras senão as leis gerais da natureza que plainam sobre toda a arte, e as leis especiais que, para cada composição, resultam das condições de existências próprias para cada assunto.”<sup>59</sup>

No Brasil, Afrânio Coutinho considera o Romantismo como a época em que se deu a verdadeira independência literária. De fato, o Romantismo no Brasil acontece a partir de uma série de transformações iniciadas principalmente com a mudança, para cá, da corte portuguesa, o que favoreceu a evolução cultural do país juntamente com a afirmação de uma consciência nacional. O autor destaca o surgimento da imprensa como fator de extrema importância nesse cenário em que a literatura e a política caminhavam juntas, mas considera que a fusão entre elas prejudicou a produção literária da época. Segundo ele, a união entre a literatura e a política proporcionou o surgimento dos publicistas, “misto de jornalista, político e homem de letras, capaz de borboletear por todos os assuntos sem se fixar em nenhum”<sup>60</sup>, o que teria contribuído em muito para estabelecer o caráter de superficialidade que caracterizava a produção literária brasileira da época.

---

<sup>58</sup> HUGO, [197-], p.28.

<sup>59</sup> HUGO, 197-, p.56-57.

<sup>60</sup> COUTINHO, 1986, p. 17.

A produção intelectual e cultural brasileira dialogava intensamente com os grandes centros estrangeiros, o que pode ser observado principalmente através do jornalismo praticado durante o Romantismo. A tradução também foi outra maneira encontrada para a divulgação, aqui, das idéias que circulavam fora do Brasil, o que acabou fazendo com que circulassem no país os grandes ideais que constituíram os movimentos iluministas e revolucionários, bem como aqueles que serviram de motivação aos enciclopedistas e românticos.

No que diz respeito às características formais e aos temas empregados durante o Romantismo no Brasil, merece destaque o esforço em se constituir uma literatura que expressasse o caráter nacional, que rompesse com a influência estrangeira e que buscasse uma autonomia. Fortemente influenciado pela revolução burguesa que se processava na época, o Romantismo, no Brasil, foi marcado por aspectos políticos e sociais que conduziam o desejo de autonomia cultural, o que pode ser observado, principalmente, pelo anti-lusitanismo. Exemplos disso podem ser encontrados em várias edições de *O Carapuceiro*. Já na edição de número 3, de 28 de abril de 1832, é explícita a questão do nacionalismo. Nela, Lopes Gama considera os portugueses, em sua maioria, como verdadeiros inimigos do Brasil, embora chame alguns, os que adotaram verdadeiramente o país como pátria, de “filhos adotivos”. Ressalta que estes, porém, são a minoria. O padre Lopes Gama observa o sentimento de união que surgiu entre os brasileiros durante o episódio da derrota dos “Colunas”<sup>61</sup>:

Não posso ser indiferente ao espírito de concórdia que se difundio por todos os liberaes. Todos se abraçarão, esquecerão as rivalidades, não houverão mais moderados, nem exaltados, tudo tem hum só sentimento, tudo he Brasileiro, tudo quer salvar a Pátria, defender a cara Liberdade, acabar com os infames columnistas.

---

<sup>61</sup> Como já foi dito anteriormente, as “Colunas do Trono e do Altar” eram uma sociedade secreta favorável ao absolutismo.

Dessa maneira, *O Carapuceiro* pode ser considerado um exemplo de como as tendências românticas se manifestaram na produção literária no Brasil, tanto pela variedade de textos e assuntos encontrada em suas páginas, quanto pelo caráter de seu redator.

**CAPÍTULO II: *CASTIGAT RIDENDO MORES***



## Ridendo

Mas o riso é uma arma de dois gumes. Por que não utiliza-lo contra o mal, contra a heresia, contra a impunidade? Ele pode servir para esigmatizar os vícios e os pecados, para fulminar o adversário mal pensante.<sup>62</sup>

A sátira se tornou o principal recurso utilizado por Lopes Gama em sua escrita, principalmente em *O Carapuceiro*, o que vai totalmente ao encontro daquilo que foi uma das principais preocupações dos intelectuais brasileiros que viveram no século XIX: a intenção de “civilizar” os costumes. Percebemos na sátira realizada pelo padre Carapuceiro a influência dos autores latinos, como Quintiliano, Cícero, Horácio, Lucílio, Juvenal, entre outros. Muitas vezes ele expressa essa influência nas páginas de *O Carapuceiro*, motivo pelo qual faremos uma breve análise sobre a sátira latina.

Quanto à origem da palavra **sátira**, Salvatore D’Onofrio, em *Os motivos da sátira latina*, ressalta seu caráter duvidoso. Ele cita o autor da *Ars grammatica*, Diomedes, que aponta quatro possíveis origens da palavra: a primeira relaciona-se a um tipo de poesia praticada entre os romanos, cujos principais representantes foram Lucílio, Horácio e Pérsio, que tinha como objetivo corrigir os vícios dos homens; a segunda diz respeito a uma obra composta por uma miscelânea de prosa e de poesias; a terceira possível origem está ligada a um tipo de prato, *lanx satura*, oferecido aos deuses por antigos camponeses, caracterizado pela fartura e variedade dos ingredientes; a quarta e última explicação relaciona a palavra **sátira** a um tipo de lei, chamada *satira*, que se caracterizava por ser uma súplica composta por várias leis. Para D’Onofrio, a explicação mais convincente é a que liga a palavra **sátira** à *satira* no sentido de ser um prato oferecido aos deuses durante festividades religiosas, repleto de variados ingredientes, justamente por conter a idéia de mistura de vários elementos. Este

---

<sup>62</sup> MINOIS, 2003, p. 297.

último significado aproxima a palavra *satura* do adjetivo *satur*, que quer dizer *cheio*, *saciado*, *saturado*.<sup>63</sup> A oferta de *lanx satura* aos deuses ocorria através de rituais que se faziam em um ambiente de festa que misturava o sagrado e o profano, unindo música, dança, canto e troca de desafios. Tudo isso confere à *satura* um caráter religioso e dramático:

Pois bem, este sentido de mistura e de variedade existe também na sátira literária e se torna uma das características principais do gênero satírico. A sátira latina nunca deixou de ser um *pot-pourri*, uma mistura de temas, motivos e assuntos dos mais variados, que vão do relato de viagens a lembranças autobiográficas, da crítica dos costumes à exposição dos defeitos humanos, abrangendo a literatura, filosofia, sociologia, política, moral e religião.<sup>64</sup>

Mônica Vitorino, em *Juvenal: o satírico indignado*, também menciona, no que se refere ao estudo das origens da sátira latina, Tito Lívio, que usa a palavra *satura* para designar uma espécie de espetáculo teatral que misturava canto e dança. Assim, a palavra seria usada justamente por expressar a idéia de mistura. De fato, a variedade dos temas é característica dos textos satíricos.

De maneira geral, a sátira se constitui como um gênero especial, em que os vícios são expostos para que sejam ridicularizados e depreciados.

A busca pelas características que seriam inerentes aos textos satíricos faz com que pensemos em sua classificação. Nosso objetivo nessa pesquisa não passa por uma discussão aprofundada sobre a localização da sátira dentro da categorização da literatura em gêneros, por acharmos que todo tipo de categorização é problemática. A dificuldade de se estabelecer o que é um gênero provém da heterogeneidade, do fato de que são diversos os princípios utilizados para se formarem determinados grupos, podendo esses princípios dizer respeito ao conteúdo, a aspectos externos e formais ou a questões relativas à época. Entendemos que a

---

<sup>63</sup> Cf. VITORINO, 2003.

<sup>64</sup> D'ONOFRIO, Salvatore, 1968, p. 35.

sátira escapa às categorizações; consideramos que ela não se constitui como um gênero bem definido.

As autoras Vera Casa Nova, Graça Paulino e Ivete Walty fazem uma reflexão acerca da questão dos gêneros literários, questionando a divisão que se faz em dois momentos: um, ligado à teoria clássica e que se caracteriza pela rigidez; e outro, ligado a uma teoria moderna, que se fortaleceu no período romântico e que se caracteriza pela negação dos modelos rígidos. O que importa é a relação entre um texto e os demais, e é por isso que “os gêneros podem ser melhor compreendidos quando associados a estratégias discursivas fundamentais, a modos basilares de tratamento literário da linguagem, que são modos de construção de mundos”.<sup>65</sup> Elas exemplificam a questão dos limites entre os gêneros através da localização da poesia satírica em relação à poesia lírica e defendem que a sátira deve ser estudada, assim como a ironia, “mais como um tom literário, que como um gênero à parte”.<sup>66</sup>

A sátira não constitui um gênero bem definido, é uma expressão utilizada para designar uma grande variedade de obras literárias que têm muitas características em comum. Quando são feitas generalizações sobre os fins e as técnicas da sátira, é preciso que não se fixem regras, mas que se tente reunir quais são as características comuns encontradas. Assim, *gênero satírico* será, nessa pesquisa, uma expressão utilizada para designar uma grande variedade de obras literárias que possuem características em comum; apontaremos algumas dessas características com a finalidade de identificá-las em *O Carapuceiro*.

Nos estudos sobre o gênero satírico que realizamos em nossa pesquisa, percebemos que há um consenso de que existe certa dificuldade em definir precisamente quais seriam as características que o especificariam. A fim de situar a sátira dentro da teoria dos gêneros literários, observamos que ela é, muitas vezes, considerada um gênero à parte, que estaria além da divisão em três gêneros: *Épico, Lírico e Dramático*.

---

<sup>65</sup> PAULINO, Graça e WALTY, Ivete (org), 1994, p. 37-38.

<sup>66</sup> PAULINO, Graça e WALTY, Ivete (org), 1994, p. 39.

Wolfgang Kayser, em *Análise e interpretação da obra literária*, aponta a existência de um gênero especial, que ficaria de fora do que poderia ser considerado a “verdadeira literatura”: o gênero didático. A ausência desse gênero na divisão clássica se justifica pelo fato de que ele serve para um fim específico, ele tem a finalidade de transmitir um ensinamento regular de uma maneira agradável. Dentre as formas que esse gênero apresenta, estaria a sátira.

Na tentativa de levantar as características que levariam um determinado texto da literatura latina a ser considerado como pertencente ao gênero satírico, Mônica Vitorino, em *Juvenal: o satírico indignado*, apresenta uma breve discussão sobre a questão da categorização da literatura em gêneros. “A palavra ‘gênero’ é um termo que descreve fundamentalmente obras literárias segundo a temática específica ou as suas características estruturais.”<sup>67</sup> A autora observa a dificuldade que existe em atingir um consenso quanto às características do gênero satírico nos estudos sobre a sátira latina. No entanto, destaca a questão da variedade, presente no sentido próprio da palavra sátira:

da multiplicidade dos temas à diversidade estilística de cada poema, da pluralidade de expressões literárias, através do uso do monólogo, do diálogo, do episódio, do anedótico, da fábula, até a heterogeneidade de recursos estilísticos e de objetivos: entretenimento, divertimento, advertência, sugestão a amigos, desmascaramento e repreensão dos erros e dos vícios.<sup>68</sup>

A autora, entretanto, adverte que essas características, justamente por serem várias, não servem como elemento unificador na busca de um conceito de sátira como gênero literário. Além disso, elas escapariam a uma intenção originária desse tipo de texto, que estaria ligada à observação da sociedade para a discussão de questões relativas aos seus problemas morais e culturais.

---

<sup>67</sup> VITORINO, 2003, p.36.

<sup>68</sup> VITORINO, 2003, p.38.

Assim, temos aí as três características dos textos satíricos que nortearão a análise de *O Carapuceiro*: a intenção moralizante, a observação da realidade e a variedade dos temas. Procuraremos demonstrar cada uma delas.

Por mais diferenças que existam quando o intuito é definir o que é a sátira e quais as suas características, encontramos um ponto comum entre os críticos que se ocuparam de seu estudo em considerar que o conteúdo e o que orienta o gênero satírico é a crítica, e seu objetivo maior é a reforma dos vícios. Os escritores satíricos orientam seus escritos pelo *castigat ridendo mores*, o que significa que seus objetivos se resumem à correção dos vícios através do riso. A expressão latina *castigat ridendo mores* significa “rindo, corrigem-se os costumes”. Podemos observar que essa expressão apresenta certa variedade no que diz respeito à sua formulação (também encontramos *ridendo castigat mores*) e à sua tradução. Paulo Rónai, em seu livro *Não perca o seu latim*, no qual ele faz um levantamento das fontes das citações latinas mais comuns, afirma que a expressão *castigat ridendo mores* apareceu pela primeira vez com o poeta neolatino Jean de Santeuil (1630-1697), quando este propôs que um arlequim colocasse a frase latina como dístico em seu teatro<sup>69</sup>. O que importa destacar é que seu sentido permanece o mesmo: moralizar os costumes através do riso.

Em *O Carapuceiro*, a expressão desse objetivo se faz constante, é o principal motivo pelo qual o padre Lopes Gama resolve escrever o periódico: “O Ridendo castigat mores he recomendado pelos maiores Sábios assim antigos, como modernos, e será sempre a divisa do meu pequeno Carapuceiro.”<sup>70</sup> Assim, através da exposição do que havia de ridículo, ele provocava o riso de seus leitores, aliado precioso na reforma dos costumes :

O fim da satyra consiste em desacreditar o erro, e o vicio, pintando hum, e outro por um modo agradável, e instructivo; a sua matéria são as acções

---

<sup>69</sup> A mesma explicação pode ser encontrada na enciclopédia *Nouveau Petit Larousse Illustré*. Paris: Librairie Larousse, 1955, p. 1125: *Castigat Ridendo Mores (Elle corrige les moeurs en rient) – Divise de la comédie, imaginée par le poète Santeuil, et donnée à l’arlequin Dominique pour qu’il la mît sur la toile de son théâtre*”.

<sup>70</sup> *O Carapuceiro*, número 60 (11/11/1837), p. 3.

viciosas em comum, e dignas de riso: dignas de riso sim; por que vícios há mais merecedores de patíbulo, do que irrisão, como sejam o roubo, o homicídio, a ingratião, a perfídia, etc; e outros, que por lastimosos barbaridade fora tornallos objectos de escarneo (...) A galantaria, e delicadeza são os verdadeiros caracteres da satyra; por isso que a jocosidade tem muito maior força para tornar o vicio ridículo.<sup>71</sup>

Para Matthew Hodgart<sup>72</sup>, a dificuldade em se distinguir a sátira dos demais gêneros estaria no fato de que ela, na realidade, não é um “gênero tradicional” e, além disso, ela pode assumir uma infinidade de sub-formas. Ao contrário dos gêneros tradicionais, que, segundo ele, são o épico, o trágico e o cômico, que permaneceram mais ou menos estabelecidos desde sua origem, a sátira não passou por nenhum processo estabilizador, com exceção da sátira formal romana, que era um monólogo em verso sobre vários temas morais.

A sátira é considerada arte por se expressar por meio de formas especialmente literárias, empregando recursos retóricos para ridicularizar suas vítimas e provocar o riso. O autor ressalta que é preciso que a sátira empregue algum recurso estético para que se converta em arte:

Necessariamente tiene que haber em la sátira otras fuentes de placer, como por ejemplo ciertos juegos de sonidos o palabras, o el tipo de relación de ideas que llamamos ingenio, todo lo cual puede ser bello o intrigante por sí mismo, independientemente del tema de la sátira.<sup>73</sup>

Justamente porque tem como objetivo a mudança de determinados costumes, considerados pelo escritor como contrários à moral, a sátira pretende ser discurso persuasivo, ligado à retórica. Lopes Gama, como professor de retórica que foi, soube utilizar muito bem esse recurso, que fazia questão de não esconder de seus leitores:

Nem sempre facceias, nem sempre carapuças. Bom, he metter a ridículo os vícios: mas se as minhas torquezadas jacoserias não aproveitao, como afirmao

---

<sup>71</sup> *O Carapuceiro*, número 46 (30/3/1833)

<sup>72</sup> HODGART. *La sátira*. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1969.

<sup>73</sup> HODGART, 1969, p. 11.

huns Meninos, que escrevinhao A Gamenha, “Periódico Moral”, não tenho de que me queixe, quando recordo que o grande Voltaire, tão respeitável mestre n’arte difficil de ridicularizar os vícios, dizia no cabo dos seus contos mui engenhosos, e facetos – *Les satires ne corrigent personne, irritent les sots et les rendent plus méchans* – As sátiras a ninguém corrigem, irritao a os tollos, e fazem-os cada vez piores. Todavia a experiência mostra, que alguns envergonhao-se de seus vícios ridículos; e he quanto basta para dever estimar a satyra geral. Felizes os que por ella caem em si, e largao de mão os maus habitos.<sup>74</sup>

Além disso, o estudo da sátira faz com que pensemos na importância que adquire a observação do contexto histórico da obra e do público a que foi destinada. Investigar a sátira é um trabalho que consiste em, além de procurar os “artifícios” que se usa para que se chegue a ela, compreender o contexto no qual ela foi desenvolvida, por quem ela é escrita e a quem ela se dirige. No caso da sátira escrita em *O Carapuceiro*, vimos que ela surge em um contexto específico: uma sociedade marcada por profundas transformações políticas, sociais e culturais, assim como quando ela surge em Roma. D’Onofrio afirma, quanto ao surgimento da sátira, que ela nasce da observação dos vícios e das distorções sociais e morais. Fala da *indignatio*, a “revolta contra o vilipêndio dos princípios sagrados do bem, da justiça, do amor, da pátria, da religião, da família.”<sup>75</sup>. As sátiras de Lucílio, por exemplo, surgiram com a função de reprovar os costumes “depravados” que começaram a fazer parte do cotidiano dos romanos em decorrência do processo de “helenização” cultural. Um dos temas recorrentes desta sátira relacionava-se à repulsa pelas inovações introduzidas na cultura romana, que eram fruto da imitação daquilo que era estrangeiro, no caso, da cultura dos gregos. A idealização do passado se repete em muitos escritores latinos, como Tácito e Juvenal, desejosos de poder reviver os tempos anteriores ao helenismo, em que a moralidade regia os costumes do povo romano.

Não por acaso, o sentimento de aversão ao estrangeiro também tomou conta das sátiras presentes em *O Carapuceiro*. Vivendo em uma sociedade influenciada pelos costumes

---

<sup>74</sup> *O Carapuceiro*, número 50 (27/4/1833), p. 199.

<sup>75</sup> D’ONOFRIO, 1968, p. 16.

européus, Lopes Gama compartilhava a idéia recorrente em sua época de que os estrangeiros, principalmente os portugueses, eram responsáveis pelo atraso do Brasil. A idéia de progresso vinha acompanhada da crença de que, para que a sociedade brasileira o atingisse, seria preciso uma mudança nos hábitos da população. A melhor maneira de fazer com que isso acontecesse de fato seria uma reforma cívica e moral que poderia ser iniciada a partir do momento em que os brasileiros parassem de imitar os estrangeiros. Quando esse era o tema de sua sátira, Lopes Gama não economizava nas descrições exageradas, para afirmar que as modas faziam parte dos maus costumes que afastavam a sociedade brasileira do estágio de civilização que deveria alcançar. Além disso, as modas estrangeiras significavam uma afronta ao sentimento de patriotismo que todo brasileiro deveria ter.

Logo no quinto número de *O Carapuceiro* a mania que os brasileiros tinham de “macaquear” o estrangeiro é colocada em questão. Ao combater o vício do luxo, bastante praticado, principalmente pelas mulheres, Lopes Gama observa que no Brasil ele era recorrente, devido à necessidade de adotar as modas que vinham da Europa. Analisando a vaidade que muitas mulheres apresentavam, o autor observa:

Quizera ver nas minhas muito estimáveis Patrícias mais espírito Nacional a este respeito, não abraçando a troche mōxe quanta farandolagem nos imbutem os Estrangeiros, que trazendo-nos cascas d’alhos nos levão toda a prata, e ouro. Que lindas ficarião nossas Brasileiras, se v.g. assentassem todas de trazer os cabellos cortados? Poupavão-se pentes, pentinhos e pentões; poupavão-se cabelleiras, e crescentes de defunctos, que por serem da França, são mais bonitos, que os nossos (...) e quando alguém quizesse censurar; respondessem as nossas Meninas – o cabellino he à Brasileira; por que assim como há pés à Chinezã, cintura à Hespanhola, anquinhas à Franceza, não será absurdo, que hajão cabeças à Brasileira.<sup>76</sup>

A solução encontrada por Lopes Gama para que essa maléfica influência européia acabasse estaria na educação, como ele mesmo deixa claro no artigo citado: “Mas todas estas cousas só as poderá remendar a boa educação, cuidando os pais em infundir solidos principios

---

<sup>76</sup> *O Carapuceiro*, número 5 (26/5/1832), p. 20.

a seus filhos, e mormente a suas filhas des'dos tenros annos, não lhes mettendo nas cabecinhas tenras tantos fumos, tantas vaidades.”<sup>77</sup>

Lopes Gama realizou uma crítica dos costumes de sua época que até hoje provoca o riso em seus leitores. Essa era a estratégia usada para corrigir os vícios das pessoas, sendo bastante utilizada por diversos autores que encontraram na sátira uma forte aliada de seus princípios moralizantes. Dessa maneira, o riso se torna a reação imediata provocada pelo texto satírico. É através dele que o satirista conseguirá o efeito desejado, que é corrigir os vícios que observa na sociedade.

A teoria clássica do riso exerceu grande influência não só nas páginas de *O Carapuceiro*, mas nos escritos do padre Lopes Gama em geral. Neles, podemos notar a influência de autores como Aristóteles, Cícero e Quintiliano, de quem o padre herdou a crença de que o riso é uma expressão de desprezo pelo vício e, por isso, é também uma arma eficaz no combate a essas “deformações” – para que as pessoas sejam persuadidas a mudarem seus costumes:

Um dos aspectos da teoria do discurso persuasivo, herdada da cultura retórica da antiga Roma pela Renascença, era a crença de que o riso pode ser usado como uma arma potente em debates legais e políticos. Se, como particularmente argumentava Quintiliano no seu *Institutio Oratoria*, podemos ser bem-sucedidos ao fazer com que nossos adversários dialéticos pareçam ridículos, provocando o riso contra eles, então podemos esperar arruinar sua causa e persuadir nossa audiência a tomar partido por nosso lado.<sup>78</sup>

Para Hodgart, riso e sorriso são diferentes. O segundo, para ele, seria uma espécie de sub-riso, ou seja, um riso contido pelos bons modos ou que não se manifesta plenamente por causa da situação. Quanto ao “riso” o autor destaca que existem muitas dúvidas quando se tenta definir o significado dessa palavra e, segundo ele, os críticos literários não devem esperar a contribuição dos psicólogos neste caso:

---

<sup>77</sup> *O Carapuceiro*, número 5 (26/5/1832), p. 20.

<sup>78</sup> SKINNER, 2002, p.9.

El satírico puede usar una amplia variedad de formas literarias, pero tiene que limitarse a emplear una gama bastante reducida de técnicas. La sátira, aunque el objeto sobre que versa sea muy frecuentemente las más duras realidades de la existencia humana, tiene la intención de suscitar nuestra risa o nuestra sonrisa.<sup>79</sup>

Ele observa que a causa do riso ainda é obscura e complexa e enumera que, provavelmente, a primeira causa seria o alívio de uma tensão. O riso seria, também, o meio pelo qual o corpo se liberta de energias supérfluas. Além disso, o riso pode representar a agressividade do homem, uma vez que pode servir para humilhar o próximo, expondo-o ao ridículo diante dos demais. Este último tipo de riso surge mediante o uso de certas técnicas comuns à caricatura, como o desmascaramento e o envilecimento das pessoas ou objetos. Além disso, ele pode aparecer por meio da degradação, da paródia e da farsa, que destroem a harmonia existente entre os caracteres das pessoas, tal como as conhecemos, e suas obras e palavras. Isso tudo através da substituição de certas características por outras, que são consideradas inferiores.

No que diz respeito à teoria clássica do riso, que tanto está presente em *O Carapuceiro*, faremos um recorte dos autores que julgamos serem os mais importantes no que diz respeito à influência que exerceram em Lopes Gama.

Verena Alberti, em *O riso e o risível na história do pensamento*, destaca quatro perspectivas que procuraram explicar o riso: a ética, a poética, a retórica e a fisiológica. A autora analisa cada um desses panoramas, dos quais destacaremos os mais importantes para entendermos *O Carapuceiro*.

Outro pesquisador que estudou a questão do risível, investigando a influência que a teoria clássica do riso exerceu sobre o filósofo Thomas Hobbes, é Quentin Skinner. Em seu livro *Hobbes e a teoria clássica do riso*, ele destaca aqueles autores que influenciaram o

---

<sup>79</sup> HODGART, 1969, p. 108.

pensamento de Hobbes acerca dos sentimentos que causam o fenômeno do riso, como Platão, Aristóteles, Cícero e Quintiliano, todos eles ligados à perspectiva retórica.

A questão do risível é tão complicada quanto a da sátira, no que diz respeito aos seus limites e aos elementos que a envolvem. É importante frisar que trataremos, em nossa pesquisa, da dimensão do riso enquanto desprezo pelos vícios, uma vez que é sob esse aspecto que a sátira está envolvida. Ao entender o riso dessa maneira, compreenderemos a sua eficácia para os textos satíricos, que apresentam um discurso persuasivo e, portanto, estão ligados à retórica. Para a sátira, o riso que interessa é aquele causado pela exposição do ridículo, que reprova os vícios e que pode provocar a reforma. Por isso, destacaremos os autores que vêem no riso o potencial de castigar os maus costumes para, com isso, provocar uma “melhora” no ser humano.

A teoria mais antiga sobre o riso e o risível de que se tem conhecimento está presente em *Filebo*, de Platão. Nesta obra, Platão divide os prazeres em verdadeiros e falsos. Enquanto os primeiros aparecem puros e precisos, os segundos aparecem misturados com a dor, são uma mistura. Dentre estes últimos, poderíamos encontrar três categorias: corporais, como as sensações de frio e de calor; semicorporais e semiespirituais, representadas pela esperança, por exemplo, e puramente espirituais, como o amor, a cólera, o ódio, etc, todas exclusivas da alma. O riso apareceria dentro desta última categoria. Para compreender melhor esse fenômeno, seria preciso, primeiro, passar pela comédia, uma vez que era ela a responsável por levar seus espectadores a um estado de alma em que o riso aparecia.

A investigação sobre o riso, nessa obra de Platão, procura na inveja e na malícia os seus pressupostos. Ele observa como risível, por exemplo, aquela pessoa que se acha forte, mas que, na verdade, é fraca. Isso, então, poderia ser considerado um grave erro, uma vez que seria a demonstração de um desconhecimento de si mesmo. Em Lopes Gama, se observamos as figuras que são risíveis, encontraremos esse pressuposto levantado por Platão em vários

momentos. Muitas figuras tipificadas em *O Carapuceiro* são dignas de provocar o riso justamente por se mostrarem como não são na verdade, geralmente por acharem que possuem atributos que estão longe de apresentar. Um exemplo disso está em “Os capadócius e manembros”, artigo publicado em *O Carapuceiro*, número 36, de 26 de janeiro de 1833. Com o objetivo de “alertar” a população para a existência de pessoas que possuem como característica falar daquilo que nada entendem, Lopes Gama constrói situações em que “capadócius” são expostos a fim de provocar o riso:

Legitimo Capadocio he todo aquelle sujeito, que falla, e decide sobre materias, de que nada entende, como v. g. o Çapateiro, o Barbeiro, etc., que decidem cathegoricamente do merito, ou demerito de quanto sermão se prega por essas Igrejas, aplaudindo qualquer passagem de Oração tanto mais, quanto menos a entenderão (...) Fallão pouco para se inculcarem de assisados; franzem a testa, como um mono, que bebo aguardente, as suas respostas são sempre em monossylabos; e quando gastão algumas palavras são sempre vendidas, como outros tantos oraculos: perante pessoas entendidas estão callados, e meditabundos: mas em se vendo no meio de gente simples, e idiota, são sabichões, são tudo. (...) Pasmos de ver os genios, que tem, como surgido de de baixo da terra em nossos dias.<sup>80</sup>

Com relação à força física, Lopes Gama destaca, em outro número de seu periódico, os militares e suas demonstrações de poder:

O Militar muitas vezes he mais fraco do que huma piruá, mais tímido do que hum saguim (que dizem, morre até de caretas): mas vão ouvir-lhe as cabeças, que cortou no ataque de tal, as trincheiras, que tomou em certa companhia; este he tão incarniçado na guerra, que em huma batalha faltando-lhe as ballas, mandou que os soldados arrancassem os proprios dentes para servirem de metralha, o que todos immediatamente fizerão, sendo elle o primeiro, que deo o exemplo.<sup>81</sup>

O segundo objeto analisado por Platão é aquele que ri, e não aquele de quem se ri. Ele apresenta sua análise argumentando que as pessoas que riem são acometidas da inveja, sentimento pertencente à categoria dos prazeres falsos puramente espirituais. A autora Verena

---

<sup>80</sup> *O Carapuceiro*, número 36 (26/1/1833), p. 142-143.

<sup>81</sup> *O Carapuceiro*, número 61 (13/07/1833), p. 242.

Alberti, analisando o pensamento de Platão sobre o riso, destaca que: “Quando rimos dos males de nossos amigos, ao invés de nos entristecermos, cometemos injustiça e experimentamos um prazer que tem como causa a inveja. Regozijar-se com os males dos inimigos, porém, não constitui injustiça, nem inveja.”<sup>82</sup>. Desse modo, rir do inimigo, ou seja, daquele de quem se reprova os atos e os pensamentos, constituiria algo justo. Isso ocorre porque aquele que ri se distancia daquilo que reprova, se coloca à parte daquilo que faz seu inimigo.

Outro autor que influenciou bastante a obra de Lopes Gama foi Aristóteles. Não há em Aristóteles nenhuma teoria formulada sobre o riso, mas passagens em sua obra que se tornaram marcantes na história do pensamento, como a definição do cômico como uma manifestação afastada da dor e da destruição, ao contrário do que pensava Platão, e a concepção de que o riso é uma especificidade humana.

Não existe uma visão aprofundada da reflexão que Aristóteles fez sobre o cômico, uma vez que ela se encontraria no livro II da *Poética*, do qual não se sabe o paradeiro. Apesar disso, podemos encontrar em outros livros dessa obra algo que diz respeito à comédia, principalmente no que se refere aos meios de representação e aos objetos representados nela, em contraposição a essas características encontradas na tragédia e na epopéia.

A especificidade da comédia seria marcada através do objeto que ela procura representar. Enquanto a tragédia e a epopéia se preocupam em representar as ações humanas nobres, a comédia representa as baixas. Porém, os defeitos ressaltados na comédia provocam o riso justamente porque são considerados inofensivos e insignificantes, ao contrário do que acontece na tragédia, em que os defeitos geralmente causam certo tipo de violência. Por serem inofensivos e insignificantes, os defeitos risíveis não causam terror nem piedade, o que pode ser observado na afirmação de Quentin Skinner:

---

<sup>82</sup> ALBERTI, 1999, p. 42.

A comédia trata do que é risível, e o risível é um aspecto do vergonhoso, do feio ou do baixo. Chegamos a rir de outras pessoas, porque elas exibem alguma falta ou marca constrangedora que, enquanto não dolorosa, as torne ridículas. Dessa forma, são especialmente risíveis os inferiores em algum sentido, sobretudo os moralmente inferiores, embora não os completamente depravados.<sup>83</sup>

Se os atos ou deformidades forem desprezíveis demais, não serão dignos de riso, mas de piedade e sofrimento. Isso significa que o riso está condicionado a um sentimento que mistura a alegria e a tristeza, característica já observada por Platão, como vimos anteriormente. A alegria estaria ligada a um prazer interior (um prazer que pode ser causado pelo fato de que quem ri se considera superior, afastado daquilo que o faz rir), e a tristeza, que vem do reconhecimento da existência de uma deformidade.

Outra característica que marca a diferença entre a comédia e a tragédia é o fato de que os poetas cômicos escrevem suas histórias baseados na verossimilhança, e depois atribuem aos personagens nomes tomados ao acaso, enquanto que os trágicos dão aos seus personagens nomes de homens que realmente existem. A comédia, então, estaria na ordem do que é verossímil.

A sátira realizada por Lopes Gama pode nos ajudar a pensar a respeito dessa questão da verossimilhança e nesse sentido ela se aproxima da comédia. Uma vez que *O Carapuceiro* é um jornal, encontramos nele fatos cotidianos, como pode ser observado nos artigos que tratam da política, bem datados, que estão ligados ao real. Acontece que Lopes Gama, em seus textos, sempre está querendo provar, por meio de afirmações categóricas, que tudo que ele escreve aconteceu realmente, mesmo quando inventa histórias que comprovem a existência do vício que quer condenar. Assim, ele faz ficção, mas o tempo inteiro afirma que a história que contou é real, ou seja, é documento, embora admita que, como orador, e não historiador, narra os fatos de uma maneira mais “interessante”:

---

<sup>83</sup> SKINNER, 2002, p. 17.

Pessoas há, que dotadas de huma imaginação múi viva, e creadora, revestem de circunstancias tudo quanto contão, e debruão de hyperboles as suas historias. Não se devem confundir com os mentirosos; por que se os factos sempre houvessem de ser referidos nús, e crús, como vulgarmente se diz, onde iria parar a Eloquencia, cujo officio he narrar as cousas, não simples, e descarnadamente, como acontecerão, se não como costumão acontecer em taes, e taes circunstancias? O Historiador, cujo fim he expor a verdade dos factos, deve-os appresentar, segundo realmente acontecerão: mas não assim o Orador; por que este endereça-se a persuadir, e a persuasão há mister do verosimil, isto he; de referir as cousas, como elas costumão acontecer, sem com tudo faltar ao fundo da verdade. O Historiador dirá simplesmente – As tantas horas do dia, ou da noite faccinorosos armados invadirão a casa do Cidadão pai de família F. de tal, e o assassinarão cruelmente: o Orador dirá o mesmo, mas de hum modo mais interessante, como por ex – Homens perversos invadirão a pacifica morada do cidadão F., que dormia no tranqüilo remanso da seguridade: alvoroça-se toda a família: a esposa traspasada de susto prostra-se a os pés dos sicarios suplicando-lhes não arranquem a vida de seu esposo; os filhinhos de redor chorão, os famulos gritão por socorro &c.<sup>84</sup>

Podemos encontrar reflexões de Aristóteles sobre o riso em duas outras obras: *As partes dos animais* e *Da geração dos animais*, que são estudos físico-biológicos nos quais o autor faz comentários rápidos sobre o riso, mas que são fundamentais para compreender algumas discussões que foram feitas posteriormente.

Em *As partes dos animais*, Aristóteles define o homem como o único animal que ri. Em *Da geração dos animais*, ele fala que a criança recém-nascida ri apenas quando está dormindo. Assim, o riso, próprio do homem, não seria próprio do recém-nascido, que por isso estaria mais próximo dos outros animais. Nessas passagens, encontramos a questão do riso diretamente ligada à questão do pensamento.

Outra obra de Aristóteles que nos oferece passagens sobre o riso e o risível é a *Retórica*. Nela, o autor afirma que as coisas risíveis podem estar presentes nos homens, nos discursos e nos atos. No livro da *Retórica* que trata do estilo e da ordenação das partes do discurso, Aristóteles faz algumas reflexões sobre o riso provocado quando há a troca de palavras em um verso e a troca de letras em uma palavra. Isso explica o efeito cômico

---

<sup>84</sup> *O Carapuceiro*, número 29 (29/4/1837), p. 4.

causado pelo jogo de palavras, quando este evoca mais de um sentido. O riso, porém, só aparece quando o ouvinte é capaz de identificar os sentidos e quando o orador consegue expressar esses sentidos ao mesmo tempo. Além disso, a surpresa causada pela troca de letras em uma palavra, ou pela troca de palavras em um verso, também é responsável pelo riso.

Em alguns trechos da *Retórica* também encontramos uma distinção entre a ironia e a bufonaria, ambas capazes de provocar o riso. A diferença estaria no fato de que utilizando-se da ironia, o orador estaria buscando o seu próprio prazer, enquanto que o bufão procura proporcionar o prazer a outrem.

Provavelmente, os primeiros textos ocidentais que expressaram estudos sistemáticos sobre o riso e o risível foram os de Cícero e Quintiliano. Os dois autores apresentam em suas obras sobre a retórica romana um capítulo dedicado à questão.

O *ridiculum* aparece na obra *De oratore*, de Cícero, ligado à questão do agradável e do útil. Para ele, o risível poderia surgir no discurso de duas maneiras: através de um contínuo tom de alegria e de jovialidade e de rápidas piadas marcadas pela malícia e pelo sarcasmo. O uso do risível está subordinado, na oratória, a objetivos sérios, uma vez que é utilizado a fim de que o orador consiga ganhar a sua causa. A diversão seria um objetivo secundário. Estaria subordinado, também, a um dos preceitos da retórica: ajustar o discurso às pessoas, circunstâncias e ocasiões. O fato do uso do risível no discurso depender das pessoas, ocasiões e circunstâncias é uma característica que serve para distinguir o discurso oratório da bufonaria, uma vez que esta última não apresenta nenhum motivo ao apresentar o risível. Para Cícero, os vícios visíveis no comportamento das pessoas oferecem temas para o ridículo, assim como as deformidades físicas.

O risível também está presente no terceiro capítulo do livro VI do *Institutio Oratória* (92-94 d.C.), de Quintiliano. Ele se coloca na teoria retórica de Quintiliano como um recurso que deve ser utilizado na peroração, assim como devem ser usados recursos que se associem

às paixões. Isso porque a peroração é a última parte do discurso, ou seja, o último momento que o orador tem para convencer seu público daquilo que ele defende. É interessante observar, no pensamento de Quintiliano, a reflexão que ele faz acerca da alegria que surge no momento do riso, que para ele está próxima da derrisão. Quentin Skinner, analisando essa reflexão, afirma:

Jogando claramente com os verbos *ridere* e *deridere*, ele (Quintiliano) conclui que ‘nossa alegria não está muito longe da derrisão’, já que a emoção incontrolável expressa por ela será frequentemente a de uma superioridade desdenhosa. Quando rimos, estamos frequentemente nos gabando ou glorificando diante de outra pessoa, por termos constatado que, comparadas conosco, elas sofrem de alguma fraqueza ou defeito desprezível. Como sintetiza Quintiliano, ‘a maneira mais ambiciosa de se gabar é falar zombando’.<sup>85</sup>

O filósofo francês Henri Bergson, em seu livro *O Riso: ensaio sobre a significação da comicidade*, também ajuda-nos a pensar o riso como um forte aliado do satirista. Ele inicia sua reflexão fazendo três observações acerca do lugar onde se deve procurar a comicidade. A primeira delas diz respeito ao caráter humano da comicidade, ou seja, não existe o riso fora daquilo que se relaciona ao homem. A segunda observação contempla o que há de insensível no riso. Para Bergson, o riso não existe onde há a emoção, pois para que ele surja, é preciso que se esqueça todo e qualquer tipo de piedade ou comoção diante de uma situação “risível”. A partir desse pensamento, Bergson faz uma reflexão acerca da diferença entre a inteligência e o sentimento, afirmando que o riso não poderia acontecer em uma sociedade que se deixasse levar unicamente pelo sentimento: “Portanto, para produzir efeito pleno, a comicidade exige enfim algo como uma anestesia momentânea do coração. Ela se dirige à inteligência pura.”<sup>86</sup> É daí que surge a terceira observação de Bergson: a inteligência que faz com que o riso aconteça precisa estabelecer contato com outras inteligências, ou seja, a comicidade não

---

<sup>85</sup> SKINNER, 2002, p. 22.

<sup>86</sup> BERGSON, 2001, p. 4.

provocaria o prazer que provoca se os indivíduos a “saboreassem” isoladamente: “Nosso riso é sempre o riso de um grupo (...) Por mais franco que o suponham, o riso esconde uma segunda intenção de entendimento, eu diria quase de cumplicidade, com outros ridentes, reais ou imaginários.”<sup>87</sup>

Bergson afirma que seu trabalho pretende entender o riso em seu meio natural: a sociedade. Para isso, é preciso que se determine, então, a sua função útil e sua significação social, uma vez que ele acontece em um meio de “vidas em comum”,

Ao pontuar algumas características que marcam a diferença entre a tragédia e a comédia, Bergson faz uma reflexão acerca da atitude dos personagens de cada um desses gêneros caso soubessem que o público os julga. No caso da tragédia, o personagem julgado não modificaria sua conduta, ao contrário do personagem da comédia que, tendo seus defeitos ridículos expostos e julgados, provocaria o riso e o riso é justamente o que o faria transformar-se:

Mas de um defeito ridículo, ao sentir-se ridículo, procura modificar-se, pelo menos exteriormente. Se Harpagon nos visse rir de sua avareza, eu não digo que se corrigiria, mas a mostraria menos, ou a mostraria de outro modo. Podemos dizer desde já: é nesse sentido, sobretudo, que o riso “castiga os costumes”. Ele nos faz tentar imediatamente parecer o que deveríamos ser, o que sem dúvida acabaremos um dia por ser de verdade.<sup>88</sup>

Assim, encontramos no riso um poderoso aliado da sátira, uma vez que ele é capaz de suscitar o sentimento de arrependimento naquele que se faz risível. É como afirma João Adolfo Hansen em *A sátira e o engenho*, livro que analisa a obra do escritor Gregório de Matos: a sátira fere para curar. E o instrumento utilizado para ferir é o riso: “Iludir a expectativa, zombar do caráter de outrem, ironizar o próprio, usar de caricaturas, dissimulação

---

<sup>87</sup> BERGSON, 2001, p. 5.

<sup>88</sup> BERGSON, 2001, p.13.

e duplo sentido, fingir ingenuidade dizendo asneiras são gêneros que fazem rir.”<sup>89</sup> De tudo isso valeu-se Lopes Gama em suas reflexões e preocupações relativas à reforma do ser humano. No capítulo seguinte, que tratará das especificidades da sátira, poderemos ver com mais detalhes como isso se realiza em *O Carapuceiro*.

### **Castigat mores**

A bem dizer da verdade, reduzida a pura exterioridade, ela (a civilidade) provoca risos.<sup>90</sup>

Como discurso persuasivo, a sátira tem como objetivo corrigir os maus costumes que a sociedade apresenta. Uma das questões que tomaram conta das preocupações dos intelectuais brasileiros, no século XIX, dizia respeito ao estágio de civilização que o país deveria atingir para conseguir o nível de “adiantamento” encontrado nos países europeus. Havia uma série de comportamentos que, segundo esses intelectuais, eram considerados indevidos e responsáveis pelo estado de atraso em que o Brasil se encontrava. A partir daí, então, era preciso que esses maus costumes fossem eliminados através de uma reforma no comportamento das pessoas, algo pelo qual os países europeus que serviam como modelo para o Brasil, como França e Inglaterra, já haviam passado. Com isso, começa-se a pensar na educação, nos comportamentos diante da sociedade e nos hábitos de higiene, que poderiam auxiliar na “civilidade” da sociedade brasileira.

Em *O Carapuceiro*, poderemos encontrar uma série de críticas a maus hábitos e comportamentos que eram considerados impróprios para a ilustração da sociedade brasileira, e que por isso atrapalhavam o seu desenvolvimento intelectual, cultural e moral. Lopes Gama encontrou na educação uma poderosa aliada para seu projeto de ilustrar a sociedade na qual vivia. Quando pensamos em qual era essa sociedade, podemos afirmar que ele se referia à

---

<sup>89</sup> HANSEN, 2004, p. 58.

<sup>90</sup> REVEL, Jacques. In: ARIÈS, 1991, p. 208.

sociedade brasileira como um todo, e não apenas àquela da qual ele participava mais especificamente, que era a sociedade pernambucana. Assim, o padre carapuceiro tece, nas páginas de seu periódico, uma crítica de costumes que se caracteriza pelo uso da sátira a fim de educar e moralizar os comportamentos das pessoas. Apresentaremos a seguir uma reflexão acerca da educação como método eficaz para que a sociedade brasileira atingisse a “civilidade” considerada adequada, além de destacar alguns maus comportamentos e costumes que ele acreditava serem responsáveis pelo “atraso” no qual o Brasil se encontrava.

Foi na Europa, durante o século XVI, que as regras de civilidade invadiram as práticas escolares e, pouco a pouco, se transformaram em disciplina extremamente autoritária. Grande parte dos textos de caráter civilizador era dirigida à educação das crianças, uma vez que se acreditava que quanto mais cedo elas aprendessem a obedecer as normas, melhor seria. Além disso, os pais eram considerados, sob essa perspectiva, como o maior exemplo que podia ser dado aos filhos, que seriam a sociedade futura. Assim, a imitação se torna uma poderosa aliada no aprendizado das boas maneiras:

A socialização das condutas não pode ser lida apenas em termos de uma submissão imposta às pessoas. Ela só atinge plenamente seus efeitos quando cada um se empenha em tornar-se seu próprio amo, como tantos textos antigos recomendam, e em considerar a norma como uma segunda natureza, ou melhor, como a verdadeira natureza por fim reencontrada.<sup>91</sup>

Ora, ninguém melhor que as crianças para internalizarem tais regras, uma vez que elas ainda não estavam “contaminadas” pelos vícios que os adultos apresentavam. Essa idéia era compartilhada por Lopes Gama e muitas vezes foi demonstrada em *O Carapuceiro*.

Nas páginas do periódico pernambucano encontramos diversas reflexões do autor acerca da educação que era praticada no Brasil, que, para ele, dificultava muito o processo de civilização do povo brasileiro. Em um artigo de 23 de setembro de 1837, intitulado “O que he

---

<sup>91</sup> REVEL, Jacques. In: ARIÈS, 1991, p. 184.

ser mal criado”, Lopes Gama ressaltou o papel da educação na moralização dos costumes e na instrução das pessoas. Comentando a educação que os filhos muitas vezes recebiam de seus pais, o autor afirmava que “A educação forma em nós huma segunda natureza, e corrige em grande parte as nossas más propensões. Até os brutos se modelão pela educação”<sup>92</sup>. O autor reclama que os pais se preocupavam com que os filhos aprendessem música ou dança, mas não davam a mínima atenção para a educação religiosa e moral. A esse respeito há também o comentário do número seguinte, de 27 de setembro, que foi utilizado por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*. As carapuças deste artigo são destinadas aos pais ou tutores dos “meninos malcriados”. Nele, Lopes Gama enumerou uma série de motivos para explicar a falta de educação das crianças. O primeiro deles dizia respeito à convivência que estas tinham com os escravos. Lopes Gama destacava uma série de costumes que caracterizavam a má educação que os meninos adquiriam através da convivência com os negros. Além disso, reprovava a atitude das senhoras solteiras que cuidavam dos filhos de escravos e condenava a criação errada que certos meninos recebiam, que fazia com que eles conservassem, até quando já estivessem em idade avançada, manias que eram adquiridas através da relação que estabeleciam com os negros:

Primeiramente eu estou persuadido, que a escravaria, que desgraçadamente se introduzio entre nós, he a causa primordial da nossa pessima educação e em verdade quais são os nossos primeiros mestres? São sem duvida a Africana, que nos mamentou, que nos pensou, e nos subministrou as primeiras noções, e quantos escravos existião na casa paterna em a quadra dos nossos primeiros annos. Maneiras, linguagem, vícios, tudo nos innocula essa gente safara, e brutal, que à rusticidade da selvajeria une a indolência, o despejo, o servilismo próprios da escravidão.<sup>93</sup>

É interessante notar que Lopes Gama atribui todos os vícios que enumera em seu artigo à escravidão e não à raça. A escravidão era uma das práticas que o padre mais

---

<sup>92</sup> *O Carapuceiro*, número 46 (23/09/1837).

<sup>93</sup> *O Carapuceiro* número 47 (27/09/1837), p.1.

condenou em seus escritos. Sobre esse aspecto, Gilberto Freyre observa que é preciso prestar atenção no fato de que a falta de aprovação estava relacionada ao escravo, ou seja, à condição em que os negros se encontravam no Brasil. A crítica de Lopes Gama em momento algum coloca em discussão questões étnicas e sim sociais. Isso bem pode ser observado em diversos outros artigos em que ele expressa sua posição contrária à escravidão, principalmente por questões humanitárias. Por causa disso, muitos pesquisadores consideram o pensamento de Lopes Gama revolucionário em relação à escravidão.

Gilberto Freyre salienta, em *Casa Grande e Senzala* que, das palavras de Lopes Gama devem ser descontados os “excessos de moralista e panfletário”, afirmando que “Elas refletem, assim, desbastadas, experiências por ele vividas.”<sup>94</sup> . Realmente, a principal matéria-prima que Lopes Gama utilizava para escrever *O Carapuço* estava naquilo que ele observava no cotidiano. A Língua Portuguesa falada, como pontua Gilberto Freyre em seu livro, também foi motivo para vários artigos de Lopes Gama. Observando de que maneira a linguagem dos escravos interferia na linguagem dos brasileiros, Lopes Gama tece uma série de críticas à educação que estes estavam recebendo. Como bem destaca Freyre:

Para Frei Miguel – padre-mestre às direitas – era com os portugueses ilustres e polidos que devíamos aprender a falar, e não “com tia Rosa”, nem “mãe Benta”, nem com nenhuma preta da cozinha ou da senzala. Meninos e moças deviam fechar os ouvidos aos “oxentes” e aos “mi deixe” e aprender o português correto, do reino. Nada de expressões bundas nem caçanjes.<sup>95</sup>

A conseqüência do uso exagerado de expressões africanas era uma linguagem “bordalenga”, advinda da “geringonça luso-africana”. No caso do periódico pernambucano é satirizada a linguagem “misturada” que era falada no Brasil. Lopes Gama coloca na boca de seus personagens exemplos dessa linguagem, mostrando como ela afastava os falantes da

---

<sup>94</sup> FREYRE, 2002, p. 405.

<sup>95</sup> FREYRE, 2002, p. 404-405.

“ilustração” que só poderia ser conseguida através da aprendizagem da verdadeira Língua Portuguesa:

Se no Brasil o que se falla he a lingoa Portugueza segue se necessariamente, que com os Portugueses illustrados, e polidos he, que devemos aprender a fallar, e não com a tia Roza, e mãi Benta, &c. &c. D. Mariquinhas he bella, veste se com gosto, apresenta se nos bailes com garbo, e atosidade; dansa bem as sempiternas quadrilhas, toca seu piano, e canta agradavelmente: mas quando falla diz *pra mode que?* em vez de por amor de que? Diz *cadê elle?* em vez de que he delle? Diz *vigie*, em lugar de veja. Diz *oreia*, *veiaco*, *cuié*, *muié* em vez de orelha, velhaco, colher, mulher, &c. (...) <sup>96</sup>

Tanto pela linguagem quanto pelos preceitos que ela passava, as novelas, gênero literário bastante difundido no Brasil do século XIX, foram bastante criticadas por Lopes Gama em *O Carapuceiro*. A primeira crítica a essa literatura surge no número 10 do periódico pernambucano, publicado em 20 de maio de 1837, em um artigo intitulado “A moral do Brazil”, em que o padre carapuceiro comenta sobre a falta de moral que assola o país. Ao falar sobre a questão da corrupção, do sistema judiciário e da ladroagem para ilustrar a imoralidade presente nos brasileiros, Lopes Gama ataca as novelas, consideradas por ele como exemplo daquilo a que dava atenção a juventude do Brasil:

Huma enxurrada de Novellas se derrama por todos os lados, pela mor parte tosca, e miseravelmente traduzidas para o nosso idioma, que assim se vai mais e mais corrompendo e viciando. E de que constão quase todas essas Novellas, cujos títulos são prodigiosamente variados, e numerosos? A paixão do amor he por via de regra o seu fundamento, como se a Mocidade, houvesse mister de ser estimulada para tal affeição! Ali se ensina, como huma filha há de illudir a vigilância dos pais, e sacrificar se ao ser amante; ali até muitas vezes se vê bigodeada a sancta felicidade conjugal! Por outra parte deixão-se correr livremente, e andão por todas as mãos os citadores de Pigault Lebrun, a Thereza Filosofa, o Templo de (?) <sup>97</sup>, a Carta apocryfa de Talleyrand ao Papa, e outros escriptos obcenos e emminantemente corruptores. <sup>98</sup>

---

<sup>96</sup> *O Carapuceiro*, número 58 (19/10/1942), p. 1.

<sup>97</sup> Ilegível.

<sup>98</sup> *O Carapuceiro*, número 10 (20/5/1837), p. 2.

A ilustração do povo brasileiro viria, para Lopes Gama, da reforma de seus costumes, através da moralização e da educação. As sátiras que escreveu denunciavam uma série de atitudes que afastavam o Brasil daquilo que ele deveria alcançar, fosse pelos maus hábitos disseminados no povo ou pela má política praticada pelos governantes. Foi através da sátira que Lopes Gama encontrou uma maneira de contribuir para o melhoramento de seu povo, segundo aquilo que acreditava.

A preocupação em corrigir os maus costumes da sociedade brasileira é compartilhada pelos intelectuais brasileiros da época. Nesse sentido, surge uma série de esforços para atingir o nível de civilização considerado propício para uma sociedade que abrigava uma família real.

Para Antonio Candido:

Foi todavia com a vinda de D. João VI que o Brasil conheceu realmente, embora em escala modesta, a sua Época das Luzes, como entrosamento de uma iniciativa governamental, do pragmatismo intelectual, da literatura aplicada, que finalmente convergiram na promoção e consolidação da Independência. Se a poesia desse momento é de qualidade inferior, são excelentes o ensaio e o jornalismo, que, levando à conseqüência lógica as tendências didáticas da Ilustração, tomam o seu lugar no espírito dos melhores e contribuem para criar a atmosfera de cujo adensamento sairiam as iniciativas da independência literária.<sup>99</sup>

Diversos periódicos surgidos nessa época possuíam o intuito explícito de instruir a população. No caso de *O Carapuceiro* isso fica muito claro, uma vez que além de tratar de problemas relativos aos vícios humanos em geral, o redator se preocupava em descrever os maus costumes da sociedade brasileira. O objetivo de Lopes Gama era lutar para manter a independência do Brasil e combater a idéia de que os problemas econômicos e sociais poderiam ser resolvidos através de mudanças políticas e sociais promovidas radicalmente. Ele acreditava que todas essas questões que atrapalhavam o “avanço” do país eram oriundas da

---

<sup>99</sup> CANDIDO, 2006, p. 69.

falta de moral e da falta de educação, por isso pregava uma reforma dos costumes que só poderia acontecer através da eliminação dos vícios que a sociedade apresentava.

Na verdade, a preocupação com a educação como meio de se atingir um estado de civilidade havia começado há muito tempo no Brasil, vinda justamente da Europa. Roger Chartier, na introdução dos capítulos que tratam da civilidade em *História da vida privada*<sup>100</sup>, afirma que entre os séculos XVI e XVIII intensificam-se as tentativas de regulamentação das condutas sociais, o que acabou gerando a criação de uma oposição entre a civilidade e a intimidade:

O espaço governado pela civilidade é o da existência coletiva, da sociabilidade distintiva da corte e dos salões, ou do ritual social em sua íntegra cujas normas obrigatórias devem aplicar-se a todos os indivíduos, seja qual for a sua condição. A intimidade, ao contrário, exige locais isolados, espaços apartados onde encontrar solidão, recolhimento, silêncio. O jardim, o quarto (porém mais ainda a alcova e a ruelle), o gabinete, a biblioteca oferecem tais refúgios, que, juntos, escondem o que já não deve ou não pode ser mostrado (os cuidados com o corpo, as funções naturais, os gestos do amor) e abrigam práticas associadas mais que antes ao isolamento: assim a prece ou a leitura.<sup>101</sup>

O esforço destinado ao controle dos comportamentos intensifica-se no século XVI. Jacques Revel, em *Usos da civilidade*<sup>102</sup>, ressalta o caráter pedagógico do que chama de “literatura das civilidades”, destacando as diversas metodologias empregadas nesse projeto, que variam de acordo com uma série de fatores, como o público a quem é destinada e a importância dada a determinadas regras. Várias dessas preocupações estão presentes em *O Carapuceiro*, utilizando a sátira como a aliada da educação para “civilizar” os maus costumes da sociedade brasileira.

Revel considera *A civilidade pueril*, de Erasmo, o texto matriz que deu origem a diversas obras que participaram do projeto de civilizar as sociedades. Segundo o autor: “Ao

---

<sup>100</sup> Cf. ARIÈS, 1991.

<sup>101</sup> CHARTIER, Rogert. In: ARIÈS, 1991, p. 165.

<sup>102</sup> In: ARIÈS, 1991, p. 169-208.

mesmo tempo que reformula a própria noção de civilidade, esse breve tratado didático, escrito em latim, fixa – e por três séculos – o gênero literário que garantirá à pedagogia das ‘boas maneiras’ sua mais ampla difusão social”<sup>103</sup>. A essência do livro de Erasmo foi retomada por muitos outros escritores, o que não significa que ele tenha sido original, uma vez que encontramos a preocupação com a civilidade nas obras de autores anteriores, como Aristóteles, Cícero e Quintiliano, bastante lidos pelo padre carapuceiro. O livro de Erasmo é, portanto, repleto de referências a esses textos anteriores, além de apresentar provérbios, máximas e fábulas, exemplos da sabedoria popular que se encaixam perfeitamente no projeto de civilidade e que foram muito usados em *O Carapuceiro*, como foi dito anteriormente na descrição que fizemos do periódico. Na verdade, tais textos são usados justamente por conterem um alto teor moralizante, o que está de acordo com o projeto civilizador e com a utilização da sátira.

Aliada à intenção moralizante, podemos encontrar nessas obras a idéia de que os movimentos do corpo refletem aquilo que é verdadeiramente o homem. Refletindo sobre a leitura psicológica dos olhares, Revel afirma:

Todos os movimentos, todas as posturas corporais, a própria roupa podem ser objeto de uma leitura semelhante. Os gestos são signos e podem organizar-se numa linguagem, expõem-se à interpretação e permitem um reconhecimento moral, psicológico e social da pessoa. Não há intimidade que não revelem.<sup>104</sup>

Assim, pensava-se que já que o corpo refletia o que havia no interior do homem, seria possível modificar esse interior através da regulamentação do corpo, através de práticas exteriores. Daí uma literatura que surge com a intenção de demonstrar como essa mudança poderia ser feita, a partir da descrição daquilo que era considerado irregular e que deveria ser banido das atitudes das pessoas. E o maior exemplo de irregularidade era dado pelos excessos

---

<sup>103</sup> REVEL, Jacques. In: ARIÈS, 1991, p. 171.

<sup>104</sup> ARIÈS, 1991, p. 172.

cometidos em todos os sentidos, desde as vestimentas que eram usadas aos gestos, linguagem e comportamentos.

Em *O Carapuceiro*, encontramos a idéia de regulamentação do corpo, por exemplo, nos momentos em que Lopes Gama condena um vício que, segundo ele, é um dos mais cometidos pelo ser humano: a mania de falar muito. Controlar a língua significava uma eficaz maneira de se chegar a um estado favorável de civilidade. O vício de falar muito, também nomeado pelo padre carapuceiro de “desinteria parlatória”, cometido principalmente pelas mulheres, aparece logo no número de estréia do periódico, para depois se tornar recorrente em suas páginas: “Ora, por onde começarei eu a falar? Como isto está à minha escolha; principiarei pelos falladores, gente, que parece leva esporas na língua, e de que há copia sobeja neste nosso Planeta subllunar.”<sup>105</sup>

Com relação às mulheres, Lopes Gama chega a afirmar: “Parece que a Natureza depositou na lingua do bello sexo toda a força que tem os homens nos braços e pernas”<sup>106</sup>. Por causa dessa “qualidade” do sexo feminino, o padre carapuceiro considera que as mulheres, muitas vezes, são superiores aos homens na arte da retórica, uma vez que conhecem todas as artimanhas que a língua pode lhes oferecer. Em 1837, *O Carapuceiro* apresentou, no dia 13 de maio, um interessante artigo intitulado: “As Senhoras Rethoricas”<sup>107</sup>, no qual defende a idéia de que fosse criado um projeto que permita a admissão das mulheres como mestras nas cadeiras de retórica, já que não existe ninguém melhor que elas na “arte de falar”, mesmo quando não têm nada a dizer. Lopes Gama inicia uma enumeração das classes de senhoras retóricas. A primeira, composta por aquelas “que se occupão muito principalmente em excitar as paixões”. A segunda é formada pelas mulheres “cujo talento mais notável he o das invectivas, a que o vulgo, não conhecedor das armas da Eloquência, costuma chamar com

---

<sup>105</sup> *O Carapuceiro*, número 1 (7/4/1832), p. 1.

<sup>106</sup> *O Carapuceiro*, número 17 (18/8/1832), p. 68.

<sup>107</sup> Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke aponta esse artigo como uma tradução do periódico inglês *The Spectator* de número 247.

grosseria maldizente”. Na terceira página, Lopes Gama define quais seriam as mulheres pertencentes a uma “terceira” e a uma “quarta” classes de senhoras “entendidas n’Art Oratória”. As da terceira são as chamadas “Bacharellas” e as da quarta são as “Senhoras Gamenhas”. Este tipo de observação sobre as mulheres, de que elas são superiores aos homens na arte da retórica pelo tanto que falam, já havia sido feito em um número anterior. Tentando entender o que acontece para que as mulheres possuam essa capacidade nata, afirma:

Neste desígnio tenho pedido a hum amigo, mui destro Anatômico, que a primeira vez que se lhe offerecer ensejo, tenha a curiosidade de dissecar huma língua, feminina, a fim de examinar, se será saturada d’algum suco ígneo, que lhe dá essa grande flexibilidade, e volubilidade, que se lhe conhece; ou se as suas fibras são de huma contextura mais fina, e delicada, que a dos homens; ou se terá alguns músculos particulares, que a tornam capaz de vibrações súbitas, ou finalmente se há huma affluencia continua de espíritos animaes, que da cabeça, e do coração passam a esse instrumentinho da garulidade por canaes tão occultos, que até hoje ainda se não tem podido descobrir.<sup>108</sup>

Outra regulamentação do corpo, presente no periódico de Lopes Gama, diz respeito às danças que estavam na moda em sua época. Muitas vezes o brasileiro achava que para estar de acordo com a “civilização” européia, precisaria seguir à risca tudo que viesse de lá, não importando se no Brasil havia condições para isso. Para o padre, a mania de macaquear o estrangeiro em tudo, inclusive nas danças, fazia com que os brasileiros se vissem em situações constrangedoras, uma vez que não havia no Brasil o mesmo clima que havia na Europa, e por isso dançar da mesma maneira que os europeus provocava “suores” não muito agradáveis. No fundo, encontramos a crítica de Lopes Gama voltada para o brasileiro que achava que

---

<sup>108</sup> O trecho citado está presente em *O Carapuceiro* número 5, de 6 de maio de 1837. Há uma troca de páginas entre os números 5 e 8. A partir da terceira página do número 5, o assunto já não é o mesmo, o que nos leva a crer que houve um erro na composição das páginas do periódico. Essa distração pode ter sido cometida pela tipografia onde ele era impresso ou durante a organização da edição fac-similar. De qualquer maneira, temos as duas primeiras páginas do artigo “As Senhoras Rethoricas” no número 8, de 13 de maio de 1837, e as duas últimas no número 5, de 6 de maio deste mesmo ano.

conseguiria atingir a “civilidade” por meio de práticas exteriores, sem antes reformar aquilo que era a verdadeira causa da falta de ilustração, ou seja, a falta de educação e moral. O padre carapuceiro observa uma sociedade marcada pelo culto às aparências, que julgava ser preciso estar na moda para alcançar a civilização, não enxergando o equívoco que havia em simplesmente querer transpor práticas externas dos europeus, presentes, por exemplo, em roupas e em certos rituais sociais que não “cabiam” na realidade do Brasil. E mesmo nessas observações, encontramos a veia satírica de Lopes Gama, expondo o quão ridículo se tornava o brasileiro por não entender que a verdadeira reforma deveria ser interior:

Alem disto entendo, que certas modas infferentes, ou ainda proveitosas em alguns paizes, nada convem a outros em rasão da differença de climas, de costumes, &c. Ultimamente appareceo entre nós huma danza chamada *Galope*, que não duvido seja mui agradável, conveniente na Inglaterra, por ex, e em os dias d’inverno, depois de terem as panças bem cheias de *rost beef*, e de barriz de cerveja: pode ser, que o tal Galope sirva muito bem para excitar nelles o calor e a transpiração: mas o Galope em Pernambuco, onde vivemos abafados de calor! Galope na zona torrida! Não importa: he moda, e moda estrangeira, e tanto basta para se estimar e adoptar; e lá se atirão rapazes, e Senhoritas aos pinotes, dando patadas, com que estremecem as sala; por! Que em fim arremedar hum dos andares dos cavallos não pode deixar de ser couza agradável, e muito propria das luzes do seculo: Acabão elles, e ellas essas desgraçadas; andanças ou correrias, batendo a alma pela bocca, a lagados de suor, e mortos de cansaço.<sup>109</sup>

A maneira de se comportar à mesa é outra matéria tratada pelos textos que ditam as regras da civilidade e que demonstram a necessidade de se controlar o corpo. Jacques Revel, investigando os usos da civilidade<sup>110</sup>, observa que os rituais ligados à alimentação representam a ocasião ideal para aplicar tais normas, pois favorecem a demonstração da sociabilidade: “Comer em companhia requer um autocontrole que em primeiro lugar faça esquecer o corpo, seus apetites indiscretos, suas funções, seus ruídos e humores”.<sup>111</sup> A falta desse autocontrole é denunciada por Lopes Gama em diversos números de *O Carapuceiro*,

---

<sup>109</sup> *O Carapuceiro*, número 3 (26/4/1837), p. 2-3.

<sup>110</sup> Cf. ARIÈS, 1991.

<sup>111</sup> ARIÈS, 1991, p. 186.

vários deles comentando as festas de fim de ano, circunstância propícia para que o vício da gula se manifestasse e, com ele, toda a falta de educação à mesa:

O faro de orubú a respeito da carniça não he tão fino, e apurado, como o de hum tolineiro relativamente a objectos de papança. Muitas vezes está no Recife, e sem haver quem lhe noticie, de lá mesmo aforôa hum jantar de Baptizado, e cazamento, que se dá no Monteiro; e lá vai com o seu par de mandibulas tão afiadas, e movediças, que mettem medo. Aquelle estomago aventureiro he essencialmente gastrônomo; e parece, vive só para comer, e não come para viver. Alguns há, que não só desengação como se se despedissem deste mundo, como não q' enfardelão nas algibeiras o que podem, de maneira que lhes não falte sortimento para os dias de *requiem*: a hum já aconteceo pela pressa, com que agaxantava, metter n'algibeira doce d'ovos de calda, e ir deixando hum rastilho de mel por onde passava (...) O pobre escriptor do Carapuceiro vos pede perdão de algumas faltas, e de tudo quanto em seus escriptos vos tenha desagradado. Elle deseja ver emendados os maos costumes do Brazil, sua querida Patria; e conhecendo, que o estylo didatico de huma Moral austera mui pouco, ou nada aproveita para a correcção dos vicios, seguiu a maxima do grande Mestre Horacio, procurando derramar o útil por meio do agradável, e faceto.<sup>112</sup>

Em outro artigo, intitulado “As constipações, e as bellas indigestões”, Lopes Gama também fala sobre o tempo do Natal. Ele declara que no tempo de sua avó, não se ia ao campo sem antes tomar “vomitórios” ou purgantes, que na maioria das vezes causava gastrites e interites. Além disso, o padre carapuceiro comenta sobre as constipações causadas pelo choque de temperatura causado nos banhos e as que aparecem depois dos bailes, uma vez que por conta da mania de “macaquear” o estrangeiro, não havia respeito pelo clima do Brasil, e todas as danças da moda são próprias para o clima frio. Ele ilustra seus comentários dando como exemplo a dança inglesa conhecida como galope, que estava na moda naquela época. Após descrever situações cômicas que acontecem nesses banhos, o padre carapuceiro fala dos exageros cometidos no que diz respeito à gula. O autor descreve os jantares, que são repletos de circunstâncias ridículas envolvendo os “comilões”, que acabam tendo terríveis indigestões:

---

<sup>112</sup> *O Carapuceiro*, número 85 (14/12/1833), p. 339-340.

Não falta a vinhaça nos jantares, o Feitoria, o Madeira, a Mal-vasia andão em profusão; os guizados, os ensopados, os fricacés, os fricandós trescalão o olfato com o cheiro das especiarias, e para maior carga apparece na sobrezeza, a que à Ingleza também chamamos *toast*, o espumoso Champagne. Dessas comidas, e bebidas nascem formidaveis indigestões, d'onde se originão gastro-interites, appoplexias, &c. &c., e final de contas acabada a Festa o saldo he sempre a favor do Medico, e mais do alchimista Boticário. E que cousa mais encomoda, do que hum desses jantares do grande tom! Ordinariamente não começam, se não lá perto das Ave Marias. Os convidados estão tocando as almas nos dentes; estão todos palidos, e desfigurados, e muitos para illudir as exigencias do estomago, atirão se ao infallivel jogo (...) Ali está consumida a paciencia, o espirito inquieto, e assustado, e as tripas roncando; por que só tem ar: tudo está com cara de fome, e nada de jantar. Huns atirão olhadellas curiosas lá para o interior da casa, onde ouvem os tinidos dos copos, e pratos, o tracalhar das colheres (...) Assim cada qual procura distrahir a fome, que o devora, quando já ao transontar o sol, vem o domno da casa com ar risonho, e prezenteiro com a faustissima noticia de estar prompto o suspirado jantar (...) Em que estado já está esse jantar vespertino! Quasi tudo frio, e ensebado: os molhos são *aquella mesma gracha*, &c. Entre tanto não se falta ao ceremonial, apesar d'ancia por comer, com que todos estão. Os pratos são repartidos simetricamente, e só se come a compasso. Os guizados são por via de regra muito engurdurados, e cheios de especiarias: sobre estes vão as bebidas espirituosas de todas as qualidades, *inclusive* q cerveja, que dizem ser uma cousa fresca; mas *manja* eu, que tal creia. Que *mare magnum* de indigestões! (...) Na minha opinião huma das cousas mais encommodas, que conheço, he hum jantar de grande tom, e debaixo do ritual da moda. He um aperto, he um constrangimento, he hum suor, que muito encommodão ao verdadeiro gastronomo.<sup>113</sup>

Assim, podemos afirmar que a civilidade é aplicada, sobretudo, nos espaços onde acontecem os rituais sociais. Há, aí, outra questão que permeia as discussões sobre as regras do bom comportamento: a preocupação com a aparência. A respeito da corte francesa do século XVII, Revel afirma:

A corte faz da aparência sua regra social. O respeito à etiqueta, à vestimenta, à palavra, à apresentação do corpo obedecem a essa mesma exigência de um reconhecimento coletivo. O perfume, o pó, a peruca produzem um corpo enfim conforme as expectativas do olhar social. A dança talvez seja a técnica corporal que melhor exprime essa exteriorização absoluta dos comportamentos (...) mostra o corpo apenas para melhor demonstrar o domínio sobre ele.<sup>114</sup>

---

<sup>113</sup> *O Carapuceiro*, número 73 (23/12/1837), p. 3-4.

<sup>114</sup> REVEL, Jacques. In: ARIÈS, 1991, p. 197.

Para muitos autores o berço não significava a garantia da civilidade. Era preciso muito mais que isso: era preciso haver a virtude. Isso queria dizer que todo homem poderia ser capaz de praticar as regras de civilidade, desde que tivesse virtudes para isso.

O século XIX no Brasil foi marcado pela presença de vários manuais e cartilhas de boa conduta, que pretendiam ensinar a sociedade a se comportar segundo as regras da civilidade e do “bom tom”<sup>115</sup>. O grande problema, no Brasil, foi que essas regras eram seguidas apenas para reforçar a aparência de civilização e, por isso, mereceram ser criticadas pelas duras penas de Lopes Gama. A afetação presente na “ditadura” das regras de etiqueta podem ser observadas em *O Carapuceiro* de 9 de maio de 1837, intitulado “O caracter refochado hoje predominante”, no qual o padre carapuceiro descreve uma série de atitudes de acordo com o “bom tom”, mas que na verdade servem para esconder a hipocrisia dos homens, como a maneira de se cumprimentar alguém:

Hoje a dissimulação, e os cumprimentos andão tanto em voga, ou são tanto da moda, que as palavras quasi já não exprimem os pensamentos. (...) O estilo das conversações de hoje he tão crespo de vãos cumprimentos, e tão debruado de protestos de respeito, e amisade, que o homem que voltasse ao mundo, tendo morrido a 50, ou 60 annos, precisaria de hum Diccionario para entender a propria lingua, e saber do justo valor das frases da moda.<sup>116</sup>

Assim, pudemos observar que *O Carapuceiro* estava de acordo com uma série de medidas adotadas para que a sociedade brasileira atingisse o grau de civilização desejado pelos seus intelectuais, que tinha como principal modelo a ilustração européia.

O interessante é notar que o periódico pernambucano encontrou na sátira uma poderosa aliada nesse projeto de civilizar. Em “O que falta ao Brazil”, publicado em *O Carapuceiro* no ano de 1837, encontramos um “resumo” do que Lopes Gama pensava sobre a situação pela

---

<sup>115</sup> Conferir a introdução do livro de J. I. Roquette, *O código do bom-tom: ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX*, escrita por Lília Moritz Schwarcz, publicado pela editora Companhia das Letras na Coleção Retratos do Brasil, em 1997.

<sup>116</sup> *O Carapuceiro*, número 6 (9/5/1837)

qual o país passava. Sobre a falta de civilização pela qual vivia o Brasil, o padre carapuceiro questionava: “onde está essa melhoria, filha do derramamento das Luzes?”. Ele afirma que por mais que os assuntos sobre a política tivessem caído “na boca do povo”, isso não significava que a população do país estivesse mais instruída. Lopes Gama, em primeiro lugar, destaca a face desumana da escravidão para, depois, comentar a incoerência que existia entre o desejo de tornar o Brasil um país independente, com um sistema de governo baseado na liberdade, e ao mesmo tempo preservar o escravismo, “perpetuando dest’arte huma das mais prolíficas sementes da immoralidade, e retrogradação do Brazil.”<sup>117</sup> O padre observa que no Brasil a mudança do sistema monárquico para o sistema representativo foi feita de uma maneira muito brusca, e que talvez esse fosse o motivo de tantos males que acometem o Brasil, juntamente com a falta de civilidade: “Os nossos males pois não provem da civilização; pelo contrário nascem da falta desta, por que não se tem cuidado em tornar-nos industriosos, e morigerados.”<sup>118</sup>

Por fim, Lopes Gama faz uma reflexão acerca da população que habitava o Brasil, traçando um panorama do cenário nacional:

Por invertebrados prejuízos he desprezada entre nós a profissão das Artes, mormente das que chamão mecânicas, e todos os olhos cravados nos Cofres publicos: finalmente a população do Brazil compõe-se em grande parte de papagusadores, e ergotistas, políticos, de chicanistas, de Empregados Públicos, D’industria bem poucos são os que se occupam; por que muitos que não podem pescar algum empregozinho, seja de que natureza for entregão-se à occiosidade, e calaceria, quando não dão para viver *das suas agencias*, que não há nada mais temível. De que serve pois, que já tenhamos hum numero concideravel de Periódicos, do que serve, que entre nós até as mulheres já questionem sobre Política, se nada trabalhamos por cultivar a industria, e a moral?<sup>119</sup>

Juntamente com a preocupação com as boas maneiras, veio a atenção para com a higiene, que também servia como marca de civilidade. Além disso, havia a tentativa de

---

<sup>117</sup> *O Carapuceiro*, número 7 (11/5/1837), p. 2.

<sup>118</sup> *O Carapuceiro*, número 7 (11/5/1837), p. 2.

<sup>119</sup> *O Carapuceiro*, número 7 (11/5/1837), p. 3-4.

estabelecer regras que controlassem as emoções e os sentimentos, diferentes para cada gênero, masculino ou feminino. Tudo a favor de que fosse constituída uma sociedade brasileira “civilizada”, aos moldes das elites européias. A questão da higiene sempre foi uma preocupação presente em *O Carapuceiro*. Diversos números do periódico trazem assuntos referentes à medicina, tendo a higiene da população como principal tema. No número 25, do dia 19 de julho de 1834, por exemplo, há na sessão “Variedade” uma tradução de um texto de Limouzin Lamothe, retirado do *Jornal das Sciencias úteis*, feita pelo “Snr. Cirurgião Mor Joaquim Jeronymo Serpa”, intitulado “Meio de nos certificarmos da boa qualidade, e excellente compleição, ou constituição do humor vaccino (das bexigas)”. Nesse artigo, ensina-se a fabricar a vacina contra a bexiga a partir das crostas que surgem naqueles que já foram vacinados, o que poderia render uma economia e uma maior perpetuação da vacinação. Lopes Gama comenta, após a transcrição da tradução, a eficácia desse processo no momento em que a bexiga se alastrava no Brasil, afirmando que seria melhor olhar com atenção para esses assuntos do que para as “frivolidades políticas, e couzas, que só servem de dar pasto à infrutifera curiosidade dos ociosos”. O número 27 desse mesmo ano trouxe outro artigo ligado à higienização, retirado desse mesmo jornal e traduzido pelo mesmo médico, dessa vez trazendo a preocupação com a conservação dos dentes.

Encontramos, também, a medicina como tema em alguns artigos que visavam a condenar hábitos populares ligados ao curandeirismo. No número 31, de 17 de novembro de 1832, Lopes Gama inaugura uma série de artigos que aparecem ao longo dos anos de publicação do periódico, em que condena severamente a prática realizada pelos “médicos populares” ou “curandeiros”. Nesse número, cujo título é justamente “Os curandeiros”, o padre carapuceiro tece a sua crítica contra as pessoas que não possuem nenhuma instrução, mas que medicam, lançando a seguinte pergunta: “Que cousa he pratica de huma Arte sem nenhuma theoria?”. Lançando mão, mais uma vez, de sua veia satírica, ele traça o perfil

daqueles que se julgam capazes de praticar a medicina, sem que, na verdade, possuam qualquer conhecimento teórico para isso:

Não há moléstia por mais complicada, e recondita, que seja, que não encontre milhares de curandeiros, e curandeiras prommetendo de as medicar da noite para o dia. Se me queixo de huma dor de cabeça, surge d’ali huma velha, que muitas vezes tão bem serve de parteira, e logo me repete huma ladainha de mezinhas para dor de cabeça, todas prodigiosas, e quer aplicar-me clisteis de quanta erva contem o infinito reino vegetal (...) He para ver o desempenho, e fresquidão, com que hum assassino destes de curiosidade tatea o pulso de hum pobre doente, sem saber o que he pulso, nem onde elle está, nem qual o seu estado normal, nem as variações dos temperamentos, e das diversas idiosincrazias, classifica as febres, chama lhes causas, e não effectos de enfermidades, manda botar ao doente a lingoa de fora, e reduzindo as entranhas a outras tantas cloacas, decide, que está o estomago sujo, e em consequencia trata de o limpar, pespegando-lhe hum, dous, e mais vomitorios de tartaro, que alguns Boticários dão sem receita de Facultativo, como se fosse cevada, ou agoa de flor.<sup>120</sup>

Lopes Gama continua o artigo fazendo uma defesa dos médicos, apontando a injustiça que sofrem quando algum paciente não consegue ser salvo, sendo muitas vezes classificado como um mau médico, ao passo que se o mesmo acontece nas mãos de um curandeiro, a história é bem outra: foi desígnio de Deus, havia chegado a hora. Fala também da diferença que existe quando o paciente é salvo pelo médico e pelo curandeiro. No caso do médico, não passa de uma obrigação. No caso do curandeiro, um milagre é operado. Também há, nos artigos que tratam do curandeirismo, uma denúncia do charlatanismo dos “feiticeiros” e dos purgativos que eram recomendados para qualquer tipo de doença, como o *Le Roy*, importado da França e bastante popular na época. Além disso, Lopes Gama sempre lembra que os curandeiros geralmente pedem uma boa soma de dinheiro para realizarem a cura dos enfermos, como pode ser visto no número 43, do dia 13 de setembro de 1837, intitulado “Os curadores de feitiço”. Nesse artigo, encontramos uma crítica às pessoas que, depois de recorrerem aos remédios da medicina para curar suas enfermidades, por falta de paciência de

---

<sup>120</sup> *O Carapuceiro*, número 31 (17/11/1832), p. 121-122.

seguir o tratamento indicado pelos médicos, acabam procurando curandeiros para resolver o problema através de “vias sobrenaturais”.

Quanto a essas “vias sobrenaturais”, Lopes Gama fala também dos “trabalhos” realizados por negros e caboclos, a pedido de algumas mulheres, a fim de que estas consigam casamento, ressaltando a prática das “simpatias”, bastante comuns não só no universo feminino, mas na sociedade brasileira em geral, o que o leva a afirmar:

Quando observo estes, e outros factos, o despeito tira me pelo desejo de rejeitar a definição, que toda Filosofia tem dado do homem: animal racional. Sim. Tenho sentido ímpetos de atirar com tal definição para os sonhos da Methafizica; por que à vista de certos indivíduos da nossa espécie, parece, que essa definição não abrange todo o definido. Bem disse o atiladissimo Aristóteles, que muitas vezes de tal homem a tal homem vai maior distancia, que do homem ao burro; e por isso entendo, não errará quem afirmar, que há homem homem, e há homem besta. Talvez pertença a esta ultima classe quem de boa fé acredita em feitiços.<sup>121</sup>

A superstição era outra característica da cultura popular que contribuía fortemente para afastar a sociedade brasileira da civilização. Na maioria das vezes, era propagada pelas escravas negras, que enchiam a cabeça das crianças de medos e das mulheres de “esperanças” relativas à consumação do casamento. A crença cega de que se poderia conseguir o que fosse por meio de simpatias fazia com que mais e mais pessoas cometessem uma série de atos que atentavam contra a razão. Para se prevenir contra as “pragas” que as mulheres rogavam pra cima dele, Lopes Gama, empregando a ironia, demonstra superstição ao pedir que estas não fossem feitas ao meio-dia, pois seria a hora em que os anjos do céu diziam “amém” de uma maneira mais entoada, segundo lhe disse uma tia. Adverte que ele também poderia rogar praga contra as senhoras a essa hora do dia. Tudo isso para mostrar a falta de racionalidade que havia em se acreditar em coisas absurdas, como a que acabava de narrar.

---

<sup>121</sup> *O Carapuceiro*, número 43 (13/9/1837), p. 4.

É interessante notar nesses artigos a dicotomia que é criada entre a considerada “cultura erudita”, representada pelos médicos, e a “cultura popular”, cujos representantes são os curandeiros. O pesquisador Nicolau Sevcenko, analisando a Primeira República em seu livro *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, a partir das obras de Lima Barreto e Euclides da Cunha, recorre ao fenômeno que pôde ser notado desde as primeiras décadas do século XIX: o desejo de progresso e de civilização. O autor destaca, dentre os princípios que nortearam essas transformações, a repulsa aos hábitos e costumes oriundos da sociedade tradicional e a negação da cultura popular, uma vez que esta poderia “manchar” a imagem de uma sociedade civilizada a qual se pretendia chegar.

A pretensão de que para se atingir um estado de civilidade adequado era preciso que os costumes vindos da cultura popular fossem dizimados está presente em um número de *O Carapuceiro* intitulado “Os gostos extravagantes”. Nele, Lopes Gama coloca a cultura popular como um gosto extravagante que servia para identificar as pessoas que estariam distantes da civilização. O padre carapuceiro questiona as idéias de que “o gosto é relativo”, que “não existe bom ou mau gosto”, que “gosto, cada um tem o seu”. Tudo isso para afirmar que certos gostos são sim extravagantes. A partir daí, enumera uma série de comparações entre a cultura “erudita” e a cultura “popular”:

Ao admitir-se que o Gosto está inteiramente sujeito ao bel prazer de cada hum, segue-se necessariamente, q’ em materias de gsto não há regras fixas, q’ não há gostos extravagantes, &c., Segue-se, que tão perfeita na Cantoria era Catalini, ou a Pasta, como pai Antonio descantando no seu birimbau; que tanto val huma garatuja da China, que vinhão nos bules, e bandejas, como as pinturas de Rafael, de Rubens, ou do Corregio; que tão agradavel he hum samba d’almocreves, como a Semiramis, a Gaza-ladra, o Tancredi, &c. de Rossini, como huma cabocla da Alhandra, finalmente que he indifferente comer *bobó*, *vatapá*, *abrazou*, *aberém*, *acarajé*, *acassá*, e *caruru*, acepipes africanos, que gozar das delicias de huma meza Italiana. Se cada hum pois tem o seui gosto, e porfia, que he o melhor, qual será o juiz, que decide onde está o bom, onde está o mal gosto? Eu não conheço outro juiz, se não o consenso dos homens. Tudo aquillo pois, que merecer o acolhimento, e agrado da maioria das pessoas civilisadas, e polidas, deve considera-se objecto de bom gosto; e

os que não estiverem por isso, são exceções da regra, são sujeitos mal organizados, ou de gosto corrompido, estragado.<sup>122</sup>

A condenação da cultura popular está presente em diversos artigos de *O Carapuceiro*, através de descrições cômicas, por exemplo, de festejos e do folclore que faziam parte do dia-a-dia dos pernambucanos. Para Lopes Gama, tais costumes só serviam para afastar ainda mais a sociedade brasileira do nível de ilustração a que ela deveria chegar para se tornar “civilizada”.

No exemplar de número 3, publicado em 15 de fevereiro de 1834, após tratar *per accidens* de política, Lopes Gama se dedica a fazer reflexões acerca do “entrudo”, festa popular que acontecia durante os três dias anteriores à quaresma, uma espécie de precursor do carnaval no Brasil, que consistia em uma brincadeira de arremessar baldes e seringas de água, limões de cheiro, ovos, tangerina, farinhas, enfim, tudo que sujasse bastante o “adversário”. Segundo o padre carapuceiro, mais uma mania “macaqueada” do estrangeiro, que mereceu uma descrição detalhada:

Por que rasão, imitando as Nações mais cultas, não eliminamos o barbaro, e grosseirissimo divertimento do Entrudo? Em verdade o que quer dizer enlouquecer todos os annos uma população inteira por 3 dias, imitando todos os desvarios, e furores das Baccantes nos tempos desgraçados do Paganismo? Homens, e mulheres baralhados, todos sujados, enlameados, e fazendo toda a laia de desatinos! E que dinheiro que se gasta nas taes chamadas limas de cheiro! Que desconfianças, que brigas, que mortes não tem resultado dessa porquissima brincadeira! Que insultos se não fazem às Senhoras! Porq’ sendo quasi infallivel a luta de mãos, e muitas vezes arcando elles com ellas, e ellas com elles para tomarem seringas, quebrarem limas, etc., he impossivel que ainda sem má intenção não hajão acções indecentes. Os Manembros são os que mais aproveitão nessas batalhas. Huns põe se logo descalsos, gotejando agoa, e porcaria da cabeça até aos pés; as calsas pelas verilhas, onde enrolão os sujados suspensorios, as mangas da camiza arregaçadas; huma seringa na mão desafiando as Meninas: outros suspirão por ser agarrados, ao mesmo passo, que fingem muito medo das Senhoritas: ferrados, que seião por estas, anda tudo n’hum bolo; e o Manembro dos meus peccados, que está n’aquella mó, como peixe n’agoa, grita, que lhe acudão; porque D. Mariquinhas, D. Ritinha, e D. Fulaninha (que são valentes – como as armas) estão matando o pobrezinho. Coitado do Manembro! (...) Não há quem não conheça, que o

---

<sup>122</sup> *O Carapuceiro*, número 6 (3/2/1838), p.1-2.

Entrudo he huma loucura, he huma barbaridade, quasi sempre acompanhado de desaforos, e desgraças: mas continua sempre o Entrudo. Tanto podem os maus habitos!

O bumba-meu-boi foi outra manifestação da cultura popular bastante criticada por Lopes Gama, que faz uma descrição dessa festa em dois números de *O Carapuceiro*. O primeiro, de 22 de fevereiro de 1834, intitulado “O que he o bumba meu boi” e o segundo, de 11 de janeiro de 1840, cujo nome é “A estultice do bumba meu boi”<sup>123</sup>, os dois apresentando praticamente o mesmo texto. Para Lopes Gama, de todos os divertimentos inventados pelo povo, não existia nenhum mais estúpido, desenhado e tolo que o bumba-meu-boi:

Aqui desaparece todo o prestigio, e nem há a mais leve sombra de verossimilhança; por que hum homem, mettido de baixo de huma baieta, chama-se o boi; outro de baixo de hum lençol, intitula-se burrinha; hum menino com huma orupema na cabeça he a caipora, e hum marmanjo, que se enfia em hum panacu desfundado, chama-se o cavallo marinho. Começa, e acaba este asnatico divertimento por huma berreria continua, descantando-se cantilenas sem sentido, sem fundamento, sem graça alguma, como seja esta insulsissima estupidez.

Os festejos de São João também mereceram o comentário de Lopes Gama, em *O Carapuceiro* número 23, de 5 de julho de 1837. O autor faz uma pequena descrição da festa, apresentando a fogueira, os bolos e os foguetes, sendo estes últimos mercedores de um comentário por serem extremamente perigosos: “Só a instrucção, so a civilização podem ir manso e manso desacreditando estas, e outras usanças bárbaras, que recebemos de nossos Avós”<sup>124</sup>. Nesse artigo, o padre carapuceiro aproveita para reprovar o vício da gula, tão comum neste festejo, e descreve as simpatias que acontecem durante a festa. Lopes Gama narra uma situação que presenciou na qual acabou se tornando responsável pela leitura da sorte de uma moça que havia feito uma simpatia. Declara que essa “noite das sortes” é

---

<sup>123</sup> Muitos estudiosos, como Evaldo Cabral de Melo e Luís da Câmara Cascudo, apontam Lopes Gama como o primeiro a descrever a festa do bumba-meu-boi no nordeste.

<sup>124</sup> *O Carapuceiro*, número 23 (5/7/1837), p. 1.

“propicia a os amantes”, mas não deixa de reprovar as crendices que permeavam a festa de São João.

Desse modo, observamos que a sátira realizada pelo padre Lopes Gama nas páginas de seu *O Carapuceiro* tinha como objetivo, além de corrigir os costumes considerados prejudiciais à moral, fortalecer o projeto de civilização do Brasil no século XIX. Ridicularizar os hábitos através da caricatura, a fim de provocar o riso, significava, acima de tudo, construir uma sociedade ideal para um país que vivia um período marcado por intensas transformações, no que dizia respeito tanto aos aspectos políticos quanto aos culturais.

Assim, percebemos que foi sobretudo através do uso da sátira que o padre Lopes Gama procurou combater aquilo que ele considerava um entrave para o progresso do Brasil, estivesse esse entrave presente nos hábitos dos indivíduos ou de toda a sociedade, como, por exemplo, o desejo desenfreado de se seguir a moda produzida na Europa, que passou a fazer parte da vida dos brasileiros, cada vez com mais força, principalmente após a abertura dos portos, em 1808. Diante de uma sociedade marcada por constantes mudanças, o que não faltava a Lopes Gama era tema para escrever suas sátiras.

Mais val tarde, que nunca. Até aqui vendi carapuças a retalho, ora aqui, ora ali, ora acolá. Agora estou de loja aberta: e tenho carapuças de todos os tamanhos, e para toda a casta de cabeça. Cheguem, freguezes, chegue. Caião os cobres, menos os chanchãas.<sup>125</sup>

---

<sup>125</sup> *O Carapuceiro*, n. 11 (7/7/1832), p. 41.

### CAPÍTULO 3: A SÁTIRA EM *O CARAPUCEIRO*



## TÉCNICAS

### Redução, tipificação, caricatura

Para falar sobre as técnicas empregadas por Lopes Gama nas sátiras que encontramos em *O Carapuceiro*, recorreremos àquelas destacadas por Matthew Hodgart em *La sátira*. A primeira delas é a técnica da redução, que consiste na degradação ou desvalorização da vítima por meio do rebaixamento de sua estrutura ou dignidade, que pode acontecer de diversas maneiras.

O primeiro tipo de redução da qual trataremos é a comparação entre o mundo animal e o humano, bastante recorrente nos textos satíricos. Ela é utilizada para lembrar que o ser humano, apesar de suas aspirações espirituais, não passa de um mamífero:

La imagen animal es un recurso esencial en la configuración visual, en la caricatura y en la historieta cómica: reduce las obstinadas actividades del hombre, los ambiciosos fines de que tan orgulloso se siente y los apetitos bajos de que se avergüenza, al simple nivel del instinto animal: es un cerdo en la pereza y un zorro en la cautela.<sup>126</sup>

Além disso, a sátira pode também fazer comparações com mundos “inferiores”, como o animal, o vegetal e o mineral. As mulheres, um dos principais alvos de Lopes Gama, não escaparam desse tipo de redução, sendo muitas vezes designadas como espécies de animais, como “As mulheres salamandras”, que mereceram um número inteiro de *O Carapuceiro*, publicado no dia 22 de abril de 1837. Seguindo o conselho de Sócrates, que ensinava “que antes de qualquer materia cumpre definir, ou explicar aqueles vocabulos, que ou por duvidosos, ou por equivococ, podem conduzir a erro”<sup>127</sup>, Lopes Gama explica o significado do vocábulo “salamandra” para depois caracterizar aquelas mulheres que têm a virtude à

---

<sup>126</sup> HODGART, 1969, p. 119.

<sup>127</sup> *O Carapuceiro*, número 2 (22/4/1837), p. 1.

prova de fogo, pois mesmo com os pais e maridos deixando que elas convivam com todo o tipo de gente, inclusive com os gamenhos, elas ainda conseguem conservar a honra:

(...) direi, que Salamandra he huma especie de lagarto, que segundo a opinião vulgar d'Antiguidade vivia, e se sustentava no fogo, como o peixe n'agoa. Explicada a significação do nome, digo, que há mulheres Salamandras, heroínas da castidade, que andão sobre as brazas, e vivem no meio das chamas sem sofrerem a menor lezão. Huma Salamandra destas não conhece sexo nas pessoas, com quem communica; familiarisa-se com qualquer estranho logo da primeira vista, e não possui hum coração tão fraco, e apoquentado; que examine, se tem calsas, ou saia a pessoa com quem se entretém. (...) Ouço dizer mais, que na quelle Paraizo terral (França) muitas Senhoras não só já a velhantadas, como Moçoilas, vivem da sua Litteratura, isto he, encarregão-se d'ensinar varios ramos das Humanidades a Rapazes de toda a laia "exomni genere, tribu, et natione", sem que desse commercio, e dessas lições se lhes desbote nem levemente a flor da honestidade: e não he isto ser muito Salamandra? Que he muito usual por alí ver hum homem estranho ir a huma casa de familia convidar huma das Meninas para o passeio, leva-la pelo braço, correr séca, e meca, voltar com ella lá por essa noite velha, trazendo-a tão pura, e intacta, como a mãe que a pario. Isto he, que he ser Salamandra!<sup>128</sup>

Outro animal usado para fazer uma classificação de um tipo de ser humano é a mariposa, bastante comum durante as festas de fim de ano. A comparação com as mariposas acontece ao falar daqueles que durante os festejos de Natal e Ano Novo aparecem em todos os lugares, a fim de melhor aproveitar o que cada lugar lhe oferece. Na verdade, os "mariposas" são os famosos "tolineiros", figura que se caracteriza por aproveitar das festas dadas pelos outros, considerados por eles como tolos:

De todos os passadores de Festa os mais felizes são, no meu entender, os maripozas, quero dizer; aquelles, que sem lugar fixo andão girando em torno de todos os círculos, e companhias; e se a esta vida tolineiro-ambulante ajuntão hum par de boas mandibolas, ou tragadeiras, e huma força digestiva à prova de feijoada, regalão-se mais, que todos os outros: aqui pilhão o bello almoço, alí o jantar abundante, acolá a merenda delicada, e à noite tem certas as torradas, contão com os sequilhos, bolinhos, e o ruivo chá. Estes sim podem dizer, que se divertirão (se não jogarão jogo grosso, e de parar): estes regalarão a pansa, virão, ouvirão, gozarão sem despende: chamem-os embora tolineiros; mas nunca os chamarão tollos.<sup>129</sup>

---

<sup>128</sup> *O Carapuceiro*, número 2 (22/4/1837), p.2.

<sup>129</sup> *O Carapuceiro*, número33 (16/9/1833), p. 3.

Hodgart fala também da “tipificação” das pessoas pela sátira, o que podemos encontrar com bastante frequência nos textos de *O Carapuceiro*, assim como em diversos textos da literatura universal. Essa técnica está ligada, sobretudo, às sátiras que pretendem descrever os caracteres. A tipificação funciona porque causa tanto desagrado quanto ser comparado a um animal, a um louco ou a uma máquina, pois ser tipificado significa ser aprisionado a um papel do qual não se pode sair. O tipificado está sempre repetindo seus atos condenados pelo satírico, que lhe tira qualquer chance de atuar com liberdade, além de lhe privar, também, da singularidade. Temos, na tipificação, uma forma literária usada como tentativa de se compreender a variedade das personalidades humanas ou simplesmente como uma descrição dos erros de conduta social.

Hodgart cita como provável criador do gênero o filósofo Teofrasto (370-286 a.C.), com sua obra *Caracteres*, que contém cerca de trinta esboços que seguem uma determinada ordem, dada pelo nome e pela definição de seu tipo psicológico, seguidos por uma lista de sintomas e modelos de conduta. Há nos *Caracteres* de Teofrasto uma espécie de tentativa de classificação dos tipos humanos, procedimento semelhante ao critério científico de classificação de plantas e animais, por exemplo. Porém, mais do que escrever uma simples classificação das personalidades humanas para fins científicos, parece que o objetivo de Teofrasto era fornecer material para uma possível comédia. Há nas descrições, além dos traços físicos e morais, uma preocupação em mostrar cenas da vida cotidiana. Hodgart ressalta que apesar de essa obra não poder ser considerada satírica, ela se constituiu um modelo para os escritores satíricos.

Ele cita como a “imitação” mais famosa da obra de Teofrasto o livro *Les Caractères*, de Jean de La Bruyère. Nele, La Bruyère usa a obra do filósofo grego, que havia traduzido livremente, como base para o seu livro, e adiciona cerca de 200 páginas escritas por ele

mesmo, sete edições após a publicação da tradução. As páginas autorais de La Bruyère traziam descrições de tipos contemporâneos a ele, sob nomes fictícios.

Dentre os autores ingleses que lançaram mão da “tipificação”, Hodgart cita Addison e Steele, autores do periódico *Spectator*, em que usaram o caráter como parte de um programa de educação do público através de uma sátira marcada pela suavidade, mas que denunciava os absurdos sociais. Para o autor, Addison é um dos melhores representantes desse tipo de sátira, uma vez que consegue captar, como bom observador que era, a sociedade londrina e o espírito contemporâneo.

Não por acaso destacamos, entre os autores satíricos que utilizaram a técnica da tipificação, o grego Teofrasto, o francês La Bruyère e o inglês Addison. Todos esses três escritores influenciaram bastante os escritos de Lopes Gama, não só nas páginas de *O Carapuceiro*, em que aparecem diversas referências a eles. No caso do escritor inglês, encontramos no periódico pernambucano várias páginas que foram traduzidas do *The Spectator*. A prática da tradução era bastante recorrente nos periódicos brasileiros durante o século XIX, e o caso de *O Carapuceiro* em relação ao *Spectator* mereceu um estudo especial da pesquisadora Maria Lúcia Pallares-Burke, que em seu livro *Nísia Floresta, O Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural* destaca, no ensaio intitulado “Um espectador nos trópicos: estudo de caso sobre produção e reprodução cultural”, a importância que o jornalismo tomou a partir do momento em que a chamada “Nova História” entra em vigor, começando a se preocupar com a história das idéias. A autora comenta sobre as pesquisas que Gilberto Freyre fez em jornais para escrever *Casa Grande e Senzala* e coloca a questão de que a imprensa é “ferramenta indispensável ao historiador”<sup>130</sup>.

Na verdade, a autora pretende contribuir para o questionamento do uso do jornal como fonte confiável pela História, uma vez que ele representa apenas uma maneira de olhar o

---

<sup>130</sup> PALLARES-BURKE, 1996, p. 129.

mundo. Para isso, usa como objeto de sua pesquisa o periódico *O Carapuceiro*, que segundo ela representa “um trabalho jornalístico de muito sucesso em sua época, elogiado pela lucidez e exatidão de suas observações e retratos sociais”<sup>131</sup>.

Pallares-Burke vai contra a idéia de que *O Carapuceiro* é um periódico que retrata fielmente a realidade brasileira, sobretudo pernambucana, da primeira metade do século XIX, motivo que levou Gilberto Freyre, segundo a autora, a usá-lo como fonte para suas pesquisas e fez com que fosse publicada, em 1983, a sua edição fac-similar. A autora busca mostrar que em determinadas situações o jornal retratava uma sociedade estrangeira, e não brasileira. Para isso, seleciona textos do periódico que abordam a questão da mulher, a fim de discutir “a autenticidade deste quadro tão cheio de cores”, através da comparação de *O Carapuceiro* com o periódico inglês *The Spectator*. Assim, a autora chega ao seu segundo objetivo, que é exemplificar de que maneira funcionavam os processos de produção e reprodução de cultura. Sobre a recepção de *O Carapuceiro*, Pallares-Burke afirma:

Embora não haja muita evidência sobre os verdadeiros leitores deste periódico pernambucano, e menos ainda sobre o modo como ‘vestiram’ as carapuças, há todavia sinais de que, longe de se manter circunscrito à sua localidade, *O Carapuceiro* se transformou em elemento bastante poderoso na nova e influente rede de comunicação que atravessava as fronteiras das províncias e as barreiras políticas na primeira metade do século XIX no Brasil.<sup>132</sup>

A autora pontua a variedade de assuntos dos quais Lopes Gama tratava em *O Carapuceiro* e destaca aquele que considera chamar a atenção do leitor pela frequência com que aparece: as mulheres e seu comportamento: “Dos 427 números publicados entre 1832 e 1842, mais de um terço (180) refere-se inteiramente ou em parte à mulher, real ou ideal”<sup>133</sup>.

A partir daí, Pallares-Burke inicia um longo comentário sobre como a mulher, bem como seu comportamento, eram descritos por Lopes Gama, principalmente as diferenças e

---

<sup>131</sup> PALLARES-BURKE, 1996, p. 130.

<sup>132</sup> PALLARES-BURKE, 1996, p. 134.

<sup>133</sup> PALLARES-BURKE, 1996, p. 137.

semelhanças entre a jovem mulher e a adulta. A autora afirma ter descoberto que os textos sobre o sexo feminino, escritos por Lopes Gama em *O Carapuceiro*, foram extraídos do famoso periódico inglês, *The Spectator*, redigido por Addison e Steele e publicado cerca de cento e vinte anos antes do jornal pernambucano. Este periódico inglês do século XVII participava do projeto iluminista de educação das pessoas através da imprensa, considerada um poderoso instrumento de propagação de suas idéias. A autora destaca uma série de periódicos que surgiram após o *The Spectator*, e que podem ser considerados seus sucessores, utilizando termos como “imitação” e “plágio” para definir o caráter da influência que o periódico inglês exerceu sobre os outros.<sup>134</sup>

Assim, Pallares-Burke considera *O Carapuceiro* um desses periódicos que “plagiaram” o *The Spectator*, enfatizando que Lopes Gama não citava a verdadeira fonte que utilizava, como muitas vezes fazia em relação a outras traduções, e que o periódico pernambucano apenas uma vez, “*en passant*”, havia “admitido sua dívida” com o jornal inglês. Além disso, ela chega a afirmar que o periódico pernambucano era o “descendente brasileiro” do inglês, e que devia a ele, inclusive, o tom satírico presente em suas páginas. Ao fazer tal afirmação, a autora parece ignorar a extensa influência que os textos satíricos, de Juvenal a Molière, exerceram sobre a vida de Lopes Gama. Há nas reflexões que ela faz, ao utilizar termos como “imitação”, “cópia” e “plágio”, a anulação de toda e qualquer possibilidade de esses textos satíricos também terem exercido influência em Addison, como se o periódico inglês se tratasse de um “texto original”. A autora coloca os editores do *The*

---

<sup>134</sup> Cf. DUARTE, 2001, p. 153-161. Trata-se de um ensaio escrito pela professora Constância Lima Duarte, publicado na Revista de Literatura Brasileira *O Eixo e a Roda*, intitulado “Nísia Floresta e Mary Woolstonecraft: diálogo ou apropriação?”. O ensaio é uma resposta a um artigo sobre a escritora norte-rio-grandense Nísia Floresta, escrito pela pesquisadora Maria Lúcia Pallares-Burke e publicado no suplemento *Mais!* do jornal *Folha de São Paulo*. Constância Lima Duarte aponta o equívoco cometido por Pallares-Burke ao interpretar a obra de Nísia Floresta como um plágio da obra da escritora inglesa Mary Woolstonecraft: “A idéia de ‘plágio’, sabemos, implica uma mera imitação, cópia de um outro, e pressupõe um escritor ‘menor’ e incapaz de idéias próprias”. Acreditamos, assim como Constância Lima Duarte, que esse era o caso de *O Carapuceiro* em relação ao *The Spectator*. Assim como Nísia Floresta, Lopes Gama apresentou uma obra que continha “uma intencionalidade e o projeto pessoal e político (...) de interferir na sociedade de seu tempo”.

*Spectator*, bem como suas idéias e seu “tom satírico”, como “matrizes” de uma série de seguidores que vieram a “imitá-los”.

Ao entender a tradução como uma prática que vai muito além da transposição de uma língua para outra, devemos problematizar alguns conceitos ligados a ela, como a dicotomia entre fidelidade/infidelidade, cópia/original e superioridade/inferioridade. Encontramos em *O Carapuceiro* uma apropriação das idéias propagadas em outros periódicos estrangeiros. Percebemos nele uma preocupação em fazer uma adaptação para o contexto brasileiro, fazendo uma reflexão acerca dos assuntos que serviriam para interpretar a realidade brasileira. Se considerarmos a prática da tradução realizada em *O Carapuceiro* simplesmente como plágio ou imitação, estaremos deixando de lado toda a preocupação que Lopes Gama tinha em relação à realidade brasileira e seu futuro político, social e moral, além de desconsiderarmos a interpretação que ele traz dessa realidade. Aliás, é interessante pensarmos, ainda, que o objetivo da sátira, recurso bastante utilizado pelo padre carapuceiro, como veremos mais adiante, é moralizar os costumes, independente de quem os comete. O próprio cabeçalho do periódico trazia essa intenção expressa pelos versos de Marcial: o que seria condenado eram os vícios, e não as pessoas. E uma das estratégias para condenar os vícios era a tipificação, como muitas vezes Lopes Gama fez com as mulheres a fim de ridicularizar aquilo que ele desejava que fosse corrigido.

Dentre as diversas figuras tipificadas por Lopes Gama, além das mulheres, encontramos uma bastante simpática, que mereceu diversos comentários ao longo de *O Carapuceiro*: os gamenhos. Segundo o *Novo Dicionario Universal Portuguez: lingüístico, científico bibliographico, histórico, geográphico, biographico, mythologico, etc.* de Francisco Almeida, **gamenho** significa casquilho, janota, ou seja, “homem muito apurado no trajar; elegante, garrido, secio, bem trajado / peralta, peralvilho / perdulário”. Antônio Houaiss conceitua **gamenho** como indivíduo malandro, vadio. A caracterização feita por Lopes Gama

vai de acordo com as definições apontadas acima, como podemos observar em *O Carapuceiro*, de número 11, publicado em 7 de julho de 1832, intitulado “O que he ser gamenho”. Neste artigo, Lopes Gama faz uma descrição caricatural do gamenho:

Chama-se gamenho todo aquelle individuo, que não tem outro officio, outro emprego, outro cuidado, se não embonecar-se para namorar. Quando vós virdes hum sujeitinho, (...) sem parente, nem adherente, e (o que ainda he mais) sem officio dos conhecidos na Republica, sem industria licita, sem beneficio, e entretanto muito asseado, e faustoso, com todos os sinco dedos de huma, e outra mão carregados de anelões de ouro, brilhantes, etc., passeador incessante e quasi inquilino das esquinas, e botequins, levando manhans, e tardes já n’huma botica, já n’huma loja; por que de frente moram humas Meninas jeitosas, e coroáveis do namôro, ahí tendes hum gamenho às direitas. (...) Todo se mira, e remira o gamenho, quando olha para o espelho, e vê-se com hum bom par de melenas de saguim, e parece dizer-se a si mesmo, mais derretido que um Narcizo: Que menina haverá, que me rezista? Já enfia a escovadíssima cazaca, cujos hombros levantados têm uma graça indizível, e tornão hum homem bem parecido com hum capão molhado, encolhido, e tiritando a um canto. Sahe o Adonis por essas ruas com os braços meio curvos; por que parece, que he do ceremonial gamenho tomar a postura de tocador de rabeça, e na verdade quase todos dessa estofa são mettidos a rabequista. Não há rua, que não registre, becco que não passe, varanda para qual não olhe requebrado. (...) E quem há haí, que pinte as cabriollas, que faz, os tregeitos, que toma, as olhaduras, que escandalosamente lança para aquella varanda o nosso gamenho? (...) Se a fortuna depara, ao gamenho huma botica, que de frente bem com a morada da sua Venus, ahi está o nosso Cupido como peixe n’agoa. Ali parolla horas inteiras, de tudo ri com grandes gargalhadas; conhece quanta gente por ali passa, a todos dá seca na porta; e em quanto a bocca vai soltando palavras, e frases descosidas, os olhos estão embebidos na contemplação do idolo *janeleiro*. (...) Um gamenho destes em huma roda, ou assembléa, onde há senhoritas he um objecto verdadeiramente comico. Elle se apresenta com todos os arreios do mais escrupuloso ceremonial da moda. O colete está escancarado para deixar ver o parapeito da camiza, que he todo empapuçado, e cheio de botõesinhos de ouro, quando Deos quer, e algum calote o outorga; com seus brilhantes, e os mais simples de madre perola. N’aquelle peito, assim empanturrado vão embeber-se todas as setas do deos frecheiro: hum vidrinho de Macassá todo se derrama no cabello, agoa de Lavandi no lenço, e até na camiza: ressendem os cheiros a 200 passos de distancia; e as Senhoras, que padecem fanequitos, tem os lenços pregados nos narizes para poderem sofrer as exalações d’aquelle thuribulo ambulante. Que voz aflautada, que toma o gamenho! Que gestos, que esgares, que momices! Elle tem certas expressões de tarraxa, com que responde a tudo quanto dizem as Madamas; como sejam – *de certo*, ainda que hajão ellas dicto grande parvoice; *estou ao fato*, *sensibilizou-me* isto, ou aquillo etc. etc., que são como bordões, que vão sustentando a conversação, quasi sempre mui manca de bom senso. (...) Vamos ao nosso gamenho, que está em hum circulo, e às vezes *grupo* (palavra afrancezada, e por consequencia mais casquilha). Só elle falla, só elle dá o tom à companhia, e ao mesmo tempo que falla, se de frente lhe fica um espelho, he ôlho nas Meninas, ôlho no tremo: ora concerta o lenço da gravata, ora amança o cabello; e se tem os dedos cheios de anelões (o que

raras vezes deixa de ter) manuzea como hum comico, mas abrindo por tal forma os dedos, para que se lhe vejão os ricos aneis, que parece huma lagartixa a trepar por parede lisa. (...) Em fim o gamenho he hum ditongo de tolo e vadio. Está-me parecendo, que estas carapuças hão de ter seu gasto. Lá se avenham; que vir, que lhe ajusta alguma, fique-se com ella.<sup>135</sup>

Certas formas de mímica também são apontadas como técnica essencial da sátira: “El poder del mímico – y puede ser um poder maligno y hasta mortal – consiste em la habilidad para localizar en la víctima los gestos inconscientes inevitables, para reproducirlos después.”<sup>136</sup> A repetição faz com que seja retirado do ser humano tudo aquilo que lhe seria único. Assim, ela significa uma invasão da privacidade e a destruição da crença na singularidade dos homens.

El mímico debe crear un parecido con la víctima, de modo que su auditorio pueda reconocerla; pero no debe detenerse en una mera personificación, sino que debe llegar a producir una distorsión ridícula en la que los gestos inconscientes y tics de la víctima aparezcan exagerados: con ello construye un carácter nuevo que se superpone al parecido original.”<sup>137</sup>

O correspondente visual do gesto mímico é a caricatura e o correspondente literário é o “baixo” realismo. Hodgart considera o naturalismo como “alto” realismo, que pode ser exemplificado pela obra de Flaubert. O naturalismo é caracterizado por dizer certas verdades a respeito da sociedade, por isso possui objetivos reformistas ao pregar o abandono das aparências. Essa característica do naturalismo foi precedida por muitos séculos de “baixo” realismo, que usava a comédia e a sátira para denunciar os problemas da sociedade, uma vez que:

ambas trataban de la vida baja, es decir, de toda la vida social inferior a las clases rectoras, tomando como personajes a esclavos, prostitutas, alcahuetes y la chusma de las antiguas ciudades. El lenguaje de esta literatura también es “bajo”, es decir, vulgar, jergal, frecuentemente obsceno, muy alejado del

---

<sup>135</sup> *O Carapuceiro*, número 11 (7/7/1832), p. 1-4.

<sup>136</sup> HODGART, 1969, p. 121.

<sup>137</sup> HODGART, 1969, p. 122.

elevado estilo, digno e retórico, que se pone en boca de los héroes y heroínas de la epopeya y de la tragedia. Se basa, por tanto, en la mímica o imitación del habla de la plazuela.<sup>138</sup>

Uma das estratégias utilizadas na sátira feita por Lopes Gama foi utilizar a caricatura para retratar as pessoas que ele desejava corrigir. Os tipos fixados por Lopes Gama em *O Carapuceiro* traziam uma exaltação do que havia de mais ridículo e mais grotesco. A caracterização da vida social e de família feita nesse periódico se fez tanto nos aspectos psicológicos e morais quanto no físico. O extravagante, o ridículo e o grotesco foram colocados lado a lado com as atitudes indecorosas e imorais. Procurando pontuar dentre as deformidades aquelas que não são e aquelas que são capazes de provocar o riso, Bergson<sup>139</sup> afirma que caricatura surge porque não existe perfeição, ou seja, a deformidade está sempre presente:

Por mais regular que seja uma fisionomia, por mais harmoniosa que suponhamos serem suas linhas, por mais graciosos os movimentos, seu equilíbrio nunca é absolutamente perfeito. Nela sempre se discernirá o indício de um vício que se anuncia, o esboço de um esgar possível, enfim uma deformação preferida na qual se contorceria a natureza. A arte do caricaturista é captar esse movimento às vezes imperceptível e, ampliando-o, torná-lo visível para todos os olhos. (...) Adivinha, por trás das harmonias superficiais da forma, as revoltas profundas da matéria (...) Sua arte, que tem algo de diabólico, reergue o demônio que o anjo subjugara.<sup>140</sup>

A caricatura pode ser considerada uma espécie de pintura satírica, uma vez que ela é uma maneira de expor os defeitos e vícios ao ridículo. No caso do Brasil, ela surge primeiro através das descrições escritas para, mais tarde, ganhar a forma de desenhos: “Da caricatura brasileira pode-se dizer, como da criação do mundo se diz na Bíblia, quando o espírito de Deus pairava sobre as águas: no princípio era o Verbo”<sup>141</sup>. Herman Lima, na *História da caricatura no Brasil*, aponta que geralmente, na história contemporânea, o advento da

---

<sup>138</sup> HODGART, 1969, p. 122.

<sup>139</sup> Cf. BERGSON, 2001.

<sup>140</sup> BERGSON, 2001, p. 19-20.

<sup>141</sup> LIMA, 1963, p. 57.

caricatura é precedido pela sátira escrita, como de fato aconteceu no Brasil. O autor destaca como o primeiro caricaturista brasileiro o frei Vicente do Salvador, que nasceu na segunda metade do século XVI na província da Bahia. Lima também aponta, na Bahia, a obra de Gregório de Matos, e em Pernambuco, anos depois, “outro inesquecível fixador humorístico dos usos locais”<sup>142</sup>, o frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, nosso padre carapuceiro. Herman Lima cita o pesquisador pernambucano Olívio Montenegro para comentar sobre a caricatura feita por Lopes Gama:

O Padre Lopes Gama era, sobretudo, um homem de espírito, um espírito diabolicamente vivo, e com um poder de fixação das coisas e dos fatos que via, como é raro no Brasil. (...) Caricaturesco, como não deixou de ser na representação dos caracteres e dos costumes de sua época, nem por isto faltou jamais às suas observações a que chamaríamos uma ‘percepção histórica’, o poder de fixar de cada coisa ou de cada indivíduo a sua cor típica, a constante psicológica dos seus hábitos, das suas atitudes, dos seus gestos.<sup>143</sup>

Lopes Gama apresenta em 12 de julho de 1839, um artigo intitulado “As caricaturas”, em que ele descreve uma série de caricaturas daqueles que ele considera ridículo, um verdadeiro resumo daquilo que ele apresenta ao longo dos anos da publicação de *O Carapuceiro*. É interessante observar que ele define tais tipos que descreve como caricaturas vivas, que têm vida própria antes mesmo de serem transformadas em desenhos ou serem passadas para o papel.

---

<sup>142</sup> LIMA, 1963, p. 60.

<sup>143</sup> MONTENEGRO *apud* LIMA, 1963, p. 60-61.



## O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hanc servare modum nostri novere libelli  
Perdere personis, dicere de vitiis.*  
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta tolha as regras boas  
Que he dos vicios fallar, não das peçoar.

### As caricaturas.

Não se imagine, que as caricaturas são meros estes de imaginação, e que só existem pintados, esculpidos, ou gravados. Por toda a parte, e a cada canto vemos caricaturas, que fallão que comem, que bebem, que andão, &c. &c. E o que he, se não caricatura o joven Cazuzinha tão lustroso, tão pentiparado, tão casquilho, e tão extravagante assim em seus trajés, como em suas maneiras? Huma enorme gadelha lhe cáe em chorões de huma banda da cabecinha, e lhe põe á bolina o chapéo orelhudo: barbas de Mauro lhe circula a carinha de lauxia. Hum lençol preto de sarja, ou de gorgoião lhe cinge o pescoço, e se chama gravata: o artigo *coléte* está eliminado do ritual do bom gosto: em seu lugar branqueja, e rutila a estufada camisa com seus botões de brilhantes, e he da regra, que se brucholeie o mosqueado suspensório de tantas perninhas, como hum polvo. As calças estíticas repuxadas pelos indispensaveis estropes tolhem a este figu-

rinho o curvar as pernas, o ajoelhar, &c. Advirta-se, que o Sr. Cazuzinha tambem traz espartilho, como as Senhoras, afim de atenuar a pança, que já estufa, e esbeltar o corpo, dando-lhe contornos de yáyá, o que assenta muito bem em hum homem! A sobre-asaquinha não lhe passa das verilhas, e bolaxinhas inglezas cobertas de sarja lhe servem de botões: as meias são pedacinhos d'alcatifa, ou de pelle de surucucú, e os lustrosos çapatinhos são de couro de canana. Assim percorre este Adonis as ruas da Cidade: a cabecinha vai a huma banda, os hombros erguidos, como as azas d'hum frango molhado: os seus ademães são todos mulherengos: se falla he com palavrinhas tão doces, e tão cirandadas de Novellas, que mais parece Soror Magdalena derretendo-se á grade com o seu amante Platonico, do que jangaz, como elle he, e com barbas de Coge-Cosar. E o que he tal joven, se não huma completa, e acabada caricatura?

Tambem he caricatura, e caricatura

scandalosa o Padre F., que traja, como o mais pintalegrete gamenho, não dispensando a gadelha a huma banda, a estradinha da Liberdade, o macassar, e a coroinha escondida, ou de todo tapada! Andarão assim pouco mais, ou menos os Setenta e dois Discipulos do Divino Mestre? Pois certos Fradinhos da mão furada! Que chapelarios, que trazem esses honifrates! Que habitosinho tão bem torneado, que parece cortado por modista Franceza! Que cordão tão alvinho, e bonilinho! Que correia tão lustrosa! Que garbosa cintura! Traráo S. Reverencias espartilhos em vez de cilícios? Quem sabe, se assim trajarão o Seráfico Padre, o Profeta Elias, ou o Patriarca S. Bento?

Há velhos gaiteiros, que não podem subtrahir-se á galeria das caricaturas; por que á força de ridiculos artíficios pretendem calmarrear os olhos do publico, encobriendo o authentico documento dos annos' para o que galeão, como rapazes, e até recorrem a pomadas, a besuntos, e ultimamente á tinctura de Venus a fim de enegrecerem os teimotosos grizalhos, artificio, que todo o mundo logo percebe, já por que os cabellos tomão huma cor de pelle de rato, já por que as rugas do rosto, a hameza da pelle, e huma certa murchidão do semblante suprem' the, em caso de necessidade, a certidão de Baptismo. As Graças, e os amores fogem espavoridos aos bichancros da velhice, pelo que nunca teve por espantosa a virtude da casta Susana, quando desprende-se dos gananhos dos dous velhos libidinosos. Quanto maior seria o seu merecimento, se ella triunfasse de hum joven, lindo, como o Apollo de Belvedero, e vigoroso, como o Hercules Farnesio!

Algumas senhoritas torrao-se caricaturas pela exaggerção das modas, e pelas maneiras, que adoptão. Taes senhoras considerão trahar os hombros do sou-

lugar natural para o meio dos braços; por que em verdade d'ahi he que comecção as mangas dos vestidos, e os hombros naturaes passááo a fazer parte do pescôço. O corpo do vestido pela parte anterior arremeta em hum triangulo acutangulo; e quem sabe, se he sustentado por trez estoquesinhos de aço? E neste caso, como são armas curtas, podem estar sujeitas á inspecção dos Srs. Prefeitos, e Subprefeitos. Taes modistas excogilão todas as traças de se fazerem singulares. Andão, e mamuteáo, como comicaz; dão repetidas fricções de baba no rosto para o conservarem rubicundo; mordem desapidadamente os labios com o mesmo fim; as suas palavras ordinariamente não são proferidas mas asobiadas, e muitas vezes colhidas, e escolhidas do grande armazem das Novellas. Seus olhos tentão movimentos no espelho, e executão admiravelmente evoluções thelographicas. Embora sejam magrinhas; ellas sabem volutar as esguias ancas de tal guizo, que nunca as teve assim em outras eras e senhora mais gorda, e bojuda (gracas ao engenho prodigiosamente creador, aformoseador, e embaçador das Modistas Francezas, em cujas casas achão-se á venda penlurrilhas, peitos, ancas, e quantos atractivos fizicos pode coaracter huma senhora) Felix sculo do industrialismo, em que até os encontros da Belleza são objectos, que se comprão, e vendem no mercado! Mas taes senhoras são rigorosamente caricaturas.

Hum sujeito de gambias finas, e tortas mettido em calças mui justas o que he se não huma caricatura? No mesmo caso está o homem descompasadamente alto, hum jangaz em summa enforquilhado em hum burrinho, ou vice-versa hum desses da marca de Judas encarpitado em hum cavallo alteroso. Huma velha d'espartilho, toda casquilha, toda dengosa, toda gamenha, e com presumpções de somatica, e qu-

ainda procura ser requestada he caricatura de primeira ordem. Finalmente não faltão caricaturas por este mundo de meu Deos: até em alguns corpos Legislativo encontram-se boas caricaturas, como seião; certos Legisladores inculcando grande amor da Patria, e hum civismo Catonico, quando estão trabalhando por impingir hum Projecto, huma iudicção, huma emenda, &c., que só tem a mira no seu interesse particular!

## Paródia, invectiva, ironia

Outra técnica utilizada pelos autores satíricos, considerada por Hodgart como a base de toda sátira, mas que tem como tema a própria literatura, é a paródia. Ela supõe que o satírico possua o domínio do estilo do satirizado, fazendo com que esse estilo apareça através de distorções ridículas. O autor cita Aristófanes em *As rãs*, em que tal autor imita o estilo de Ésquilo e Eurípides de maneira burlesca. A paródia também é uma espécie de redução, uma vez que o parodista rebaixa o estilo individual de outro escritor.

A partir daí, podemos fazer uma reflexão sobre a imagem o autor satírico faz de si mesmo. Ao se colocar no lugar daquele que dá conselhos para que estes sejam seguidos a fim de que a sociedade melhore, a *persona* satírica constrói uma série de características para si mesma, geralmente ligadas à idéia de que o satírico representa o contrário daquilo que descreve como o que precisa ser corrigido. Muitas vezes, com o intuito de melhor utilizar os conhecimentos que possui sem que isso afete a sua modéstia, já que a situação em que ele se coloca poderia fazer com que fosse acusado pela falta de uma das virtudes que tanto defende, a *persona* satírica faz-se esconder através de personagens que cria para si próprio.

En la sátira formal, el satírico aparece en persona y entabla un monologo; pero su “yo” es en parte un personaje ficticio. Este último procedimiento es difícil de sostener y se ha demostrado que habitualmente es más efectivo inventar un personaje distinto del autor, bien por su edad o por su condición social. Puede ser éste un niño o un salvaje que no comprenden las normas de la sociedad adulta e civilizada, y que se niegan a admitir los valores simbólicos que dicha sociedad concede a objetos o acciones aparentemente triviales; de este modo lo absurdo de las instituciones sociales queda patente cuando a reducen a términos infantiles o primitivos.<sup>144</sup>

Quando o satírico assume o “eu”, podemos perceber que esse “eu” é sempre uma pessoa de bem, que não pode e nem quer entender as sutilezas da vida cortesã e intelectual,

---

<sup>144</sup> HODGART, 1969, p. 124.

mas sabe quando trata com um louco ou com um preguiçoso. Lopes Gama, em vários momentos de seu periódico, reforça para os leitores que está distante daquilo que fala, afirmando em relação à política, por exemplo:

mas felizmente as minhas opiniões não podem ter voga; porque apenas sou hum pobre cortador de carapuças, e de altas Políticas nada entendo, deixando essas materias sublimes para os meus Colegas d'alto cothurno, que todos são humas aguias, e eu huma topeira, seja o Senhor louvado.”<sup>145</sup>

Em *O Carapuceiro*, percebemos que Lopes Gama reitera essa idéia de que aquele que escreve sátiras deve assumir posturas contrárias àquilo que é satirizado:

Para combater os maus costumes com estylo grave, e na Cadeira da Verdade convenho, que he mister gozar dos Créditos de irrepreensível; mas para os deturpar por meio do ridículo basta não ser ignorante, ter jovianidade natural e portar-se honestamente.<sup>146</sup>

Quanto à linguagem, o autor ressalta que na sátira ela é caracterizada pela simplicidade e clareza. A linguagem complicada e empolada é colocada na boca de suas vítimas, que expressam suas manias de grandeza e suas ambições por meio de uma retórica vazia e inchada. Encontramos em *O Carapuceiro* a crítica àqueles que usavam termos em língua estrangeira em seus escritos, o que além de dificultar o entendimento por parte daqueles que não tinham o conhecimento dessas línguas, significava uma afetação ligada ao desejo de se mostrar superior, civilizado:

Em verdade, que homem haverá de bom gosto, que possa tolerar por ex. a introdução do verbo *avançar* com a mesma significação, que os Francezes dão ao seu *avancer*? Avançar em Portuguez significa – Investir, accometer o inimigo, etc. – O que quererá pois dizer – avançar huma posição, avançar o seu parecer, que se encontrão a cada passo, mormente em nossos Periodicos? (...) A todo o homem bem educado corre obrigação, e mais se escreve para o Publico, de saber a sua Lingoa; e não posso perceber, como se aprenda a

---

<sup>145</sup> *O Carapuceiro*, número 24 (30/9/1832), p. 95.

<sup>146</sup> *O Carapuceiro*, número 44 (16/3/1833), p. 176.

Lingoa Portugueza em livros Francezes. Tenho observado com magoa o muito, que vão enxovalhando a riquissima lingoa de Camões huns titires, que tudo sabem sem nada haverem estudado.<sup>147</sup>

Encontramos, no número 46 de *O Carapuceiro*, publicado em 30 de março de 1833, uma resposta ao “Carapuceiro do Carapuceiro”, do periódico *A Gamenha* número 4, que havia acusado o padre carapuceiro de escrever textos obscenos. Nesse texto, Lopes Gama explica a linguagem que deve ser utilizada nos textos satírico:

A galantaria, e delicadeza são os verdadeiros caracteres da satyra; por isso que a jocosidade tem muito maior força para tornar o vicio ridículo, do que a copia de rasões (...) Não há cousa mais propria das satyras, do que o uso frequente dos exemplos, das historietas galantes, das fabulas, ou apologos, e digressões. O estylo da satyra deve ser tenne: a perspicuidade lhe he absolutamente precisa; e muitas vezes tem lugar as palavras vulgares, e baixas, os apothegmas, anexins, e proverbios da plebe: a evidencia, ou *enarguea*, isto he; a pintura dos vicios tão viva, e animada, que parece estar-se vendo, he o primeiro merito da satyra.<sup>148</sup>

Outra técnica bastante comum em textos satíricos e que também podemos encontrar em *O Carapuceiro* é o uso da invectiva e da ironia. Na invectiva, considerada por Hodgart como uma das formas mais eficazes, é preciso que o satírico lance mão de uma linguagem dotada de elegância, uma vez que geralmente o conteúdo é marcado pela grosseria, própria dos ataques injuriosos e violentos. O recurso mais utilizado pelos satíricos, porém, é a ironia, pois ela dificulta a resposta das vítimas da sátira. O autor conceitua ironia como dissimulação, duplo sentido, que “presupone también un doble auditorio, uno que se deja engañar por el significado superficial de las palabras, y otro que capta el significado oculto y que se rie con el engañador a costa del engañado.”<sup>149</sup> Geralmente isso implica haver uma *persona*, uma máscara, ou seja, o satírico deve encarnar-se em um personagem de ficção e utilizar uma forma de narrativa que permita a manutenção da dupla corrente significativa, que é própria da

---

<sup>147</sup> *O Carapuceiro*, número 60 (6/7/1833), p. 238-239.

<sup>148</sup> *O Carapuceiro*, número 46 (30/3/1834), p.2-3.

<sup>149</sup> HODGART, 1969, p. 130.

ironia, como ocorre, por exemplo, na paródia, no relato de uma viagem imaginária, numa utopia ou numa epopéia burlesca:

El arte del satírico reside en la oportunidad, como hace Swift a la perfección. Tiene que escoger el momento de arrojar la máscara y dejar perfectamente clara su intención. (...) La sátira, como Frye ha dicho, es la ironía militante: el satírico utiliza la ironía para hacer que el lector se sienta incomodado, para sacarle de su complacencia y convertirle en un aliado en la lucha contra la estupidez humana.<sup>150</sup>

Em *O Carapuceiro*, Lopes Gama distribui a sua ironia sobre os diversos assuntos que são colocados em voga, desde o comportamento das mulheres aos debates políticos. Como observador da realidade brasileira, o padre carapuceiro condenava a escravidão, uma vez que, para ele, ela significava um entrave à ilustração. Em 19 de agosto de 1837, *O Carapuceiro* traz um artigo sobre o tráfico de escravos no Brasil, intitulado “Grande, e feliz descoberta em o nosso comércio”, em que encontramos o uso constante da ironia. Nele, o autor fala sobre o comércio das pipas de água salgada, que havia começado justamente depois do surgimento das primeiras medidas de proibição do tráfico, que se iniciaram em 1831. A verdade é que o tráfico continuava, e para burlar as autoridades, os comerciantes declaravam que traziam água salgada em vez de escravos. Diante de tamanha ousadia, Lopes Gama não contém a sua veia irônica, aliada ao tom satírico comum em suas palavras:

Muito engenhoso he o espirito d’industria! E ninguem me venha ca dizer, que entre nós está ainda muito atrasada a Sciencia Economica, por que Smith, Ricardo, Mill, Sismondi. J. Baptista Say, Mac Culoc. J. Droz, &c. &c. Em outros tempos, quando era livre, e *mui sanctamente* permitido o trafico d’escravatura, os navios, que vinhão da costa d’Africa trazião-nos milhares de braços para a nossa agricultura, e mais serviços; trazião-nos cera, certos panos tecidos, esteiras, marfim, e outros generos d’aquelle paiz em troco d’agoa-ardente, de missangas, de doces, &c., que para ali madavamos em nossas especulações. Apareceo a proibição do trafico de escravaria nos portos d’Africa, e parece, que devia cessar quasi todo o comercio com aquellas terras, visto ter-se acabado o principal, que era a compra dos nossos semelhantes. Com effeito nós Brasileiros, que sobre sermos hum alambre em filantropia,

---

<sup>150</sup> HODGART, 1969, p. 131.

sabemos respeitar a Lei com hum escrupulo Religioso, nunca mais mercadeamos e, carne humana; já nunca mais importamos hum só Africano: e o que se seguio d’ahi? Abriámos mão do Commercio da costa d’Africa? Não certamente Graças às luzes do seculo, graças ao engenho maravilhoso dps Brasileiros! Se nos deixamos inteiramente da mercancia dos escravos Africanos, descobrimos hum ramo de comercio tanto, ou mais lucrativo, que aquelle, commercio nunca visto sim, mas mui licito, mui decoroso, e que prova sobejamente o nosso progresso na Sciencia Economica. Este novo, e prodigioso ramo de Commercio são *Pipas d’agoa salgada!!!* Quem tal diria? Quem poderia prever, que agoa salgada d’Angola viria a ser hum manancial de riquezas para o nosso Pernambuco? Ora em verdade se nosso pais, e avós resuscitassem, ficarião todos estuporados de pasmo, e admiração à vista da sagacidade, à vista do maravilhoso progresso de seus filhos, e netos. Se peço no Diário, e vou-me às Entradas de embarcações, leio cada passo – tal navio d’Angola – Carga – *Pipas d’agoa salgada* – Logo, tenho eu inferido, a agoa salgada d’Angola tem grande prestimo entre nós; porque a utilidade na rasão composta da raridade he a medida do valor das cousas. Será agora a agoa salgada d’Angola algum especifico de certas enfermidades, e consequentemente muito estimada nas boticas? Terá virtude particular para humedecer, e renovar a carne secca, afim de melhor acodir ao pezo, e por conseguinte muito estimada desses armazens? Fazendo hum dia este reparo a certo maganão, e perguntando-lhe, que préstimo poderia ter agoa salgada d’Angola para ser hoje hum tão concideravel ramo de commercio entre nós; responde-me com ar zombeteiro nesta substancia – Ora, meu amigo, Vm. parece-me ainda muito innocente. Pois ignora a perfeição, a que tem chegado a Chimica? Nós já temos por cá Chimicos muito mais destros, do que Rosier, Mungez, de Lametherie, Blainville, Arago, e Gay-Lussac. Todas essas pipas d’agoa salgada, que Vm. lê nos Diários vindas d’Angola, elles as convertem em negros novos (...) não he muito que hoje, no século dos progressos, e das luzes, haja quem metamorfozée agoa salgada d’Angola em bellos negrinhos novos para o serviço dos filhos de Deos. Que descoberta, amigo Sr. Meu, que descoberta! Cá os nossos Chimicos, os Alchimistas derão quinau nos Snrs. Inglezes; por que que importa, que estes andem cruzando os mares para embarçar o trafico de escravaria, se não podem embarçar a exportação, e importação, d’agoa salgada d’Angola, a qual os nossos pelotiqueiros sabem transsubstanciar em escravos novos? E que bellos pretinhos, todos da natureza de Venus! (Dizem, que esta deosa nascera da espuma do mar.) Pode haver cousa mais licita? Não se quebrantão os Tractados, não se infringem as leis; por que não commerciamos na compra d’escravos novos: permutamos sim os nossos generos por agoa salgada d’Angola, agoa prodigiosa, que passando por varias operações dos nossos bons Chimicos, toda se converte em molequinhos, em negrinhas, &c. &c.<sup>151</sup>

Além das técnicas apresentadas, encontramos também em *O Carapuceiro* o uso da paródia, que aparece geralmente através do rebaixamento de textos considerados oficiais, como requerimentos, ofícios emitidos por juízes de paz, cartas e certidões.

---

<sup>151</sup> *O Carapuceiro*, número 36 (19/8/1837), p. 1-2.

Vimos, assim, algumas técnicas que são recorrentes nos textos satíricos e que podemos encontrar em *O Carapuceiro*. A partir de agora, falaremos sobre as formas que a sátira pode assumir, procurando destacar aquelas que mais aparecem no periódico pernambucano, como a fábula e o diálogo.

VARIÉDADES.

*Cópia de hum requerimento de hum matuto capadocio a o seu Capitão Mór.*

Ilm. Snr. Capitão Mór, Governador no seu tanto. *Ecce, Domine, levavi oculos meos;* per cuja causa, Magestoso senhor, me vejo na proterva necessidade de pôr na presença de V. S. a dôr central, que me priva a maquina digestiva; a he o cauzo. -- A defuncta minha avó, que Deos tenha, sendo viva e por ser muito viva teve, ou fizeram lhe ter dous filhos de diferentes sexos, hum varão macho, e outra varôa femea. O macho, *qui vocatur* Manoel Luiz, casou-se; e deste *illicito* ajuntamento nasci eu. *Surxit Dominus de sepulchris.* A femea de V. S. creada, na pessoa de minha tia, que antes não fora; porque damnando se já mais houve Cathecismo, que lhe a propinquasse aquella cabeça de vento; *quia ventus est vita mea.* Depois soltando as pedras a seus convicios, foi ter á baliza do Exangelho, *Convertite oculos tuos, ne videant vanitatem.* Este rapaz distinguindo-se nos assassínios da sua primordial vida, gripou o cumulo das suas declinações. Aqui jaz no Seminario de Belém José dos Reis, empenhando, e comparando de humna mulher, de quem tem sete filhos machos, todos elles constructores de maldades: não há caza, que não vituperem, nem quintal, que não adulterem; e até da Caza de Deos, *Domus mea caza orationis* ... eles

*fazem speluncam Intronum.*  
E por que a ordem de prizão não foi cahir sobre estes malvados? Não logo cahir sobre o pobre José, espedido por seus irmãos? Hum rapaz melifluo, natural, beneplicado, e bem reconduzido, hum rapaz em fim, que podia ser a pedra fundamental do seu paiz. *Tu es Petrus, et super hanc petram œdificabo Ecclesiam meam* ... E R. M.º

*Termo de piquora.*  
Aos 12 de Agosto de 1740, eu abaixo assignado, Officiál de Justiça, com o meu Escrivão taõbem assignado, em virtude do despacho retro do Snr. Juiz de Fóra ... procedi á piquora dos moveis seguintes de F. -- Humna commoda de jacarandá -- hum armario de amarello -- hum duzia de cadeiras de sola -- Hum espelho com sua meza de pedra -- hum camera de caçado torneada -- hum Oratorio com se's imagens, a saber -- hum cavallo de estribaria -- dous porcos -- hum bacorinha -- dous carneiros etc. --

*Cópia de huma carta escrita por hum transmontano de Portugal a seu filho, que estava no Brasil.*

Mei Filho. -- Como tenho-te eserebido cartas sem me responderes; mando-me dizer, se es morto para te não escrever mais, etc.  
*Reverencia.*  
Mei Pai, e penhor -- Se eu tivera morrido, não te eu, que estonde, isso de Vm.; por isso pôde estar morto, que ainda não morri, Deos louvado etc.

*Na Typografia Redigida de J. N. de Alpo, R. das Flores D. 17. 1834.*

deixão de o ler : parece ; que de caso pensado procurão ter essas raivas. Se me rogarem pragas, peça-lhes, que não seja á hora de meio dia ; por que dizia-me huma Tia, que tive grandissima crendeira, e insigne patarata, que as pragas a essa hora pegavão, como visco ; por que ao meio dia os Anjos no Ceo estão entoando *Amens* mais estirados, do que os dos Muzicos nas Missas de grande Solemnidade ; e em as pragas recebendo hum *Amen* dos Anjos, são infalliveis, são inevitaveis. Fora desse tempo roguem-me quantas quizerem ; que todas lhes perdão. Ainda sendo á hora de meio dia advertirão as Senhoras Solteiras, que eu tambem posso retorquir-lhes, e pagar-me na mesma moeda. Ora se eu tambem zangado proferir esta praga ao pino do meio dia, e com grande fervor -- Permitta Deos, que nenhuma ache com quem casar, e morrão todas no duro celibato -- ; e apanhar hum *Amen* dos Anjinhos ; o que será dellas ? Não se mettão neste perigo

---

VARIÉDADE.

*Copia authentica de hum Officio, que hum Juiz de facto dirigio ao de Direito, excusando-se de comparecer no Jury.*

*Illm. Sr. Juiz da Lei*

Diz J. de S. P., que elle Supplante se acha molestado da via ordina-

ria, e que disto mosmo já participou ao Senhor Juiz de Paz, e que elle mesmo receitou botasse bixas, por tanto

P. a V. S., mandará o que for servido.

E R. M.

---

*Outra do mesmo author por occasião da escandalosa rejeição da moeda de cobre.*

*Illm. Sr. Juiz de Paz*

Diz J. de S. P. que *desno* que o mundo foi mudado nunca se vio o que se tem visto, pois V. S. dá *adstrictus* ordens, e providencias, ou há o diabo a quatro, e muito sangue, pois o dinheiro marcado deve ter seu lugar, pois o grande, o pequeno não ha de *lamentar-se* com o gosto particular, pois o dinheiro tendo 3 oitavas e meia deve correr, como Deos manda e a Santa Madre Igreja de Roma ; e do contrario Domine, o *Emperio* he que sustenta os Povos, do contrario o cabeça disto. Nada do *Emperio*, nada de leis, pois os povos he que sustenta o *Emperio* ; e não estamos para essas graças.

E R. M.

---

VARIÉDADE.

*Copia authentica de hum Officio, que hum Juiz de facto dirigio ao de Direito, excusando-se de comparecer no Jury.*

*Illm. Sr. Juiz da Lei*

Diz J. de S. P., que elle Suppliante se acha molestado da via ordina-

ria, e que disto mosmo já participou ao Senhor Juiz de Paz, e que elle mesmo receitou botasse bixas, por tanto

P. a V. S., mandará o que for servido.

E R. M.

---

*Outra do mesmo author por occasião da escandalosa rejeição da moeda de cobre.*

*Illm. Sr. Juiz de Paz*

Diz J. de S. P. que *desno* que o mundo foi mudado nunca se viu o que se tem visto, pois V. S. dá *adstrictas* ordens, e providencias, ou há o diabo a quatro, e muito sangue, pois o dinheiro marcado deve ter seu lugar, pois o grande, o pequeno não ha de *lamentar-se* com o gosto particular, pois o dinheiro tendo 3 milavas e meia deve correr, como Deos manda e a Santa Madre Igreja de Roma; e do contrario Domine, o *Emperio* he que sustenta os Povos, do contrario o cabeça disto. Nada do *Emperio*, nada do leis, pois os povos he que sustenta o *Emperio*; e não estamos para essas graças.

E R. M.

*O Carapuceiro 9/8/1837*

no tempo dos pentes de charola faltou-me com uma dessas basilicas, com que ella contava para huma Precisão. Finalmente em ambos os sexos, em todas as classes, e condições há pessoas importantes, das quaes livre Deos nosso Snr. a todo o fiel Christão, como de praga de sigano, d'olhos maus, e de chamada de saruas.

VARIEDADES.

Copia. Illm. e Exm. Snr.

Tendo-se findo o anno lectivo, e achar-me de viagem para Pernambuco, assim o communico a V. Ex. para sua intelligencia a despeito. As venturas quotidianas, e cordial suade por lustros de lustros a V. Ex., que D. G. &c.

Illm. e Exm. Snr. Presidente.

J. J. de . . . . .

Lente de Rhetorica.

N. B. De longe me enviãõ esta peço estimavel: e a ser verdadeira, que idia podemos fazer de tal Professor de Rhetorica! Que bellos discipulos não deve de ter hum Mestre tão egregio! Infelizmente nós por cá tambem os temos quase do mesmo jaez em os nossos estabelecimentos Litterarios.

Copia

Devo, que pagarei a N. Snra. do Rozario huma Missa, e ao glorioso Padre S. Anthonio, se elles fizerem com que eu saia approvado no exame de Latim; mandarei dizer dictas Missas, logo que sair approvado; e torno por testemunha a n eu Snr. J. C. Seminario 2 de Fevereiro de 1836.

M. . . . .

Copia de parte de huma defeza de hum reo em certo Jury do Serião.

Senhores Juizes: tudo está perdido! a farinha cada vez mais cara, os ladiões não tem mãos a medir, e o rio, que delatado, este homem honrado, e execrando, perseguido, e massacrado por Seribas, e Farizeos, vindo da casa de Anã para a de Cãifas, gritando todos - *Crucifige, crucifige eum.* Abel não era mais innocente, do que aquelle pobre diabo, que ali está assestado tão triste, coitadinho, para ser sentenciado por esta augusta assemblêda Sinagoga. Ah! Manoel pipoca ( Não se rião; que por tal he conhecido o meu cliente; e imacoco não olha para o seu rabo ) quem me dis-era o anno passado, quando toca-t toda noite viola no casamento da filha da Capôa, ( que cazou com que cazou ) que te havia de ver hoje neste jardim das Oliveiras para carregares a cruz dos teus peccados!

Rasgue-se o véo do templo, e appareça a verdade *apocripha* perante este nobre congresso constituinte, que ha de vir a julgar os vivos, e os mortos... Capitão Verissimo, trazei-me cá esses auctos; que quero mostrar, que não são auctos de fe.... Aqui, aqui está já a primeira mentira. Snr. Juiz de Direito, por vida da sua Tetê ( para que se faz vermelho, se não há cão, nem pato, que não saiba, que V. S. &c. &c. ? ) mande jactar no tronco estas testemunhas.... Oh! Ve jáo quem tambem jurou contra aquelle innocente! Snrs. Juizes, nós todos não conhecemos o João d'Anica? Forte ladrão? Dize-me, ladrão, onde viste Manoel pipoca dar essa laçada a haixo do embigo do delincto? O sol se escurece, a terra treme, o inferno se abre com tão grande calumnia. Aquelle pobre Snr. Juizes, he hum homem, que por bom stê já foi impostor de quartelão; he hum joven *Linha abandonado*, quieto, *implacavel*, e garantido.... Snr. Deos dos Exercitos, salvei este filho da Sunamites das garras destes cachorros, pela v. ssa Paixão, pela v. ssa Misericordia, como se vê do Codigo do Processo.

Teru: na Typ. de M. F. de Farias. 1837.

## FORMAS

Podemos observar que a sátira não apresenta predileção por nenhuma forma literária em especial. Qualquer uma delas serve, desde que permita a combinação do ataque agressivo e da farsa fantástica e que dêem ao satírico a liberdade para usar alguma ou todas as técnicas. Em *O Carapuceiro* encontramos uma sátira que aparece sobre as mais variadas formas, como em anedotas, epigramas, sonetos, décimas, máximas, aforismos e provérbios, uma vez que o padre acreditava serem essas formas uma maneira “agradável” de dar conselhos:

Não há cousa, que de mais má vontade recebemos, do que são os concelhos. Parece, que quem no los dá zomba de nosso discernimento, e nos tem na conta de meninos, ou néscios. Tomamos neste caso a instrução por censura tacita, e por impertinencia o zelo, que se nos testemunha; e em verdade aquelle que nos dá concelhos parece exercer sobre nos a esse respeito alguma superioridade, e comparando-nos comsigo acha, que ou somos desregrados, ou faltos de senso. D’aqui a summa difficuldade de tornar agradaveis os concelhos: d’aqui o maior, ou menor merito dos Auctores assim antigos, como modernos, à proporção, que mais, ou menos se distiguirão ness’arte de grande importancia. De que recursos se não há lançado mão para adoçar a amargura dessa bebida! Quem insinua-nos os seus preceitos com os termos mais bem escolhidos: quem recorre à harmonia dos versos; quem ajuda-se de epigrammas, de maximas, de sentenças, e proverbios.<sup>152</sup>

Dentre as formas presentes em *O Carapuceiro*, destacaremos a fábula, considerada pelo padre carapuceiro o método mais agradável e delicado de aconselhar, e o diálogo, uma vez que essas foram as duas formas que mais se destacaram por serem recorrentes e por apresentarem a criação literária de Lopes Gama.

---

<sup>152</sup> *O Carapuceiro*, número 60 (11/11/1837), p. 1.

VARIEDADE.

*Aos Breviarios de certo Vigario, que se conservarão intactos ate o tempo os consumir.*

SONETO.

De se abrirem os livros sendo a sorte-  
(Pois só para se lerem se escreverão.)  
Sei d'huns, que privilegio tal liverão.  
De nunca hum dia só porem-se a córte.  
O dono, que os comprou, pagando o importe,  
Intactos os guardou, como vierão  
D'Antuerpia; e na estante apodrecerão,  
Passando assim do nascimento á morte.  
Se venturosa chama-se a donzella,  
Qu'escapa ás tentações do mundo vario  
Por cuidados da mãe, que a guarda, e zella;  
Morrende assim de velho hum Breviario,  
Venturoso levou palma, e capella,  
Donzello por mercê de tal Vigario.

( Pr. M. C. A. )

*Em louvor de hum Sargento d'Ordenanças, reformado com meio soldo por inteiro, sendo Imperador do Espirito Santo por devoção no lugar da Tacaruna.*

DIÁLOGO.

Como governaes o mundo?  
C'hum canudo de mamão.

( 4 )

Digão todos, que aqui estão:  
Sois sargento sem segundo?  
( Idem. )

*A huma preguiçosa.*

EPIGRAMMA.

Era huma vez  
Pachorrenta mulher.  
E esta gorda mulher o que fez?  
Nada;  
Deixou-se estar sem fazer.

*O manco por medo.*

EPIGRAMMA.

Em grande festa, tendo à cinta a espada,  
De casaca, e peruca penteada,  
Queixou-se hum ao Juiz de qu'hum vadio  
Lhe dera bofetões, a sangue frio.  
Pergunta-lhe o Juiz, qu'uso então fez  
Do ferro cortador na occasião?  
Eis responde o queixoso: nada então;  
Por que não tive raiva dessa vez.

## VARIEDADE.

*Maximas, pensamentos, e reflexões pelo Marquez de Maricá.*

O Brazil deve em meu humilde entender gloriar-se de ter hum filho de tão vasto, e sólido saber, como o Exm. Marquez de Maricá. Esta sua obra das *Maximas, &c.* he hum testemunho da extenção de seus conhecimentos, e do bom gosto, e precisão de suas ideias. Ali se encontra a grande experiencia do mundo, e o fino tacto em conhecer o coração humano. Esta obra em fim he em meu humilde entender o fructo de aturado estudo, e nada tem que in-

vejar dos Caracteres de Theophrasto, de La Bruyere, e das *Maximas* de Rochefaucoult.

Pretendo pois ir transcrevendo neste meu pequeno Periodico aquellas, que me parecerem mais proveitosas ao Povo, e sobre algumas farei as reflexões, que me occorrerem; por que tal julgo ser o caminho mais facil de corrigir os vicios, e propagar os bons principios da Moral.

### *Maximas.*

"Huns homens sobem por leves como os vapores, e gazes, outros como os projectis pela força do engenho, e dos talentos."

Esta verdade nunca apparece tão claramente, como nas Revoluções. Nestas observamos phenomenos espantosos de sujeitos, que por loucos, e ousados elevão-se aos maiores empregos, e decidem dos vitaes interesses da Patria. Homens, que em tempos pacíficos, e regulares jazerão em masmorras por seus inveterados crimes, em quadras de revolução sobem aos mais elevados cargos, atrahem os applausos da multidão, e tornão-se os mais soberbos, e insolentes dos homens; porem por mais que repem, e se alenquem, como coqueiros, jamais grangeão os respeito de quantos os conhecerão na baixa condição de lavadeiras.

"O prodigo pode ser lastimado: mas o avarento he quasi sempre aborrecido."

"Os maldizentes, como os mentirosos, acabão por não merecerem credito, ainda mesmo dizendo verdades."

"A modestia doura os talentos, a vaidade os delustra."

"Os abusos, como os dentes, nunca se arrancão sem dores."

preferir a vida a tudo; este promete a palma do martyrio a quem entregar a propria existencia para confessar a Jesus Christo perante os homens. *Qui confitebitur me coram hominibus confitebor et ego eum coram Patre meo;* aquelles finalmente exsistão os homens a ser insubordenados ergotistas, e revolucionarios; este veio ensinar-nos a ser mansos, obedientes, modestos, resignados, e sanctos.

#### VARIÉDADE.

##### *Os dous Persas.*

##### FABULA.

Esse pobre rasão, de que tanto alardea o homem, não he mais, do que huma palida tocha, que em torno de nós derrama huma luz debil, e triste, além da qual existe a noite. O mortal temerario, que ousa penetrála, caminha ás cegas sem saber para onde: mas tambem por outra parte não he menor dôura o sufocar o espirito, e não aproveitar esse beneficio Supremo.

Existião antigamente na Persia dous irmãos, adoradores do sol, segundo a lei do paiz. Hum duvidoso em sua fé, não presava, senão as suas quimeras, pretendendo penetrar, escrutar, e conhecer do seu Deos a sublime essencia; e a fim de o conseguir, desde a aurora até a noite tinha os olhos fitos no Astro brilhante, pretendendo explicar o segredo de seus fogos, até que vindo o pobre Philosopho a perder ambos os olhos, raivosamente negou a existencia do sol. O outro pelo contrario, que era credulo, e beato, temeroso da sorte do irmão, e conhecendo o abuso mui ordinario dos talentos, por todo o esforço em tornar-se hum pastrano; e com medo de offender o astro, que nos aluméa, cayou hum buraco na terra, e condemnou os seus olhos a nunca mais o verem.

Humanos, pobres humanos, gozai dos beneficios de hum Deos, que em balde a rasão quer comprehender, com quanto se elle manifeste em toda a parte, e falle a os nossos corações. Occupemos o nosso espirito em nos tornarmos

melhores sem preferirmos adveilhar o que se não pode aprender, e rejeitemos os dons de sua Mão poderosa e benévola. Vossas virtudes são a mais digna homenagem ao Altissimo, e verdadeiro sabio só he o homem justo. ( Florian. )

##### OUTRA.

##### *O Cortezão, e o Deos Protéo.*

Muita agerisa se tem aos Cortezões, e todos clenão que essa gente, inútil ao Estado, só para o seu interesse mostra grande habilidade: mas tudo são alevies de praguentos, e dictos de falladores.

Eu já li, não sei onde, que houve outr'ora na Syria hum Cortezão, que salvou a sua Patria, e a salvou deste modo. Apparecêra a peste no paiz, e não devia cessar, senão quando o deos Protéo desse schriste o seu parecer. Este deos, como se sabe, não hé dos mais francos, e tractaveis para o fazer fallar he preciso perseguido, espreitalo junto ao seu antro, sorprendelo, e depois amarralo bem amarrado, apesar das horrendas figuras, que ora toma, ora larga a seu bel prazer. Certo velho Cortezão, mandado pelo Rei, appresenta-se d'improviso perante o deos marinho. Este sobrespo, e grandemente irritado, em negra serpente se transmuda; da guela envenenada arremessa hum dardo mensageiro da morte, ao mesmo tempo que em sua marcha obliqua, e tortuosa, arrastra-se pelo chão, e de cada corcovo dá hum passo. Surri-se o Cortezão, e zombeteiro lhe diz " Conheço a tua marcha, e melhor, do que tu, sei niorder, sei rastejar ": e presto corre a ella para a agarrar; eis que o deos muda de figura, tornando-se successivamente em lobo, mono, linco, e raposa. " Queres, dizia o Cortezão, vencer me na minha arte? Vê, que desde a infancia acostumado estou a ser ambicioso, astuto, moquenco, e refochado; que sei mudar de habito, de costumes, e até de consciencia, o que tudo para mim he extremamente facil. " E presto agarra do deos; atá-o, arranca-lhe o oraculo, e volta vencedor. Este apologo nos prova, Amigo Leitor, quanto he de hum Cortezão servir à Patria. ( Idem. )

##### ANEBOCTAS.

Precisando certo sujeito de huma Prosodia, e de hum Diccionario, mandou pedir a seu Correspondente huma Leprosa, e hum Missionario.

O mesmo herós tendo necessidade de huma canana, e d'hum chorão, expressou-se desta maneira -- Mande-me d'ahi huma caninana, e hum xoro xoro, que serve de penna militar.

Pern : na Typ. de M. F. de Farias. 1877.

## **Fábula**

A fábula é um tipo de narração em que os animais se comportam como humanos, e que possui uma intenção moral. A diferença que existe entre a fábula e o conto é justamente o fato de que o narrador desta última retira do fato narrado uma lição de moral. Assim, “o autor consegue fazer com que os homens efetivamente reflitam e se conscientizem da incoerência de sua conduta e de seu relacionamento social, apesar de serem os únicos animais racionais a viverem na natureza”<sup>153</sup>.

Há, na fábula, uma espécie de “sentimento de superioridade” por parte daquele que a escreve, assim como aparece em todo escritor satírico e em todo escritor que pretende passar ensinamentos morais. Por isso, ela se torna um tipo de texto bastante utilizado pelos escritores satíricos:

El hombre primitivo se ve a sí mismo como parte integrante del mundo animal en muchos aspectos: como cazador opone su habilidad a la velocidad y astucia de los animales. Sólo en un grado bastante elevado de la evolución social pueden los hombres sentirse esencialmente diferentes de las bestias, y dar el paso relativamente complicado de retratar a sus semejantes con apariencia de animales para decir algo sobre su conducta, en lo cual consiste la clave de la fábula.<sup>154</sup>

As fábulas mais antigas se encontram no Egito, precedendo quase mil anos as fábulas de Esopo. Hodgart cita Jean de La Fontaine, dentre os autores de fábula que mais se destacaram, por considerá-lo possuidor do estilo mais perfeito entre os fabulistas, mistura de “espontaneidade” e “equilíbrio formal”. Para ele, no fundo, La Fontaine não era um satírico nem um moralista, mas um irônico que adotou uma postura racionalista diante dos absurdos da sociedade em que vivia.

---

<sup>153</sup> SMOLKA, Neide. In: ESOPPO, 2005, p. 6-7.

<sup>154</sup> HODGART, 1969, p. 171.

Em 11 de novembro de 1837, Lopes Gama explica aos seus leitores a “Vantagem da Fabula para corrigir os costumes”:

Mas de todos os differentes modos de communicar concelhos, tenho por mais delicado, e agradável a todo o mundo o uso da Fabula, de qualquer maneira que se esta appresenta: e com effeito se examinar-mos de perto este meio d'intruir, ou corrigir, veremos, que sobra muito a todos os outros; por que he menos irritante, e menos exposto às suspeitas, de que a cima falei<sup>155</sup>. Certamente na lição de huma Fabula o Escriptor deixa-nos crer, que somos concelheiros de nós mesmos. Levamo-nos do engodo do conto, e olhamos para os preceitos, como consequencia, que nós mesmos tiramos, antes do que como instrucções, que elle nos pretende dar. A moral insinua-se imperceptivelmente por meio da Fabula: nella aprendemos, e sem o percebermos nos tornamos mais prudentes, e melhores; finalmente tal he a força deste prestigio, que ao passo que seguimos as luzes de outrem, nos julgamos dirigir a nós mesmos, e desta arte deixamos de sentir o que há de mais desagradavel nos concelhos, que recebemos. (...) Convencido, como estou, da grande vantagem da Fabula para propagar a Moral, e tornar os vicios ridiculos, prosseguirei huma tarefa, que encetei nos meus antigos Carapuceiros, traduzindo huma vez por outra alguma Fabulas de Florian, ou de outros menos conhecidos da mor parte dos meus Leitores. O *Ridendo castigat mores* he recomendado pelos maiores Sabios assim antigos, como modernos, e será sempre a divisa do meu pequeno Carapuceiro.<sup>156</sup>

É interessante observar que, por ser um gênero popular, a fábula lança mão de uma linguagem coloquial que serve bem aos propósitos do texto satírico, uma vez que sua intenção é atingir um público vasto. O padre carapuceiro encontrou na fábula uma poderosa aliada de seus objetivos didáticos e reformadores. Encontramos em seu periódico, além de várias traduções de La Fontaine e Florian, fábulas escritas por ele mesmo, geralmente com o intuito de expor ao ridículo alguns costumes femininos ou questões políticas, como podemos observar na fábula publicada em *O Carapuceiro* número 35, do dia 23 de janeiro de 1833, intitulada “Sessão Extraordinária da sociedade dos pescadores do alto. Presidencia do Sr. Coringa”. Nela, o padre carapuceiro critica as pessoas que viviam de “pescar” os empregos públicos, ou seja, o tema é relativo a uma prática que até hoje é bastante comum no Brasil: o

---

<sup>155</sup> Lopes Gama se refere ao fato de que o ato de aconselhar muitas vezes gera a desconfiança, naquele que recebe os conselhos, de que o conselheiro o julga um tolo desprezado ou se julga superior a todos.

<sup>156</sup> *O Carapuceiro*, número 60 (11/11/1837), p.1-3.

clientelismo político: “Entre nós só he mau o pobre, o desvalido, e que não tem padrinho: não se qualifica o homem pelas suas acções, mas pela roda, em que vive, e pelos protectores, que conta”<sup>157</sup>. A troca de favores foi duramente combatida por Lopes Gama ao longo dos anos de publicação de seu periódico, sendo inclusive, associada por ele à intenção da grande maioria daqueles que defendiam a implantação do sistema republicano no Brasil. O assunto da fábula em questão era a próxima eleição que iria eleger os deputados que exerceriam a legislatura de 1834 até 1838. O padre carapuceiro narra uma fábula em que os membros da “Sociedade dos pescadores do alto” arquitetam seus planos para que fossem eleitos apenas aqueles que participassem dela. Os membros que participam da discussão sobre quais deles seriam os eleitos, os Senhores Furão, Caracol, Impofia, Tarrafa, Florete, Corisco, Mancinho, Caboba, Maneta, Cocó, Ranheta, Fura-bôlo e Cata-piolho, discursam sobre as vantagens que possuem e apresentam os motivos pelos quais eles deveriam ser os escolhidos. Da sessão também participam o presidente, o Snr. Coringa, e o secretário, o piaba. É interessante notar que cada um dos membros representa aquilo que mereceu a crítica de Lopes Gama: o Caracol era o representante dos moderados; o Tarrafa, dos rebeldes de 1817; o Florete, dos rebeldes de 1824 (Confederação do Equador); o Mancinho, um “coluna” disfarçado de moderado; os senhores Caboba, Maneta, Cocó e Ranheta, daqueles que não tinham ofício, viviam endividados, perambulando pelas ruas, mas que haviam participado de algumas rebeliões; e o Fura-bôlo representava aqueles que se preocupavam com as aparências. Assim, Lopes Gama, através da fábula, exerce o seu papel de carapuceiro, comentando, no final da última página, sobre os pescadores e as vantagens que haviam em ser eleito deputado, terminando com a lição de moral: “Eleitores, em vós escolhendo individuos, que fazem o contrario do que até aqui tem praticado os que se dizem grandes Patriotas; tereis excellentes Deputados”<sup>158</sup>

---

<sup>157</sup> *O Carapuceiro*, número 6 (9/2/1839), p. 2.

<sup>158</sup> *O Carapuceiro*, número 35 (23/1/1833), p. 140.



4.ª FEIRA 23 DE JANEIRO.



ANNO DE 1833. N.º 351

# O CARAPUCEIRO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SEMPER ACIDENS POLITICO

*Hanc servare modum nostri novis libelli  
Parcere personis, dicere de vitiis.  
Martiali Liv. 10. Epist. 33.*

Guardarei nesta Folha as regras boas,  
Que ha dos vicios fallar, não das pessoas.

IMPRESSO EM PERNAMBUCO POR J. N. DE MELLO NA TYPOTRAFIA FIDEDIGNA.

## SESSAO' EXTRAORDINARIA

Da Sociedade dos Pescadores do  
alto.

PRESIDENCIA DO Sr. CORINGA:

Lida, e approvada a Acta da sessão passada, em que se tractou do melhor meio de dividir os Povos para os trazer sempre sujeitos, o Sr. Presidente Coringa deu para ordem do dia as proximas Eleições de Deputados á vindoura Legislatu-  
ra de 1834 até 1838. O Sr. Furião pediu a palavra, e disse — He preciso, Srs., combinarmos todas as traças para que a eleição de Representantes da Nação recaia exclusivamente sobre os Membros desta illustre Sociedade: e como o numero

dos socios seja muito crescido, e não seja possível, que sãão Deputados todos quantos o desejado ser; por que o campo de Jozafat apenas chegaria para acomodar tantos pretendentes; opinou, que esta escolha seja tirada por sortes em escrutinio secreto, pondo-se em uma urna 13 papelinhos com a simples inscripção *Deputado*; e tantos bilhetes brancos, quantos sãão os illustres membros desta filantropica Sociedade; e em outra urna os nomes de todos.

A esta indicaçãõ oppoz-se vigorosamente o Sur. Caracul, mostrando com fortes razões, que não devia expor-se o merecimento a os caprichos da sorte; e assim desde logo estava contra semelhante parecer. Depois de hum renhido debate entre

os dous illustres socios, pediu a palavra o Sr. Impofia, e orou desta maneira — Propozicoes há, Sur. Presidente, que se não podem ouvir sem fastio, nem combater sem calor. Com quanto muito respeito as luzes, e virtudes desta respeitavel Sociedade dos Pescadores da Patria, com quanto faça a devida justiça ao merecimento de todos; não posso ouvir todavia, que, quando se tracta de hum lance tão vantajoso, qual he o de Representante da Nação, lance, ou pescaria, que rende nada menos de 6 mil cruzados annuaes, se ponha o negocio á sorte, dando-se tão gorda cavalla muitas vezes a quem menos merece, e ficando a chupar espinhas os benemeritos da Patria. Sim como se compadece com a equidade, que eu, por ex., fique excluido da Deputação; eu, que tenho cavallos de estribaria, eu, que ando sempre aseado, possuem boa meza, e fallo em materias politicas horas esquecidas? Eu, que nas crises arriscadas portei-me sempre de modo, e de tal arte, que nunca me pruz mal nem com Deos, nem com o diabo? Eu, que sempre propugnei pela boa ordem, e deitando, como hum furioso, o partido da Moderação? A mim pois me cabe da direita o ser Deputado, e não concordarei jámais na injusta indicação do illustre membro. —

Fallou taõbein sobre a materia o Sr. Tarrafa, oppondo-se á sorte, e disse entre outras reflexões. — Quem sofrerá tal? He crível, que se submetta á cega decisã do accaso hum negocio, que está decidido por sua natureza? Só devem ser Deputados os Patriotas decididos, como eu.

Certamente; por que eu em 1817 marchei para Utinga contra os Realistas: he verdade, que não dei hum só tiro, e os dias, que ali estive; levei-os em jogar o maior ponto; porem tudo he serviço da Patria, e se não fiz fogo, foi por que não levei outras armas, se não hums baralhos de cartas. Quem, como eu, pregou a Constituição até pelas esquinas, quando ella chegou logo de Portugal? Em fim este, que aqui vedes, Surs., dirigio por muitas vezes occultamente as manobras, e illustres feitos do *Batalhao Ligeiro*; e quem taes serviços mostra, de nada mais há mister para dever ser eleito Deputado. —

No mesmo sentido orou o Sr. Flarete, e depois de hum calorosa porfia com o Sr. Corisco, finalizou o seu discurso dizendo, que só devião ser Deputados os Patriotas de 24, ainda aquelles mesmos que ao depois fizeram-se columnas sem robuço; por que forão coactas, e em liberaes de tal estôfa todos os peccados são veniaes. O Sr. Mancinho, que estivera sempre attento sem pestanejar, pediu a palavra, e disse — Não permittad os Ceos, que saão Representantes do Povo Brasileiro individuos, que possam promover a Federação, objecto, que deve ser proscripto pela Assembléa, como muito nos recontendad os nossos amigos da Côrte. Voto por tanto, que do infinito numero dos pertendentes, ou Pescadores da Deputação sejaõ só admittidos, e eleitos os moderados, ou ainda mesmo algum colutuna disfarçado; por que em veridade a Moderação está mais perto do absolutismo, do que do

liberalismo. (muitos apaiados dos espectadores.)

Foi mandado á meza hum Projecto a este respeito, concebido nos termos seguintes — Como a Deputação para quasi todos, que a procurad, nad seja outra cousa mais, do que hum modo de vida, tanto assim que o Magistrado já nad despacha Auctos por occupado na pescaria da Deputação, o Medico pde de parte os Aforismos, esquece os doentes, o Padre faz-se muito popular, o Militar mette-se em sociedades Patrioticas, todos com a mira nas eleições; só deverã sair Deputados aquelles dos infinitos Pescadores, que forem pobres, bons palradores, e que nad tiverem emprego, nem officio, embora nad possuão a renda liquida de 400\$000 réis, exigida pela Constituição; por que essa lei, assim como quasi todas, mui facilmente se illude: á vista do que somos de parecer, que todo aquelle individuo, que nunca servio para nada, se nad para papaguear, e preparar *rusgas*, em apresentando atestados, reconhecidos, de viverem por quanta botica, loja, botéquim, e esquina há por ahí a dogmatizar em materias Politicas, ainda que em sua caza nad se accenda lume, e os filhinhos; e mulber andem berrando, e morrendo de fame; seja logo matriculado na lista dos candidatos: todo o sujeito quebrado, que nunca soube ganhar a vida; mas que com a nova ordem de cousas tomou hum porte grave, hum fallar pausado, e manso em tom de oraculo, vá tambem para o rol: todo aquelle que estiver vexado de credores, e em-

brullado em seus negocios, hum vez que se tenha mettido em duas, ou trez revoluções, pondo-se sempre de fóra no caso de contratempo, vá igualmente para o canheño; e desse livro mestre, posto que mui volumoso deva ser, serão escolhidos os melhores Deputados possiveis. — Assignados os Snrs. *Caboba, Maneta, Cócó, e o Ranheta.*

Ainda fallará por algum tempo na materia os Senhores *Furabólo, e Cata-piolho.* O primeiro opinou, que para merecer o alto emprego de Representante da Nação nad era preciso ter estudado cousa alguma; bastava traduzir pelo grosso o Telemaco, possuir boa orêlha, e ter aquella dozi de despejo necessaria para se fallar sobre assumptos, de que se não entende palavra, ajuntando a isto certa labia para inculcar-se por liberal, e homem de bem, embora tenha virado, como hum catavento, e de portas a dentro seja muito mau filho, mau pai, pessimo espoz, etc. Desta classe de Pescadores, que não he pequena, he, que devem sair os Deputados, e por consequencia os Ministros de Estado; por que aquelle que tem a ventura de pescar essa cioba, pode ir logo fazendo-se com terra de occupar huma pasta: se he Padre, he muito provavel, que vá para Ministro da Marinha; se Rabula para os Negocios da Guerra, se Militar para a Justiça; se Boticario para os Negocios Estrangeiros; se he Medico, para tudo; por que Physiologia, Egienna, Pa-

tologia, Therapentica, e Direito Publico, Direito Criminal, e Economia Politica são huma, e a mesma cousa.

Dada a hora o Snr. Presidente adiou a questão, e declarou por concluida a prezente sessão. — E eu o Piaba, Secretario da Sociedade dos Pescadores escrevi, e assignei esta Acta, de que dou minha fé. *Era, ut supra.*

AS ELEIÇOENS.

Anda tudo em quente com as Eleições, exaltaõ-se as pertenções, larve a caballa: hum Capitulo de Frades não he mais enredado, e tumultuoso. Ora o pescado não he mau: são 24 mil cruzados em quatro annos, e candidato há por ahí, que nunca possuo 6 em todos os dias de sua vida. Já se me tem perguntado quaes são os melhores patriotas, ou sobre quaes devem recahir as Eleições: tive tentações de dizer, que eu; por que ruim he quem em ruim conta se tem: mas todos já sabem, que o Carapuceiro tanto pode ser Deputado, como cazado; pelo que direi, como a Rapoza sem as uvas, estão verdes: mas a este proposito contarei hum caso.

Havia em Athenas hum celebre Musico (sem duvida que devia de ser Mestre de Capella) de cujo nome não me recordo. Chamem-lhe Pythagoras, se lhes parecer, que he questão de nome. Este, para ensinar a musica a seus discipulos segundo todos os seus modos differentes, isto he; Dórico, Lydio, Mixti Lydio, Frygio, Sub-Frygio, e Eólio, fazia isto: Ajuntava as vozes mais desentoadas, mais asperas, mais rouquenhas, mais destemperadas, e bizerriz de toda a Republica: fazia-as cantar na presença dos seus discipulos, recomendando-lhes muito, que observassem cuidadosamente o desabrido inoportavel de humas, o fanhoso de outras, o desafinado infernal destas, os pulos, saltos, e corcovos d'aquellas; e por ultimo voltando-se para os rapazes, dizia-lhes com muita mansidão, e carinho „ Fihos, em vós fazendo o contrario do que fazem estes sujeitinhos, cantareis divinamente „ Agora applicando el cuento: *Electores, em vós escolhendo individuos, que fazem o contrario do que até aqui têm praticado os que se dizem grandes Patriotas; tereis excellentes Deputados.* —

Na Typegraphia de J. N. de M. Rua das Flores D. 17.

O diálogo é um tipo de texto que se caracteriza pelo jogo de perguntas e respostas entre dois ou mais interlocutores, que foi considerado por muitos filósofos como a forma mais adequada de transmitir os seus pensamentos. O uso do diálogo com esse objetivo está relacionado à exposição de informações e interpretações a respeito do mundo, por isso ele pode ser considerado como pertencente ao gênero didático.

Na Antigüidade Clássica encontramos no diálogo socrático elementos que estão presentes em *O Carapuceiro*. Por isso, faremos uma abordagem que contempla esse tipo de texto, considerado por Mikhail Bakhtin, em seu estudo sobre a obra do escritor russo Dostoievski<sup>159</sup>, como um gênero específico do campo do sério-cômico. Para entender a validade do diálogo socrático na reforma dos costumes, é preciso descrever algumas particularidades do sério-cômico, sobretudo no que diz respeito ao que Bakhtin chama de *cosmovisão carnavalesca*, uma vez que ela estabelece uma nova relação entre a palavra e a imagem e a realidade. O tratamento inovador dado à realidade é a primeira peculiaridade, apontada por Bakhtin, que caracteriza os gêneros do sério-cômico, dentre eles, o diálogo: “A atualidade viva, inclusive o dia-a-dia, é o objeto, ou, o que é ainda mais importante, o ponto de partida da interpretação, apreciação e formalização da realidade”<sup>160</sup>. A segunda peculiaridade é que esses gêneros têm como base a experiência e a fantasia livre. A terceira e última está ligada à pluralidade de estilos e variedades de vozes que compõem os gêneros campo do sério-cômico:

Eles renunciam à unidade estilística (em termos rigorosos, à unicidade estilística) da epopéia, da tragédia, da retórica elevada e da lírica. Caracterizam-se pela politonalidade da narração, pela fusão do sublime e do vulgar, do sério e do cômico, empregam amplamente os gêneros intercalados: cartas, manuscritos encontrados, diálogos relatados, paródias dos gêneros elevados, citações recriadas em paródia, etc.<sup>161</sup>

---

<sup>159</sup> Cf. BAKHTIN, 1997.

<sup>160</sup> BAKHTIN, 1997, p. 108.

<sup>161</sup> BAKHTIN, 1997, p. 108.

O diálogo socrático, gênero do sério-cômico que nos interessa, é caracterizado como um método de revelação da verdade, e “A verdade não nasce nem se encontra na cabeça de um único homem; ela nasce *entre os homens*, que juntos a procuram no processo de sua comunicação dialógica.”<sup>162</sup>.

Lopes Gama utiliza o diálogo com o intuito de expor seus pensamentos acerca da atualidade em que vivia, como uma estratégia para reforçar aquilo que ele considerava verdade. Os diálogos presentes em *O Carapuceiro* envolvem dois ou mais interlocutores, geralmente caracterizados através da técnica satírica da redução, uma vez que, na maioria das vezes, esses interlocutores são descritos como animais. É interessante observar que, nesses casos, o diálogo aparece intercalado à fábula, que reforça seu caráter didático. Encontramos, também, no periódico pernambucano, diálogos entre figuras humanas que são ridicularizadas por Lopes Gama, como uma maneira de condenar o clientelismo, a restauração, a implantação do regime republicano, e até mesmo a superstição e a educação dada às mulheres. Nos diálogos de *O Carapuceiro*, observamos que o padre carapuceiro atribui aos interlocutores o papel de expor verdades que são contrárias àquilo que ele pensava. É interessante observar que a redução, nesse caso, é feita através da colocação de nomes ridículos que ele dá aos interlocutores.

---

<sup>162</sup> BAKHTIN, 1997, p. 110.

6.<sup>a</sup> FEIRA 7 DE SETEMBRO.



ANNO DE 1832. — N.º 21.

# O CARAPUCEIRO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Nulla servare modum nostri norde libelli  
Parcere personis, dicere de vitiis,  
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardare nesta Folha as regras boas,  
Que he dos vicios fallar / nas pessoas.

APRESSO EM PERN. POR J. N. DE MELLO NA TYP. FID., R. DAS FLORES N. 17. — 1831.

DIALOGO ENTRE COSME E DAMIAO,  
AMBOS ELEITORES.

*Cosme.*

Meu Compadre, e amigo, chegou a occasião de Vm. dar-me huma prova do muito, que diz, me estima. Vm. não ignora as minhas tristes circunstancias: sou carregado de familia, tenho falta de meios, como sabe; em vão procuro pillar hum emprego, que me sustente, e a minha obrigação: esses ossos são poucos, e os cães, que a elles se atiram, muitos; só me resta solicitar dos meus amigos, que me nomeem Juiz de Paz. Eis o que de Vm. pertendo, e espero.

*Damiaõ*

Fico admirado, meu amigo, des ta sua proposição. Que Vm. faça diligencia, por conseguir hum officio,

visto não ter com que sustente a sua familia; nada me parece mais razoavel; mas que solicite o pesado cargo de Juiz de Paz, como modo de vida; he o que eu não esperava ouvir de hum cidadão, que se diz tão Patriota. Os cahidos desse emprego são cidadãos diminutos, e insignificantes, que por esta parte melhor he ser Meirinho, do que Juiz de Paz.

*Cosme.*

Como está Vm. enganado! O cargo de Juiz de Paz na mão de quem o sabe aproveitar he huma mina. Quantos não vivem de outra cousa? Quantos, que antes andavaõ roendo as unhas; como Poetas, passando á la grande, até emprestado dinheiro a juros (já sabe, com a e meio por cento ao mez, que he, como Deos manda) depois que empolgá-

rad a varinha de condaõ de Juiz de Paz? Imagina Vm., que pixintas podem cair de hum conciliação bem arranjada? E se hum Juiz de Paz tem a ventura de encontrar fabrica de chanchãa? Nao' fallemos nesses *paços d'Anjos*, que já tenho agoa na bôcca. Isso he mesmo de hum homem desatolar-se do lameiro da pobreza; isso he hum manã celeste, que poucas vezes apparece.

*Damião.*

Bonitas cousas tem Vm. dicto: excellente moral! Boas maxims de justiça! Guapo Liberalismo he o seu! Pelo que lhe acabo de ouvir, quer Vm. ser Juiz de Paz, fallando em bém romance, para furtar á sua vontade.

*Cosme.*

Meu Amigo, esta palavra furtar he muito nua, e de casca durissima. Furtar entende muita gente (e eu vou com as turbas) que só he extorquir o alheio, pondo saca a os peitos, saltiando pelas estradas, abrindo cazas com gazuas, ou arrombando-as de mao' armada: isso muito mau he; se bem que quando o roubo he avultado, he certa a impunidade; porque chega para repartir com o Ministro, que he o primeiro, que janita, com o Escrivão, que tambem chupa sofrivelmente, com o Advogado, que he o mestre das traças para o furto, com o Meirinho, que nao' passa sem a sua gurjeta, com o Procurador, que nao' hade ser taõ andejo de graça, e ainda solta dinheiro para ir laureando o carrinho; mas viver hum homem do seu officio, ter agencias no seu emprego, chama-se por huma expressão mais modesta faser pela vi-

da, e saber chupar os ossos moles, que offerece o cargo. He mister olhar para o genero humano, como elle he de facto, e nao' como devêra ser, que nao' passa de hum sonho. Quasi todos os homens na sociedade vivem furtando huns aos outros: o negociante impurra-gato por lebre, e tem nas facturas hum *talisman*, além do sancto recurso do compromisso, que he huma especie de carta branca para quem quizer ficar-se a seu salvo com o alheio; o Empregadõ de Alfandegas regala se; porque tendo de ordenado 300\$ rs. por sex. mora em huma caza de 200\$ rs. de alugel, anda moi' limpo, e asseado, a sua familia nao' menos, tem meza lauta, e opipara, joga patacões, e méas doblas, como se fossem castanhas, tudo rezultado das suas agencias; até o Frade, que professa pobreza, assim como o rato ermitão de La Fontaine, que por mortificar-se, se desprender-se dos regalos do mundo, vivia dentro d'hum quejo Londrino, até o Frade, se tem a ventura de receber dinheiros do patrimonio commum, e ao mesmo tempo dispende em qual que genero ds compra, enche muito bem o seu balsico: e *Tu autem Domine miserere nobis. Deo gratias*.

Finalmente, meu amigo, na administração da justiça saõ bem poucos os Magistrados, que se contentão com os cahidos licitos. Os Ministros do Governo fazem a grande vindima; e os Juizes de Paz justo he, que caiba ao menos o rabisco.

*Damião.*

Muito tem Vm. distorrido, e tallado bõs tapuças para toda a lalia de gente: mas acha Vm., que ta-

do quanto se faz pelo mundo he bom? Por essas, e outras he, que tudo anda fóra dos seus eixos. Para pôr termo a todos esses males he, que se proclamou a Constituiçãõ; e taõ certo he ser tudo isso muito mau, que sem se corrigirem a venalidade, o patronato, as ladroices nunca poderemos gozar de prosperidade publica. Sem huma Constituiçãõ livre, e adaptada ás nossas circumstancias não podemos ser felizes, e sem bons costumes a melhor Constituiçãõ he letra morta

*Cosme.*

Todas estas theorias são mui' lindas; mas fello *de facto*, e não' de direito. Vm a modo que está n'aldeia, e não vê as cazas? Meu Compadre, eu não vejo por toda a parte, se não empolgadores, huns mais ladinos, e matreiros, outros mais rombos, e sinceros. Qual será no seu parecer a rasão sufficiente de tantas escarapellas, e da mór parte das *rugas*, que tem apparecido no nosso Brasil? (e talvez por todo o mundo.) Tudo bem esquadrinhado vem a dar n'hum jôgo d'empurrões: *sake-te dahl; que eu tambem quero chupar*. Muitos sujeitos conhecemos nós, que erã huns Cutões, rigidos censores de quanto Funcionario Publico há por esse mundo: succede tarrafearem algum emprego? Elos fazendo o mesmo, ou pior, que os outros. Eu comparo o nosso Brasil a aquelle doente de chagas, a quem hum viandante caridoso quiz aliviar das dores, enchoando as moscas, que lhe cobriã as pustulas. Hum mem inconsiderado (disse o enfermo ao seu mesmo benefactor) em vez de me beneficiar, exacerbaste

as minhas dores: essas moscas, que sacodiste, já estavã fartas, e pouco me a ferroavaõ: novas moscas famintas substituirã aquellas, e os meus tormentos serãõ maiores: convinha afastar tudo, que he mosca, e não' tirar humas para dar entrada a outras

*Damiãõ.*

Tem Vm. muita rasão na historietta, que citou, mas nenhuma lhe concedo em querer, que continue a relaxaçãõ de todos; porque muitos são relaxados. Vm. não me nega, que esses furtos, essas chamadas agencias, etc. são cousas pessimas; e mui' prejudiciaes á sociedade: logo he preciso, que sejam corregidas; e emendadas: e por onde ha de começar a reforma? Pelas pedras? Pelos bosques? Pelos brutos? Pelas cousas insensiveis? Não certamente. Deve começar pelos homens. Larguemos todos nós os nossos maos habitos, abrámos mão dos nossos caprichos, reformemos em fim os nossos costumes, que tudo irá bem. O emprego de Juiz de Paz he mais peçado, do que muitos julgaõ: para o exercer dignamente trez virtudes são indispensaveis: prudencia, patriotismo, e inteireza: o homem grosseiro, e assomado a ninguém concilia, antes irrita; o que não ama as Instituições livres da sua Patria não pode interessar-se por ella; o homem venal em fim não he capaz de administrar a justiça. Fugamos, meu amigo, fugamos de eleger para taes empregos trez classes de individuos; os malandrinos, celotinas, e patriotas de lingua; os primeiros por laçapios, os segundos porque não querem, se não captivoiro, e os tercei-

ros, porque são hypocritas.

*Cosme.*

Visto isso he precisa jõeirar muito para encontrar Empregados dignos. Meu Compadre, eu ainda estou pela minha: em quanto venta, dizem os pescadores do alto, molhemos a vella da jangadiuha. Quem não furta não enriquece; e o tempo está para *toma lá, dá cá*. Chegue-se ao rego, meu amigo; deixe essas austeridades para os livros; aproveitemos a iponção; em fim quero fallar-lhe com franqueza, que aqui ninguém nos ouve: faça Vm. com que eu sahia Juiz de Paz, que eu lhe prometto arrannjar muitos votos para que Vm. seja Deputado: quem assim falla não he gago, nem tem papas na lingua. De todos os velhos adagios não há hum, que mais me dê no gôto, do que o hem sabido = *Aude eu quente, ria se a gente.*

*Damião.*

Eu não extranho, que Vm. deseje ser Juiz de Paz com o sempre louvavel fim de servir a Patria, o que não levo a bem he, que Vm. busque hum emprego de tão poucas ensanchas, como para modo de vida. Quanto a saber eu Deputado, não me considero indigno de tão alto emprego; e por isso não duvido, que se lembrem de mim.

*Cosme.*

Compadre, eu já me contento com Suplente de Juiz de Paz; porque se não poder chupar sempre, posso dar meu chupinho de vez em quando, e irei vivendo. Eu conheço Juizes de Paz, e Suplente muito honrados, e capazes; mas disso mädaráo ao açougue, e mais ás tavernas. Esses homens são sanctos; mas Sanctos Mar-

tyres, e eu não me sinto com forças para tanto. O mesmo honroso lugar de Deputado tem sido para muitos hum bom arranjo de vida. Sujeito há, que antes de pilhar a nomeação de Deputado, he huma maripoza, gira por todas as companhias; papa-guêa em Politica, que abyssina, promette reformar ate o Padre Nosso; por ser muito antiga; mas em chegando á Assembléa, que he onde devera fallar, reclamar, etc., faz-se moita, emudece; e os 6,500 rs. diarios correndo-lhe para a algibeira. Dizem, que alguns destes são bons votadores: não sei; o que posso afirmar he, que são Deputados de perspectiv. Há muita gente, que vive de expertas. Hum sabe fingir-se liberal, e com isto facilmente apanha os votos nas eleições; outro, quando os columnas davao as cartas, adulava os, aplaudia-os, ja passando muito bem com elles, ou á sombra delles; mas assim que estes foráo a baixo, elle muito patriota, liberal da primeira ordem, em fim verdadeiro morcego, com os ratos rato, com as aves ave: assim he que he saber viver.

*Damião.*

E Vm. já tem ouvido fallar, quees são os sujeitos, que andáo em maior numero de listas para Deputados?

*Cosme.*

Listas, meu bom amigo, ainda não vi; porém sei, que anda tudo em bolandas, que fervem as cartas para o mato; porque esda hum só quer candidatos do seu partido: os inimigos da Federaçáo não são os que trabalháo menos para encher a Deputaçáo de gente da sua confiança, e ben, que em alguns não há muito que far; porque em chegando á Corte, muitas vezes sopra lhes outro vento, e mudáo de ritmo. Meu Compadre, quem poder pesque; que o tempo não está para menos. Amor de Patria, interesse publico, isso são virtudes de poncos, quasi todas cuidáo no venha a nós. Agora tem de formar-se na nossa Academia não menos de 43 Moços; por ora dáo muito honjeiras esperanças; mas quem sabe, se para o futuro sahiráo do meio delles outros Pantojas, etc. etc.? Meu amigo, sabe, que mais, vamos tambem caballar. Eu veno agarrar-lhe votos para Deputado; Vm. não se esqueça de me arrannjar o Juizado de Paz: já tenho a mira nas tomadias dos negros ovros, que isso he *brinquilha* de dar caniza; tam ben quero tirar o pé do lodo. A Deus: o dicto dicto. *Pernambuco; na Typ. Fidedigna.*

## TEMAS

### *Per accidens político?*

A política se apresenta como campo de interesse da maior parte dos que lançaram mão da sátira. Segundo Hodgart, para que a sátira política aconteça é necessário que haja certa liberdade, ou seja, ela não “floresce” sob governos tiranos, uma vez que estes são intolerantes à crítica e consideram-na subversiva à ordem e à moral. Além disso, ela também precisa do ambiente das grandes cidades e de certa sofisticação política e estética. Para que a sátira política atinja seus objetivos, tanto o satírico quanto seu público devem estar a par do processo político que vivenciam; e o satírico deve ser capaz de contemplar a cena política com humor e com uma boa dose de paixão. Caso contrário, sua produção não passará de mera opinião.

A política sempre foi alvo de textos satíricos. Hodgart destaca dois movimentos que foram de extrema importância para a literatura e para a sátira política: o Renascimento e a Reforma. Para a sátira política, alguns aspectos desses movimentos foram fundamentais, como o humanismo e as guerras religiosas. Por humanismo, Hodgart entende o ressurgimento dos estudos clássicos e o consequente objetivo de imitar a literatura grega e latina. A Reforma, que se expandiu graças à palavra impressa, foi defendida por fervorosos panfletários que lançavam mão, em seus escritos, de uma sátira marcada pela grosseria. Segundo Hodgart:

La sátira política requiere unas condiciones especiales para que aparezca con vigor: en primer lugar, un cierto grado de libertad de palabra, bien se consiga intencionalmente, como en Grecia e Inglaterra, bien por ineficacia del poder, como en la Francia de finales del siglo XVIII o incluso en la Rusia zarista. En segundo lugar, debe haber una disposición general de las clases educadas para intervenir en los asuntos políticos; esta necesidad no implica la existencia de una democracia, pero sí significa la difusión de las ideas democráticas. En tercer lugar, debe haber cierta confianza por parte de los escritores en que pueden influir realmente en la dirección de los asuntos; y, finalmente, debe

haber un público numeroso que sepa disfrutar con el ingenio, la imaginación y los valores literarios, y que esté lo bastante preparado como para apreciar que se apliquen a temas serios.<sup>163</sup>

Logo no cabeçalho de *O Carapuceiro* encontramos a afirmação de que a política não seria o assunto principal de suas páginas, ou seja, quando ela aparecesse, seria apenas por acidente. Porém, o que podemos notar ao lermos os quatorze anos de publicação do periódico é que a política foi assunto privilegiado. A idéia de que a política apareceria acidentalmente expressa, talvez, uma das mais importantes ironias contidas em *O Carapuceiro*.

Os debates políticos, bastante comuns na imprensa brasileira oitocentista, tomaram conta de vários números de *O Carapuceiro*, sendo, muitas vezes, tratados através da sátira. Essa foi uma característica de vários periódicos que circularam durante a primeira metade do século XIX, de modo que esses periódicos se constituem em preciosas fontes de informação acerca dos acontecimentos políticos daquela época.

No processo de Independência, a imprensa desempenhou um papel extremamente importante em meio ao clima de efervescência política. Houve uma multiplicação considerável no número de periódicos e de panfletos de cunho político-doutrinário, o que causou um cenário de conflitos polêmicos estabelecidos entre eles próprios. Contribuiu para este acontecimento a relativa liberdade de imprensa decretada em 1821 e a criação de diversas tipografias além da Impressão Régia, instalada no Rio de Janeiro. Ao lado dos panfletos, vários periódicos foram responsáveis pela divulgação e pela vulgarização de idéias liberais:

Para tanto, apresentavam-se sob as mais diversas formas didáticas do discurso político, como cartas, diálogos, versos, hinos, catecismos e orações políticas, buscando atingir, por meio de tais técnicas facilitadoras da oralidade, um público que ia além do letrado.<sup>164</sup>

---

<sup>163</sup> HODGART, 1969, p. 77.

<sup>164</sup> BASILE, 1990, p. 216.

Isabel Lustosa, em seu livro *Insultos Impressos: a guerra dos jornalistas na independência (1821-1823)*, analisa o papel da imprensa durante o processo de independência do Brasil, período considerado por ela como “laboratório onde tiveram lugar embrionárias e imprevisíveis formas de competição política”<sup>165</sup>. A autora aponta três acontecimentos que fizeram com que os debates realizados na imprensa brasileira nesse período alcançassem momentos de violência: a instabilidade e a indefinição política, a democratização das máquinas impressoras e o fato de que aspectos da vida privada da elite brasileira foram colocados, a partir da palavra impressa, no espaço público. Acreditamos que esses fatores, assim como a violência conseqüente deles, se estenderam durante todo o período em que *O Carapuceiro* foi publicado, o que pode ser explicado pelo fato de que o século XIX foi um dos mais conturbados da história do Brasil.

Durante todo o século XIX a imprensa brasileira participou ativamente dos debates políticos, com o intuito de buscar uma definição para o período conturbado pelo qual passava a nação brasileira. Isso acabou gerando um ambiente propício para as grandes polêmicas em torno desse assunto, e a imprensa se tornou o principal suporte dessas discussões. A maioria dos periódicos impressos, durante esse momento, eram de cunho político, abrigando fervorosas disputas de opinião e fazendo o papel que os textos satíricos sempre tiveram, desde suas origens. Antonio Candido, em *Formação da Literatura Brasileira* define a sátira escrita há duzentos anos atrás a partir de seu objetivo moralizador que, segundo ele, muito se aproximava do que veio a ser o jornalismo. Sobre os poemas satíricos que ele analisa, escritos no Brasil durante o século XVII, ele afirma que assim como a imprensa moderna, eles possuíam uma atitude crítica e tinham como objetivo orientar e corrigir<sup>166</sup>. A intenção de educar e ilustrar a população por meio do jornal vem da influência exercida pelos enciclopedistas e está presente nos periódicos surgidos durante o período da Independência.

---

<sup>165</sup> LUSTOSA, 2000, p. 16.

<sup>166</sup> Cf. CANDIDO, 2006, p. 161-162.

Acreditava-se que era preciso educar para que a sociedade fosse capaz de construir uma vida política justa e eficiente. Os jornalistas cumpriam o papel de divulgar aquilo que não era possível por meio dos livros, já que não havia condições favoráveis à sua circulação.

Outra característica comum desses impressos foi o uso de pseudônimos e de iniciais do nome, o que revelava uma maneira de garantir a liberdade de expressão, uma vez que esta ainda não estava totalmente garantida. O anonimato oferecia condições propícias para que os escritores pudessem apresentar a ousadia que precisavam para defender suas idéias.

Foi a partir da Independência que houve uma transformação na linguagem dos periódicos, que passaram a adotar um estilo mais agressivo. O anonimato também ajudava nesse sentido, uma vez que dava mais liberdade para que a violência da linguagem aflorasse:

Surgem as folhas dos que pretendem influir sobre a opinião do príncipe, do ministério, da elite, do povo. A cada público e a cada redator, o estilo correspondente (...) Erguiam-se e confundiam-se as vozes dos intelectuais, dos políticos envolvidos diretamente com o modelo político que se estava superando, dos liberais exaltados, maçons ou não, com a dos aventureiros de ocasião, dos arrivistas e dos que apenas se aproveitavam daquelas agitadas circunstâncias para se lançar na recém-criada profissão de jornalista.<sup>167</sup>

Após a proclamação da Independência, a imprensa se torna um dos principais palcos da divergência entre as elites que participaram do processo. O novo imperador se identificava mais com a tendência conservadora de José Bonifácio, por isso adotou uma série de medidas repressivas para conter idéias liberais republicanas, como a suspensão de vários periódicos e a expulsão do país de seus redatores, dando ao governo um caráter autoritário.

Vários outros fatores agravaram ainda mais a crise pela qual passava o governo de D. Pedro. Muitos deles ligados ao interesse que o Imperador demonstrava pelos problemas vividos por Portugal em decorrência da morte de D. João VI. Ainda assim, D. Pedro recebia apoio de alguns integrantes da elite brasileira, o que pode ser demonstrado através da

---

<sup>167</sup> LUSTOSA, 2000, p. 26.

existência de sociedades secretas como a das Colunas do Trono e do Altar, caracterizada pelo conservadorismo e forte oposição liberal. Porém, mesmo com demonstrações de apoio, o governo de D. Pedro estava tomado pela crise, no que diz respeito aos aspectos político e econômico.

A imprensa, mais uma vez cumpre importante papel através dos debates que promovia acerca dos problemas enfrentados pelo Brasil, tornando-se um valioso agente político nos últimos anos do Primeiro Reinado, juntamente com a Câmara dos Deputados, responsável por uma intensa fiscalização dos atos do Governo:

A Imprensa, por sua vez, enquanto principal instrumento informal de ação política, fazia eco e muitas vezes ia bem mais além em relação às críticas ao Governo feitas pela Câmara. Profundamente afetados pelas perseguições políticas que se seguiram à Independência e à dissolução da Assembléia Constituinte, os jornais ganharam um vigor renovado com a inauguração da primeira legislatura, proliferando em centros onde já existiam antes da Independência, como Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará, e surgindo, a partir de então, em Minas Gerais (1823), Ceará (1824), em São Paulo (1827), no Rio Grande do Sul (1827) e em Goiás (1830). Todos os problemas políticos do país foram abertamente expostos e discutidos pelos jornais liberais da época.<sup>168</sup>

Os movimentos de insubordinação a D. Pedro ficavam cada vez mais constantes e fortes, principalmente na corte. Em 7 de abril de 1831, em meio a um clima de revolta e muita pressão, D. Pedro resolve abdicar do trono em favor de seu filho, Pedro de Alcântara, que então possuía 5 anos de idade. Dessa maneira, deputados e senadores, que estavam na corte naquela ocasião, nomearam extraordinariamente uma Regência Trina Provisória, que era composta por Francisco de Lima e Silva, general; Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, senador e José Joaquim Carneiro de Campos, ex-ministro da Justiça. Dos dois grandes grupos políticos que participaram da “Revolução de Sete de Abril”, os liberais exaltados (farroupilhas) e os liberais moderados (chimangos), a composição do governo alinhou-se com estes últimos. Em 17 de junho, a Assembléia Geral convocou a eleição para compor a

---

<sup>168</sup> BASILE, 1990, p. 218.

Regência Trina Permanente, de que fizeram parte Lima e Silva e os deputados João Bráulio Muniz e José da Costa Carvalho, além do padre e deputado Diogo Antonio Feijó, nomeado Ministro da Justiça em 6 de julho.

As diferenças político-ideológicas entre os exaltados e os moderados baseavam-se em questões polêmicas, o que explica a existência de divergências internas em cada um dos grupos. Entre os exaltados, existiam aqueles que não concordavam com todas as propostas de seu grupo, do mesmo modo que isso também acontecia entre os moderados. Um terceiro grupo político aparece nesse meio tempo: os “restauradores” ou “caramurus”, que se destacavam por condenar o 7 de abril e a Regência moderada, além de defenderem a monarquia totalmente centralizada na figura do rei e a inviolabilidade da Constituição. Em alguns casos, os caramurus chegavam a defender a restauração de Dom Pedro I.

Mais uma vez os grupos políticos fizeram da imprensa uma poderosa aliada as suas ações. O número de jornais se multiplicou bastante durante esse período:

Neste contexto de disputas políticas tão acirradas, cada facção procurava, por intermédio de seus periódicos, atacar e desmoralizar seus adversários e, ao mesmo tempo, formar também uma opinião pública afinada com seus ideais, a qual lhes desse apoio e legitimasse as suas idéias, práticas e aspirações políticas.<sup>169</sup>

O combate na imprensa era reflexo do que acontecia no país. Os primeiros anos de Regência foram marcados por um grande número de revoltas, promovidas tanto pelos exaltados quanto pelos restauradores, sendo em menor quantidade as deste último grupo. É em meio a esse clima efervescente que surgiu *O Carapuceiro*, em 7 de abril de 1832. Vale a pena destacar, dentre as revoltas dos restauradores, a Guerra dos Cabanos, que aconteceu na zona da mata pernambucana e no norte de Alagoas, e teve duração no período de 1832 a 1835,

---

<sup>169</sup> BASILE, 1990, p. 223.

e que teve destaque nas páginas do periódico pernambucano. Segundo o historiador Marcelo Basile, a Guerra dos Cabanos:

Foi a primeira rebelião de âmbito rural e a de maior impacto e duração até então. Dela participaram pequenos proprietários de terras, camponeses, índios, escravos e senhores de engenho, contando, ainda, com o apoio de comerciantes portugueses de Recife e de políticos “restauradores” da Corte (...) Lutavam pela restauração de D. Pedro I e pela defesa da religião católica, que eles acreditavam estar ameaçada pelos ‘carbonários jacobinos’. Empreenderam durante três anos uma guerrilha nas matas da região, sendo afinal derrotados (...) pelas tropas a serviço de Paes de Andrade, que fora líder da Confederação do Equador e era agora presidente da província de Pernambuco.<sup>170</sup>

*O Carapuceiro* teve a política como assunto central em suas páginas, pela primeira vez, no dia 28 de abril de 1832, ou seja, no terceiro número de vida do periódico.

A pesar de ter dedicado este meu pequeno Periódico tão somente à Moral; todavia como disse, que per accidens tractaria alguma cousa de Política, não devo passar por alto o horrível atentado da facção mais insolente, que tem apparecido no Brazil, quero dizer; a rebelião dos ingrattissimos columnas. A generosidade mal assente do Governo, a desassissada tolerancia dos liberaes não foram capazes de desarmar o ódio desses perversos escravos à Sagrada Causa da Liberdade do Brazil. Inimigos desta no tempo do poderio do Despota, que felizmente deixou-nos, conjurados para volver-nos ao jugo do absolutismo Portuguez, a queda do Tyranno, o desbarato de suas tentativas não foram bastantes a quebrantar-lhes os animos, e por fiosos continuarão em seus planos infernaes.<sup>171</sup>

Nesse número, Lopes Gama inicia uma série de críticas que fará ao longo de todo o período de publicação do periódico, todas elas voltadas contra os movimentos que pregavam a restauração da monarquia absolutista no Brasil. A Guerra dos Cabanos, assim como todas as revoltas de cunho absolutista que surgiram em Pernambuco durante esse período, foi duramente combatida por Lopes Gama, que muitas vezes exigiu a punição de seus comandantes. Várias dessas revoltas foram comandadas por pessoas ligadas à sociedade secreta “Colunas do Trono e do Altar”, que aparece em *O Carapuceiro* logo em seu terceiro

---

<sup>170</sup> BASILE, 1990, p. 224.

<sup>171</sup> *O Carapuceiro*, número 3 (28/4/1832), p. 6.

número. No caso desse exemplar, Lopes Gama noticia uma pequena revolta em prol do absolutismo que surgiu em Pernambuco no dia 14 de abril daquele ano. Em seguida, no dia 29 de setembro, *O Carapuceiro* traz um artigo desmentindo os comentários, que circulavam na província, de que estava sendo preparada, em todo o Brasil, a volta de D. Pedro I. O padre carapuceiro expressa sua preocupação, afirmando que por mais que os comentários fossem boatos para “angariar” simpatizantes para a causa restauradora, era preciso cuidado, uma vez que a revolta de abril também havia sido antecipada por boatos. O interessante desse exemplar é que, nele, Lopes Gama declara abertamente que fará oposição aos caramurus, se essa expressão estivesse sendo usada para designar os partidários da restauração. Essa declaração vinha por causa de acusações de que ele era um caramuru, uma vez que também criticava a Regência. Por mais que o pensamento de Lopes Gama em relação às análises políticas feitas por ele naquele momento tenha sido considerado obscuro no que se refere às suas “preferências”, podemos observar que houve coerência em sua oposição ao absolutismo e à implantação do regime republicano, considerado por ele avançado demais para um país que estava longe da civilização, como o Brasil:

Se Caramurú quer dizer partidista de D. Pedro I<sup>o</sup>, promotor da restauração, etc. etc. declaro perante o céu, e a terra, que não só não pertença a esse despropozitada cabilda como que lhe farei em meus escriptos a mais implacável oppozição, em quanto possuir hum tinteiro, huma penna, e hum pedaço de papel. Promover a reenthronização de D. Pedrohe não ter juizo, e desejar a desgraça geral de sua Nação; por que certamente esse Principe não pode assenhorear outra vez o Imperio, se não à custa de rios de sangue, e só assentará o seu throno, sempre vacilante, sobre um montão de cadaveres. Se ser Caramurú porém he não ser adulator da Regencia, e da actual Administração; se ser Caramurú he fazer aos erros, e malversações do Governo aquella opposição legal, que entra na essencia do Regimen Representativo; neste unico sentido confesso que sou Caramurú, e honro muito o ser; porque se já foi grande virtude faser frente à sanguinolenta Administração de D. Pedro; não sei, como seja crime oppor-se a os erros, e defeitos da Regencia; porque o mal he sempre mal donde vier. Não sou dos que pregão a insurreição; pelo contrario tenho sido incansavel em suadir os procedimentos legaes: respeito muito a Regencia; mas não a julgo impeccavel, ou Divinamente inspirada, em fim, não a adulo; por que a nada aspiro.<sup>172</sup>

---

<sup>172</sup> *O Carapuceiro*, número 19 (29/8/1832), p. 74-75.

Dessa maneira, o padre carapuceiro demonstra a sua moderação no que dizia respeito ao uso da força armada para defender quaisquer ideais políticos. Além disso, ele inicia a sua crítica contra aqueles que se deixavam levar apenas pelos interesses, ficando do lado dos absolutistas ou dos liberais, dependendo do que os convinha. Para ele, a maioria dos liberais padecia desse mal, juntamente com aqueles que desejavam a implantação da República no Brasil. Em um artigo dedicado a condenar o egoísmo, o padre carapuceiro aproveita para colocar essa carapuça naqueles que agiam apenas em prol de seus interesses, independente do sistema político vigente. Para Lopes Gama, esses eram os famosos e lastimáveis “duas-caras”, que em outros artigos chegaram a ser comparados com o maior dos traidores, Judas:

Do egoismo nascem esses manejos infames, com que muitos servem a dous partidos oppostos nas comoções politicas do Estado. He o egoismo, que move, e dirige a aquelles, que com os absolutistas he hum adorador de D. Pedro, e com os Liberaes, dizem desse Duque o que Mafoma não disse do toucinho; he o egoismo em fim a causa primaria de não termos colhido os fructos, que deveramos esperar da nossa Constituição. Já não falo dos absolutistas; por que isso he uma laia de gente (...) <sup>173</sup> que não vê hum palmo adiante do nariz, ou tão velhaca, e matreira, que bota à barra adiante de todos os egoistas, e o mais he, que se são infames por huma parte, por outra não os podemos chamar tollos; antes muito ladinos, e grandemente seguros. Sim o absolutista esperto faz esse raciocinio ouço, mais, ou menos – Se a (...) <sup>174</sup> causa for de baixo, nenhum mar d’ahi me leva; até (...) <sup>175</sup> o officio perco; e se for de cima, serei hum dos grandes – Bom he o jogo em que as sortes são vantajosissimas, e os azares não dão prejuizo. D’onde estou quesi em dizer, que para hum homem arranjar a vida não há nada, como ser columna. Mas entre os mesmos, que se dizem muito liberaes, quaes são os que em todos os seus passos não tem em mira o proprio interesse com exclusão do da Patria, e de tais, quantos há? Liberaes papagueadores, pallavrosos discursistas mais, ou menos sagazes não faltão por esse mundo de meu Deos; mas verdadeiros Liberaes, isto he; homens, que ponhão o bem em seu Paiz à cima de todas as considerações, homens, que se sacrificuem pela liberdade muitas vezes sem outra esperança de premio, se não a gloria de haver feito huma acção digna; isso he fructa rarissima, que mui poucas vezes apparece. <sup>176</sup>

---

<sup>173</sup> Ilegível.

<sup>174</sup> Ilegível.

<sup>175</sup> Ilegível.

<sup>176</sup> *O Carapuceiro*, número 14 (28/7/1832), p. 55.

Uma das principais divergências do padre carapuceiro em relação aos “colunas” era o envolvimento dos padres com essa sociedade. Lopes Gama acreditava na validade do envolvimento da Igreja com a política, mas condenava aqueles que usavam a religião para justificar a escolha de sistemas políticos. Assim resumia o padre carapuceiro a relação que o “altar” estabelecia com o “trono”, afirmando, depois, que nunca havia conseguido achar em nenhum testamento das “santas escrituras” nada que provasse a predileção da Divindade pela Realeza:

Mas esse ajujo de Altar, e Throno, essa intimidade entre cousas tão diferentes por sua natureza foi invento dos Padres velhacos, e impostores, que procurando sustentar o seu poderio, e locupletar-se dos bens da terra, derao-se as mãos com os Despotas para se ajudarem reciprocamente, trazendo sempre os Povos illudidos, e de baixo do seu absurdo dominio. Parece que os Padres falaraão a os Tyranos, nesta sustancia. – Os Povos, ó Reis, não vos obedecerão cegamente, em quanto não forem persuadidos de que a vossa jurisdição tem tudo de Divina, e nada dependente da sua vontade. Soccorramo-nos pois huns a os outros, e assentemos o edificio do nosso poder sobre a credulidade dos homens. Nós os imbairemos pelo maravilhoso, cujo imperio baseado no dilatadissimo campo da imaginação he muito poderoso, do que o da tardia rasai: nós iremos a o Ceo, e de lá derivaremos a vossa jurisdição, como cousa emanada do seio da Divindade. Torceremos a nosso geito os textos dos Livros Santos; dar-lhes-hemos as interpretações, que nos convierem; e quantos se oppozerem à nossa doutrina serão por nós desacreditados de ímpios, libertinos, e pedreiros livres, inimigos de Deos, e dos homens: cazemos o throno com o altar: todo o que tocar no primeiro, seja anathemizado pelo segundo. Concluido este pacto, fazei o que quizerdes; que nós tudo auctorizaremos com elogios, com lisonjas, com fingidos milagres; mas he preciso tãoobem, que vós da vossa parte nos ajudeis a viver do suor dos Povos; que nos deis terras para conventos, onde vivão occiosa, e regaladamente as milicias da Curia Romana. Que nos concedaes pingues Abbadias, ricas Prebendas, que sejam em fim faustosos, e ricos os Ministros, e Lugares Tenentes d’Aquelle, que dizia, que *o seu Reino não era deste mundo*; que nasceo em hum pobre prezepio, que nunca teve onde encostar a cabeça. – Tacito, ou expresso tal foi o contracto estabelecido por todo o mundo entre o Sacerdocio, e o Throno.<sup>177</sup>

Podemos observar, em meio à discussão sobre qual deveria ser o melhor sistema político a ser adotado no Brasil, bem como sobre os interesses que moviam a maioria daqueles que se interessavam ou participavam ativamente da vida política do país, a

---

<sup>177</sup> *O Carapuceiro*, número 37 (30/1/1833), p. 145-146.

preocupação de Lopes Gama em relação ao nacionalismo. Esse tema, bastante discutido no Brasil oitocentista, aparece em *O Carapuceiro*, além de nos momentos em que ele demonstra sua preocupação com a educação e a civilidade dos brasileiros, através de críticas ao falso patriotismo daqueles que defendiam, na verdade, os interesses próprios; através da exaltação das qualidades do país; e em demonstrações de sentimentos de aversão ao estrangeiro, principalmente contra os portugueses.

No número 33, de 13 de setembro de 1834, o padre carapuceiro tece comentários acerca do recente aniversário da independência do Brasil, que possuem um caráter anti-lusitano e trazem uma visão extremamente pessimista acerca de uma possível volta de D. Pedro I ao trono, chegando a incitar os brasileiros à guerra caso ocorresse esse fato:

Todos tem fallado no Grande Dia Anniversario da nossa Gloriosa Independência, e por que não dirá tãoobem sobr'elle alguma cousa o pobre Carapuceiro? Este he sem duvida o maior Dia do Brasil, Dia Memoravel, donde data o nosso Nacionalismo. Antes delle quem poderia dizer, cheio de gloria, e nobre orgulho – *Eu sou Brasileiro?* – Depois delle já somos uma Nação, e Nação Livre; depois delle já pertencemos à Grande Familia Americana. Mas do que servirá o vão titulo da Independencia, se o perfido Bragança chegar a invadir-nos, e dominar o Brazil? Quem he esse D. Pedro? He um Principe todo Luzitano, e hoje até Regente dos Luzitanos. Que gente o rodêa? Os Luzitanos. Que forças pode ter? A dos Luzitanos. He quanto basta. Logo a restauração de D. Pedro he synonyma do predomínio Luzitano no Brazil: isto he claro, he incontestavel, he evidente. E amarà a Independencia o Brasileiro, que não sacrificar a propria vida para embarçar a restauração? Se D. Pedro reempolgar o Throno do Brazil, de quem seremos nós independentes? Dos Portuguezes? Pelo contrario, elles serão outra vez nossos senhores, e senhores ressentidos, sequiosos de vinganças. Esses mesmos filhos do Brazil, tão desvergonhosos, e infames, que desejão, e promovem o regresso desse Principe, nosso implacavel inimigo, servirão de degraus para a gloria, e elevação dos Portuguezes ao mesmo passo que por estes serão sempre olhados com o desprezo devido a os perjuros, e traidores. Forão brilhantes, e pomposos os Festejos da nossa Independencia: porém cumpre, que quantos celebrarão tão faustoso Dia, estejam dispostos a repellir com todas as suas forças qualquer tentativa do Tyranno Bragança. Nenhuma contemplação com este monstro, que huma vez atraioou-nos, e ainda pretende subjugar-nos. *Guerra, Brasileiros, guerra de morte a o Duque de Bragança, e a todos os seus perversos seguidores, se elle atrever-se a por o sacrílego pé em qualquer parte da terra da Santa Cruz.*<sup>178</sup>

---

<sup>178</sup> *O Carapuceiro*, número 33 (13/9/1834), p. 4.

Esse trecho ilustra um raro momento em que Lopes Gama demonstra ser a favor de uma luta armada, se fosse preciso, para impedir a restauração do trono de D. Pedro I no Brasil.

A crítica do padre carapuceiro àqueles que defendiam a volta da monarquia absolutista, no entanto, não lançou mão apenas do tom sério, por mais sério que esse assunto pudesse ser. Em diversos momentos de *O Carapuceiro* encontramos anedotas que eram colocadas no final dos artigos, para fechar “com chave de ouro” os comentários que ele havia feito ao longo do número em questão. Além das anedotas que geralmente completavam os artigos sobre política, satirizando, sobretudo, a figura daqueles que detinham o poder, como deputados e juízes, muitos números trouxeram diálogos satíricos que tinham como tema principal a restauração. Um exemplo disso é o “Dialogo entre D. Cogumelo, e D. Impofia, ambos columnas, caramurús, restauradores, ou cabanos, que tudo he la meme chose”, publicado no dia 15 de fevereiro de 1834.



# O CARAPUCEIRO

PERIÓDICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO

Hinc servare morum nostri novere libelli  
Percere personis, dicere de vitiis.  
Marcial. liv. 10. Epist. 33.

Guardaroi n'esta Polha as regras Lhas,  
Que'he dos vicios fallar; não das pessoas.

PERNAMBUCO NA TYPOGRAFIA FINEPIGNA DE J. N. DE MEMO.

Dialogo entre D.º Cogumelos, e D.º Impofia, ambos colamns, carapuceiros, restauradores, ou cabanos, que tudo he la meme chose.

*D. Impofid.*

Gratão he a nossa infelicidade, meu amigo. Todos os nossos projectos se malagrad, todos os nossos traças se descobrem, e cada vez mais se nos difficulta a nossa querida restauraçã. A imprudencia de alguns dos nossos he-nos a causa, e aquetã capta do Roma eitou-nos a perder inteiramente.

*D. C. gumelo.*

Eu bem disse por muitas vezes, q' não convialha admittir no nosso gremio tantos farroupilhas, e gente de canicalha. Poudes, e muito escolhidos, foi sempre o meu voto na So-

cidade Militar da Corte, como sabes. O negocio da restauraçã de pertencer exclusivamente a nós Fidalgos; e apenas devemos admittir ena rosso seio para testas de ferro alguns do miçalho muito escolhidos, e Portuguezes, quantos quizerem. Nós a final de contas nos descartaremos de todos elles.

*Imp.*

Certamente que de nós a essa gente mecanica va humã distancia infinita. Nós temos o fóro grande, que he humã papeleta prodigiosa, que supre riquezas, probidade, e até o saber. Sim que importa, que pela mór parte sejamos ignorantes, pobres, e mal educados, se o nosso sangue he furta-cores, e se endemos de humã fôrças muito illustres, que para cá nos vidoã degredados, huã

por espertezas, que fizeram das L. tropicas, outros por caloteiros, outros até por mortes, etc. etc.?

*Cog.*

He verdade, que a Fidalguia Portugueza tem-nos por palhaços da Aristocracia; he verdade, q' não há no Brazil familia fidalga, em a qual não se mostrem muitos individuos miseraveis, almocreves, e até mendigos; mudo isto he bagatella; por que hum nobre destes ainda em camiza, e ceroulas, de peitos vermelhos, canellas alatoadas, carguejando por essas estradas he muito mais digno de respeito, do que toda essa farrupaalhada, que apenas descende de A. da, e Eva, que eraõ huns pobres velhtras.

*Imp.*

Não se pode negar, que por infelicidade nossa a Fidalguia do Brazil já está tão mesclada, e confundida com a infima plebe, que isso de purezas de sangue, e sangue afdalgado he como a presumção, e agoa benta, que cada qual toma a que lhe parece: mas sempre he certo, que nos não devemos confundir com essa gentalha, que não tem fóro. Sim, meu amigo, há cousa melhor, do que hum homem for do? E se tem hum titulo, como por ex. Barão da Manigoba, Visconde de Catolé, ou Marquez de Bobó! Não fallemos nisso; por que se manda ao assougue, vem-lhe a carne de graça; se á taverna, dad-lhe tu lo fiado *in aeterna, et ultra*; até o barbeiro faz-lhe a barba pelo nome de Deos só para ter a honra de apresentar as mãos mecanizadas dos illusterrimos que são de S. Eza.

*Cog.*

Saber, virtudes, se viços nada valia; o que val he ser descendente de huns sujeitos, que se diziaõ muito illustres, e sabe Deos o q' elles foraõ lá por esse Portugal velho, onde ninguém foi tirar-lhes as inquirições. D. Pedro, meu amigo, e só D. Pedro de Bragança poderá saciar a sede aristocratica, que nos devora.

*Imp.*

Certamente sem D. Pedro estamos todos perd' los; sem D. Pedro a nossa impostura vai muito de calhada. Ah! D. Pedro, D. Pedro! Tu reparas habitos, fitinhas, e teté, como confeitos, pelos teus amigos; tu tu davas excogitando na Historia Natural nomes de bichos para os elevar a titulos de Viscondes, e Marquezes; e quam pouco era preciso para os conseguir! Muitas vezes he de me zurar a alguma Messalina, ou se vir de naterra no Paço. L. dentro de Paço, e a rodada de D. Pedro eraõ lufões, bôbos, etc.; mas cá por fóro que Mylords! Que caricaturas de importância! Nada, nada estamos perdidos, se não levamos ao cabo a restauraçã. Custe o que custar, D. Pedro deve tornar ao Brazil para dar a cada hum o que he seu.

*Cog.*

Certamente: mas o diabo he, que os nossos mesquinhos tem' ado tudõ a p' com a suas intrigas, com a sua imprudencia, e sobre tudo por causa da ambiçã. O nosso General *in partibus*, ou General das Massas dizem, queria ser immediatamente Ministro da Guerra; outro pertedia ser logo elevado a General das Massas, etc. etc.

*Imp.*

O maior revólta, que sofremos, foi a suspensão do Tulo, e isso foi hum raio para nós. Elle era o foco da juracão; e muito deveramos espantar da mais illustre de todas as familias possíveis não só da America, se não da Europa, Asia, e vá taõhem a Africa por consomitancia. Tú conheces por acaso a nobilissima prozapia dessa familia? Os mais insignificantes della forão Duques, e Principes de sangue. O millesimo nonagesimo avô dos Srns. Andradas ha quem diga, que foi Codorlahomor Rei da Persia, e que pela estirpe femenina descendem em linha recta da Rainha Sabá. Seu trigesimo avô paterno cortou quinheytos narizes a outros tantos Mouros na batalha de Alcacer-Quibir; e sua quadregesima bisavó deo de mandar ao Rei D. Afonso Henrique, e a Rainha D. Urraca, irmã de seu nonagesimo avô, a qual foi a mãe secca do mesmissimo Terrabraz de Texanaria; e que tudo consta de huma chronica antiquissima, achada nas escavações de Herculanium.

*Cog.*

O pior de tudo, que não sabemos o que tem arrastado pela Europa o nosso Antonio Carlos. Huns dizem, que o Pedro o recebera muito mal (o que não posso crer); outros, que elle está dispondo as cousas o melhor possível; e algũs asseverão, que o mesmo Antonio Carlos, sendo monarcha, e buclada a sua anti honrosa coroa, virou outra vez republicano; escreveo contra o Thimes, reconhecendo a Soberania da canicalha, isto he; do Povo Brasileiro, e que pretende passar-se a Vengza, a fim de trazer hum molde de Republica Aristocrati-

ca para encaxar no Brazil. Entro tanto convém, que não esmoreçamos; e vamos tomando sempre as nossas medidas.

*Imp.*

O golpe, que há pouco sofremos na Corte, foi terrivel. Muita falta notaz o General da Colombia, se bent que, como não era fidalgo, breve cdvinha daemos-lhe o pontapé. Taõ bem he desgraça não podermos contar com todos os Europeos; por que huns já por escarmentados não se que-rem metter em ruzgas, e outros até abraçaraõ a causa dos farrroupilhas. Até das familias illustres (quem tal pensão?) há não poucos individuos empenhados em destruir a os nossos benemeritos cabanos. Tulo está morrendo, tudo nos tem ido de mal a pior. Agora tãõ a nossa esperança deve repouzar nos cabanos. Refinamos todos os nossos esforços para os soccorrer com armas, munições, e mantimentos. Sejamõs sim muito cautelosos, e sagazes nessas remessas; por que agora os malvocos patriotas despertaraõ alguma cousa; porém nada de estriarmos. Quem portã inata causa. Vivaõ os honrados cabanos. Em hora sejaõ farrroupilhas: devemos estimalos; por que nos servem de gratias.

*(Este Dialogo tiverãõ 2 Caramuru, que estãõ em hum botequim jogando o gamão. Nisso entraõ tres, ou quatro Liberdões; e os sujeitinhos começaraõ a blasfemar contra os cabanos, dizemto, que era huma canicalha, que todõ tãõ erecta ser entorrada.)*

**X** O ENTRUDO.

Somos macacos dos Liberdões e Inglezes para lhes arrẽmedarmos o

Juntamente com os comentários acerca da restauração, encontramos nas páginas do periódico pernambucano uma série de polêmicas provocadas, sobretudo, por outros jornais que não compartilhavam com as idéias do padre carapuceiro. Vários números de *O Carapuceiro* expressam a opinião de Lopes Gama acerca dos debates políticos que eram bastante comuns na imprensa brasileira do século XIX. Para ele, não era sua intenção gastar tempo com polêmicas e debates com aqueles que ele considerava “periodiqueiros”, principalmente porque a maioria gostava de destilar ofensas pessoais, o que ele considerava falta de capacidade de argumentação, assim como o uso do anonimato:

O Carapuceiro continuará finalmente, como principiou, isto he, guardando sempre a epigrafe, que tomou, fallando dos vícios, e nunca das pessoas, que lhe servir a carapuça fique-se com ella bem caladinho, e corrija-se, que he o essencial. À vista deste meu inalterável proposito, bem se vê, que serei imperterrito, e indifferente a sarcasmos, e insultos, com que costumão provocar-me inimigos anônimos desde que appareço, e sempre descoberto em o theatro Periodiqueiro. O simples recurso do anônimo bem mostra, que são elles emulos traiçoeiros, que não ousando appresentar-se me de cara descoberta, folgão com o aguado gosto de morder de furto. Não darei palha, porém desprezo a taes praguentos: mas se alguém houver, que censure rasoavel, e urbanamente os meus escriptos, a este sim responderei, como poder, e souber; na mesma linguagem, de maneira que não lhe ficarei restando em materia de decencia e cortezania. Descomposturas não dão, antes tirão a razão, que se possa ter.<sup>179</sup>

Uma das principais polêmicas políticas que encontramos em *O Carapuceiro* dizia respeito à divergência entre Lopes Gama e aqueles que achavam que o sistema republicano seria a solução para os problemas do Brasil. O padre carapuceiro deixou expresso em vários números de seu periódico que, para ele, a República não convinha ao Brasil por causa do estágio de civilização em que este país se encontrava. O problema, para ele, não estava nesse sistema político, e sim nas pessoas que o implantariam e no que poderia acontecer caso ele fosse implantado. Logo no primeiro número de *O Carapuceiro* a tratar *per accidens* de política, encontramos sua opinião acerca da implantação do regime republicano no Brasil. Ele

---

<sup>179</sup> *O Carapuceiro*, número 1 (19/4/1837), p. 4.

acreditava que a República era bem-vinda, mas não naquele momento, por considerar que o país ainda não possuía os requisitos necessários para que ele desse certo. O Brasil precisaria, antes de tudo, fazer uma revolução “não física, mas moral, a fim de que, quando for convincente, estabeleça-se quase por si mesma e entremos todos na grande Família Americana”<sup>180</sup>. Dessa maneira, Lopes Gama reforça a sua preferência pela Monarquia Constitucional, colocando-se como oposição àqueles que defendiam o sistema federativo, como Cipriano Barata, que era o redator da *Sentinela da Liberdade*, periódico com o qual *O Carapuceiro* travou diversas polêmicas. A opinião do padre carapuceiro pode ser observada em “Federação puramente Republicana seria huma desgraça para o Brazil”, número que representa uma resposta ao periódico de Barata:

Quanto mais atento para o Brazil, mais me convenço de que não está preparado para a Republica. Todos reconhecem, que esta turma do Governo, onde o pòvo he tudo, exige, para se manter, que o mesmo povo seja proporcionalmente instruido, e tenha muita morigeração, muito amor a o trabalho, finalmente muitas virtudes. E está por acaso nestas circunstancias a população do Brazil? Os espertalhões interesseiros, e que ardem por pescar em agoas turvas, dizem, que sim (...) Ainda não mettendo em restea os habitos Monarchicos, contrahidos por tantos seculos, e consequentemente difficilimos de despojar, eu espraio as vistas por todo o Brasil, olho para a massa geral, e pergunto – Onde estão entre nós essas virtudes, indispensaveis para manter-se estável, e feliz hum Governo todo popular – Confesso, que não as vejo, se não salpicadas aqui, e ali em grandes distancias (...) O que observo pelo contrario he uma ambição insaciavel de riqueza, e poderio, huma venalidade quazi geral, huma vergonhosa corrupção em todas as classes da sociedade. E querem nossos Republicueiros, que a palavra *Republica* tenha algum feitiço, ou virtude mágica, que faça converter em illustrada, e virtuosa huma população ignorante, e corrompida? Se reflito sobre a classe pobre, vejo-a inimiga do trabalho, vejo a Agricultura quazi em abandono em um paiz alias tão fértil, e abundoso. Basta, que qualquer camponez possua um triste escravo para entregar-se ao ocio, tirando, ou estorquindo do infeliz, e à força de serviços, a minguada, e misera existencia. A classe abastada ordinariamente vive no luxo, e nos regalos, aspirando ao mando absoluto, assim como aquelles que só tem a mira nos empregos lucrativos, donde contão locupletar-se, e hobrear com os ricos. Além disto, a Aristocracia entre nós começa des d’o mendigo, e vai até o mais poderoso proprietario (...) Aonde pois, torno a perguntar aonde está entre nós essa população sufficientemente intruida, morigerada, e com as virtudes religiosas, e civicas indispensaveis em hum regimen (...) <sup>181</sup> Republicano? Longe de nos mentirosas lizonjarias. Confesso, que não vejo

---

<sup>180</sup> *O Carapuceiro*, número 3 (28/4/1832), p. 12.

<sup>181</sup> Ilegível.

taes virtudes: pelo revez o que observo he em todas as classes, gerarquias, estados, e profissoes hum grandissimo numero de empostores, de velhacos, de tractantes, de ambiciosos, e desafortadamente despoticos, assim que empolção o mais simples lugar de mando (...) Se a futura geração tiver os preciosos elementos para a Republica, ella apparecerá por si mesma segundo a marcha da Natureza, que nunca obra de salto.<sup>182</sup>

Não só de maneira séria Lopes Gama falou sobre a inconveniência da República no Brasil. *O Carapuceiro* demonstra sua veia satírica várias vezes depois de tratar do assunto seriamente, como podemos observar no número 2 de dezembro de 1837, em artigo intitulado “Republica de Piratinin”, em que Lopes Gama comenta sobre a república instaurada no Rio Grande do Sul após a Guerra dos Farrapos. O padre carapuceiro afirma que aqueles que defendiam a República tinham sempre na boca a palavra “igualdade”, mas na verdade queriam a igualdade somente em relação aos que estavam em uma classe mais elevada que eles. Os que pertenciam a classes inferiores somente eram lembrados na hora das revoluções. Assim que esses “republicueiros” conseguissem o que almejavam, esqueciam-se daqueles que pertenciam às classes inferiores. Dando como exemplo a república farroupilha, o padre carapuceiro chama os rebeldes de demagogos, e finaliza o artigo com o soneto “Republica dos Polypos em figura humana, andando em dous pés com privilegios dos frangos”:

#### SONETO

Os meninos d’escola quinta-feira,  
E Domingo na rua se ajuntavão;  
E n’hum forte d’area, que formavão,  
Punhão por pavilhão palha d’esteira:  
Fingindo-lhe ao redor cava, e trincheira,  
Taquari, como peças, lhe montavão,  
E em bexiga de boi thambor tocavão,  
Gastando neste brinco a tarde inteira.  
Hum sendo Capitão, outro Sargento,  
Canudo de mamão sopra o trombeta  
E à noite a pés desfaz-se o grato invento.  
Assim gente com barba, e que he pateta  
N’hum feriado giza sobre o vento  
A puril Republica de peta.<sup>183</sup>

<sup>182</sup> *O Carapuceiro*, número 29 (16/8/1834), p. 1-3.

<sup>183</sup> *O Carapuceiro*, número 66 (2/12/1837), p. 4

Assim, pudemos observar de que maneira a sátira política tomou conta de *O Carapuceiro* não somente *per accidens*. Fica claro, então, que por mais que o padre carapuceiro fosse julgado por seus opositores como “em cima do muro”, ou como disse frei Caneca, que ele não tinha coragem de assumir uma posição, ele demonstra claramente o que pensava acerca da restauração da monarquia absolutista e da implantação do regime republicano no Brasil, colocando a sátira a serviço da distribuição de suas carapuças:

Que espírito desorganizador se há disseminado pelo Brazil! Não fallam os desordeiros, se não em Estados independentes. Hum punhado de vadios, e ambiciosos, querem sair da sua nullidade no Pará? Proclamão o Pará Estado independente: o mesmo fazem os de Piratinim, e ultimamente os da Bahia. Se se não cuidar mui severamente de chamar à ordem esses revoltosos, d’aqui a dous dias, qual he a Cidade, qual a Comarca, qual o Município, qual a Villa, em povoação, que se não declare hum Estado independente? E teremos de ver, por ex. o novo Estado de Queixaramobim, o novo Estado de Goiana, de Santo Antão, e até huma República na Jacoca!<sup>184</sup>

## **O belo sexo**

A sátira dirigida às mulheres sempre foi bastante recorrente na literatura. Para Hodgart, uma possível explicação para haver tantas sátiras cujo tema é a mulher está no fato de que escrever era uma prática pertencente apenas aos homens, ou exercida, na maior parte das vezes, por eles:

puesto que el mundo es desgraciado la culpa siempre se ha arrojado sobre alguna persona o personas; y, si no es sobre el partido político circunstancialmente en el poder, o sobre los capitalistas, los obreros o los judíos, será entonces sobre la víctima propiciatoria más cómodamente a mano, que es el sexo femenino.<sup>185</sup>

Diversos números de *O Carapuceiro* apresentam as mulheres e seu comportamento na sociedade como assunto principal de um texto fortemente marcado por descrições

---

<sup>184</sup> *O Carapuceiro*, número 72 (21/12/1837), p. 2.

<sup>185</sup> HODGART, 1969, p. 79.

caricaturais. Apresentaremos, a seguir, uma breve reflexão acerca da presença das mulheres como tema de algumas sátiras.

Hodgart, em capítulo destinado a discutir o tema das mulheres na literatura satírica, destaca o grego Simônides de Amorgos como o primeiro autor a transformar os sentimentos relativos à mulher em sátira. Em uma de suas diatribes, ele divide as mulheres em grupos e identifica cada uma delas a determinados animais. Só a abelha representa a mulher digna ao casamento. Essa sátira é transcrita por Lopes Gama em *O Carapuceiro* número 39, publicado em 25 de outubro de 1834, que comenta sobre o tema das mulheres no gênero satírico.



# O CARAPUCEIRO

PERIÓDICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

Hanc se... in no... libelli  
... uiciorum de villis.  
Maecias Libi 10. Epist. 33.

Guardarei n'esta Folha as regras boas,  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

BERNAMBUCO NA TYPOGRAFIA FIDELIGNA DE J. N. DE MELLO.

## OS GENIOS DAS MULHERES.

Este Carapuceiro mais interessa  
aos maridos, do que ás mulheres; e  
será como huma pedra de toque pa-  
ra quo os que se bouverem de espo-  
sar conheçam a boa, ou má prenda,  
a que tem de ligar-se, e possam fa-  
zer a devida escolha. As Senhoras,  
que ordinariamente zangão-se com  
os meus escriptos, apenas nellas to-  
co em coisa, que lhes diga o veito;  
por esta vez ao menos não terão ju-  
stos motivos de queixa; porque se  
meos fallas nos defeitos, também faço  
justiça ás suas virtudes: e para que  
não só por minha conta este  
arrazem de carapuças, direi, que  
o que produzir a esse respeito não  
he meu, se não do primeiro Poeta  
de que temos noticia des

d'a mais remota antiguidade.  
Homoides, que he de quem fallo,  
floraceo perto de 400 annos depois  
do cerco de Troya, e a chaneza do  
seu estilo bem mostra a simplicidade  
d'aquelles tempos, e que tudo se  
dizia por seu nome proprio, e cada  
hum publicava o que sentia sem estar  
stijcto ás regras do decro. O ab-  
sumpto de huma das satyras desse  
Poeta famoso são as mulheres. Elle  
descreve todos os seus caracte-  
res, fazendo-os depender de huma suppo-  
zição quimerica, fundada no dogma  
da preexistencia das almas. Elle sup-  
põe, que os Deozes forniçaram as al-  
mas do sexo feminino das primeiras  
sementes, ou principios, que deram  
pode as diferentes especies de mu-  
lheres, e os elementos; e sustenta  
que as suas boas, ou más qualida-

des provém de nommas, em em sua constituição respectiva, ou de princípios. Vejuno, diz o homem.

« No principio creou Deos as almas do bello sexo em hum estado separado dos seus corpos, e tirou-as de materias differentes. Formou humas desses engredientes, que entrão na composição do porco: e a mulher desta ordem he huma porca-lhona em sua oza, gulosa á meza, mal amalhada em seus vestidos, e o lugar, que occupa tem toda a apparencia de hum' enriquec... »

« Tirou a segunda especie d'almas femininas dos materiaes, que servem para formar a rapoza. A mulher assim animada tem espirito, e discernimento; conhece o bem, e o mal, e nada escapa á sua netracão. Nesta classe de mulheres algumas são virtuosas, e outras são viciosas. »

« A terceira especie dessas almas foi formada de particulas caninas; e são aquellas minneres, que costumammente chamamos rezingueiras; porque imitam a os cães, que estão sempre rijvinhosos, e ladram áspulos. »

« A quarta especie foi tirada da terra. Esta anima as preguiçosas, e desmazeladas, que passão quasi toda a vida deitadas sem se occuparem do governo de sua oza. »

« A quinta foi tirada do mar. Esta produz genios desiguales; que passão muitas vezes da mais horrivel tempestade á mais profunda bonança, e de feios nevoeiros a hum sol rizo. Esta he brilhante; a pessoa descolada, que visse humo dessa m... quando está de b... »

teja por hum' maravilla da natureza; mas se espantasse hum pouco, veria, que os seus olhos, e palmeiras mudadas repentinamente, que ella não respira, senão anha, e furor, que he huma verdadeira trovoad... »

« A sexta especie foi composta desses ingredients, que servem para formar o asno, ou huma besta de carga. As mulheres assim compostas tem naturalmente huma preguiça extraordinaria; mas se os maridos conseguem intimar-lhes a sua auctoridade, ellas fazem toda a diligencia por lhes agradar: todavia não são inisignas dos prazeres, e ás vezes cedem ás caricias de seus maridos. »

« O gato deo os materiaes para a septima especie de mulheres, que são de hum natural melancolico, extravagante, caprixoso, e tão opposto ás caricias, que estão promptas para arrastar os maridos, e saltar-lhes á cara, quando estes procuram angustias. Além disto essas sujeitas são propensas a commetterem pequenos furtos, e velhacarias. »

« O jumento de grandes crinas, que nunca foi domado, servio para a composição da oitava especie de mulheres. Estas, que nenhum respeito, e amidade tem aos maridos, levão todo o tempo em enfeitarem-se, em aviar-se, e perfumar-se, enfeitando os cabelos, ornando-os das mais lindas flores, etc. Tal mulher he objecto mais agradável a hum pretualho; porém mui ruinoso a seu possuidor, não sendo esse algum Rei, ou Principe, que g... »

« A nona especie de mulheres foi extrahida do macaco. Esta são feias, e muito malici... e como ná... »

de bello; procuraõ metter a ridiculo quanto tem as outras de agradável, e seductor. A esta mesma classe pertencem humas; que vivem fazendo caretas, fpendo os olhos, mordendo os labios, fazendo tregeitos de bocca, e buscando pozicoes affectadas de corpo de maneira, que parecem humas balharinas.»

« A decima, e ultima especie foi tirada da abelha, e bemaventurado o homem, a quem a Providencia outorgou huma destas para espoza. Ella não tem peccado, que se lhe possa oppor; sua familia prospera, e florece com a boa ordem da caza. Ella ama a seu esposo, e he reciprocamente amada; cultiva huma raça de beijos, e virtuosos filhos, distingue se de todas as mais; he cercada de graças, não communica jamais com mulheres de maus costumes, e vida desagrada; he ornada de prudencia, de modestia, e pudor, em huma palavra, he hum mimo da natureza, he a melhor espoza, que Jupiter pôde dar a humi homem.»

Se o Poeta Grego por huma parte mostra grande penetração em todos estes caracteres a respeito das mulheres, por outra soube evitar o defeito, em que cahiram Javenal, e Milleau; o primeiro na 6.ª satyra, quando procurará menoscabar o bello sexo feminino em geral, se não fizerem devida justiça a aquellas, que tem merecimento. Satyras de tal natureza, que pedem todos os individuos pela mesma razão, são injustas, são odiosas, e por vez de corrigirem, insinuam a pertinacia do crime. Se há muitas mulheres más, também as há dotadas de virtudes, e cumpre não con-

fundar tudo. O Poeta Grego Simonides ornou-me essas carapuças, que cada Senhora iria tendo á proporção, que melhor assentarem nas respectivas cabeças. E como não são carapuças forçadas, se não voluntarias, e cada hum sabe de si, e Deus de todos, qualquer Senhora diga, que se lhe serve bem a decima especie, de que a cima fallámos, isto he; que segunda o systema de Simonides, he formado dos elementos componentes da abelha, e nunca do porco, do macaco, do jumento, da terra, e do mar; e por este modo, que he muito comodo, e agrada el, cada huma supportará, que a outra he, que está incurso em os defeitos, e ficarão em paz, se bem que a consciencia he hum juiz muito austero, que nunca deixa tranquilos.

VARIEDADES.

Hum Cura, sendo obrigado em certa cerimonia a responder a hum discurso Latino, disse ao sujeito, que lho recitara — Meu amigo, os Apostolos fallavam muitas linguas. V. S.ª acaba de fallar-me em Latim, e Deus sabe, se o entendi; e eu vou responder-lhe na lingua materna.

Quiz hum Bispo divertir-se á custa de hum padre Parochio, cujo ar simples denotava ser de homem ignorante, e disse-lhe hum dia, P.ª, persuadindo-me, que V. Reverencia ignorava os primeiros elementos do Catholicismo: se não, diga-me — Quantos são os peccados mortaes? — São oito, respondeo o Parochio. Oito! Diz o Bispo meio zangado. Não me enganarei no juizo, que fiz da sua...

Com o cristianismo, a situação das mulheres não se modifica muito. O nascimento da Igreja trouxe a valorização de certas virtudes, como o celibato e a virgindade, o que significava que as mulheres que se afastavam dessas virtudes seriam, provavelmente, alvo de comentários satíricos.

Outro importante elemento da sátira direcionada contra as mulheres, que faz parte da evolução das mitologias e iconografias cristãs, consiste na dramatização dos sentimentos ambíguos dos homens em relação às mulheres através da construção de dois pólos antitéticos: Eva e Virgem Maria. Eva representa a mulher que permitiu que o pecado entrasse no mundo. A Virgem Maria representa a redenção:

Cuanta más devoción se tributaba a la inmaculada Madre de Dios, más execración se acumulaba sobre Eva, que llegó a ser el símbolo de todo malo que había en las mujeres. Sus principales faltas fueron su atrevimiento y el dominio sobre el marido, a quien persuadió para que comiera del fatal fructo.<sup>186</sup>

Com o intuito de corrigir as más ações, consideradas prejudiciais à moral do Brasil, Lopes Gama várias vezes afirma que existem certos tipos de mulheres que podem ser chamadas de Eva, uma vez que se afastam das virtudes características da Virgem Maria:

A Religião ensina, que, mulher puríssima, e sem a mais leve mancha de pecado só foi Maria Santíssima: e como Maria Santíssima só foi huma, segue-se, que todas as mulheres havidas, e por haver estão sujeitas a carapuças, huma mais, outras menos, a humas cabem estas, a outras aquellas: assim são os homens, e assim somos todos.<sup>187</sup>

Um vício bastante atacado pelo padre carapuceiro foi a futilidade das mulheres brasileiras, que segundo ele imitavam as estrangeiras, principalmente as francesas, no que elas tinham de pior: o culto ao luxo e a preocupação com a moda. Para o padre, elas deveriam

---

<sup>186</sup> HODGART, 1969, p. 89-90.

<sup>187</sup> *O Carapuceiro*, número 9/8/1837, p. 3.

imitar das francesas o desejo de instrução, deixando claro que a grande culpa de as mulheres brasileiras apresentarem esse mau comportamento era, segundo Lopes Gama, a educação que elas recebiam desde que eram crianças:

Com a afirmação de que a tarefa de adular o “belo sexo” seria deixada aos poetas, pois estes não enxergavam nas mulheres senão a beleza e as qualidades, Lopes Gama, em artigo intitulado “Pazes com as Senhoras”, de 30 de novembro de 1833, inicia o seu ataque a partir de descrições caricaturais em que o exagero é estratégia para causar o riso de seus leitores:

Para estes padecentes não há Senhora, que não seja uma Venus de Medicis, ainda q' ella tenha todas as feições de huma Thesifone. Embora tenha olhinhos de porco, e até vesgos; ali se aninha huma brigada de Cupidinhos frecheiros para de emboscada asertarem os corações. Se a bocca he franzida, e assim por modo de quem está chupando mangabas; não importa; isso mesmo he huma belleza, e não faltará quem diga, que aquella boquinha encolhida he mais pequena, e breve, do que huma resposta de – Não – Se as faces são afoguezadas, às vezes à força de fricções de baeta; são duas rozas frescas e louças, e por ventura mais mimosas. Se os labios estão muito encarnados, e já bem pode ser, que de molho de pimentas; oh!, não fallemos nisso: são cravinhos, he huma romã partida; são dous pedaços de rubins. Se he alva, he formosa; porque alva, ainda que seja hum busto de gesso: se he trigueira, he bella por isso mesmo, tenha embora huma cor, tirando assim a tempo de violla velha, ou mesmo a parede de cadêa.<sup>188</sup>

Assim, salientando o que havia de ridículo nos traços físicos de algumas mulheres, Lopes Gama também expõe ao riso a atitude dos poetas que, cegos de amor, não enxergam os defeitos de suas musas inspiradoras, fossem eles físicos ou morais. O autor do periódico inicia sua crítica pela descrição dos defeitos físicos das mulheres para depois falar dos defeitos morais, a começar pela vaidade exagerada, causada principalmente pela educação equivocada que recebiam quando eram meninas:

Da pessima educação que commummente se dá ao bello sexo, provém a grandíssima aversão, que tomão à velhice. Como he creada huma Senhora des

---

<sup>188</sup> *O Carapuceiro*, n. 81 (30/11/1833)

d'os seus primeiros annos? Ninguém cuida em formar-lhe o coração; todos os disvellos cifrão-se sobre as qualidades do corpo.<sup>189</sup>

Dessa maneira, a instrução verdadeira era deixada de lado e a preocupação maior na educação das mulheres ficava por conta das questões relativas ao corpo e à procura de marido. A velhice torna-se a principal inimiga das mulheres, que fazem de tudo para esconder a idade que têm:

D'ahi o odio fidagal, e implacável, que consagrão a quem tem a imprudência, ou franqueza de as chamar velhas: d'ahi os artificios, as traças, as artimanhas com que buscão occultar a idade, logo que tem trazposto certo numero de annos. D'ahi finalmente os bezuntos, os arrebiques, as essencias aromáticas applicadas ao carão, que já apprezenta ao correr dos olhos dous pés de galinha: d'ahi os espartilhos arroxadissimos para erguerem os peitos, que parecem restos de cristel, ou duas trinxas de bofe sêcco; os chumaços para volumarem as esguias ancas, as cabelleiras francezas para encobrir os cabelos, que tirão a pello de Preguiça, tudo a fim d'iludir, ou reparar o estrago dos annos.<sup>190</sup>

A preocupação com o casamento era tão grande que algumas mulheres procuravam se casar logo que se tornavam viúvas, a fim de consolarem-se da saudade do marido. Na maioria das vezes, para Lopes Gama, elas representavam o infortúnio de seus companheiros, pois faziam tudo que estava ao seu alcance para acompanhar a moda que vinha da Europa, hábito considerado fútil e prejudicial à evolução dos costumes.

Isso tudo ocorre porque as mulheres do século XIX vêm-se diante de um cenário que se mostrava cada vez mais modificado no que dizia respeito a uma série de fatores, principalmente pelo que representava o advento de uma sociedade burguesa. Cada vez menos confinadas ao ambiente doméstico, as mulheres começam a participar do convívio social, pelo qual mantinham contato constante com as facilidades que traziam os grandes centros urbanos. A partir daí, a moda se torna uma importante aliada das mulheres, uma vez que serve como meio de afirmação de um indivíduo dentro do grupo no qual ele vive:

---

<sup>189</sup> *O Carapuceiro*, n. 81 (30/11/1833)

<sup>190</sup> *O Carapuceiro*, n. 81 (30/11/1833)

El alboroto levantado por los moralistas a propósito de la moda, de los cosméticos y de los peinados de la mujer está basado, sólo parcialmente, en el terreno muy justificado de los gastos excesivos; pero también expresa la sospecha de que tales adornos tienen la finalidad de atraer a otros hombres que no sean el propio marido. La sátira basada en las mujeres es un registro cómico de todo lo que se aparta y constituye una desviación del ideal exigido por el encomio, y está basada frecuentemente sobre los tres puntos tradicionales de la docilidad, la castidad y la modestia.<sup>191</sup>

Além disso, a moda passa a ser uma das principais preocupações da mulher, que havia sofrido a passagem de um confinamento doméstico para a vida em sociedade, modificando sua rotina. Sobre essa transformação, a pesquisadora Gilda de Mello e Souza, em seu livro *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*, afirma: “De um momento para outro, a mulher burguesa viu-se mais ou menos sem ter o que fazer, e seu único objetivo – agora que nas classes médias e altas perdera o valor econômico, transformando-se em grupo dependente – era casar.”<sup>192</sup> Ora, nada melhor do que seguir as modas para atingir o objetivo que as mulheres mais almejavam alcançar: um marido. A moda, então, é aliada preciosa na competição sexual, justamente porque através dela algumas mulheres poderiam se destacar entre as outras, o que facilitava a possibilidade de um casamento:

Um tal estado de coisas favorecia o desenvolvimento daqueles recursos que entram em jogo na competição sexual e, no pequeno espaço de tempo que mediava entre a vida da menina e da mulher, a moça entregava-se ao aprendizado da música e das maneiras, ao interesse pelos vestidos, vivendo na expectativa do marido.<sup>193</sup>

Gilda de Mello e Souza comenta que quando as mulheres não conseguiam atingir o seu objetivo maior, as casas se enchiam de “solteironas” condenadas a passar a vida sem atingir o status econômico e social que um casamento representava. Porém, pior era quando a falta do casamento vinha acompanhada da necessidade do trabalho remunerado, que

---

<sup>191</sup> HODGART, 1969, p. 81.

<sup>192</sup> SOUZA, 1993, p. 89.

<sup>193</sup> SOUZA, 1993, p. 89.

representava um desprestígio muito maior do que viver acompanhada da mãe ou dedicar-se à educação dos sobrinhos. Juntamente com essa condição indesejada de toda mulher, vinha a questão da identificação social pelas roupas que usavam essas “infelizes”. Aí temos a moda, mais uma vez, destacando o indivíduo no grupo em que ele vive. Nesse caso, a moda serviu para marcar uma infortunada mulher que, vendo-se destituída do casamento, via-se obrigada a trabalhar, já que o casamento não lhe traria o sustento.

Lopes Gama faz inúmeros comentários, ao longo dos anos de publicação de *O Carapuceiro*, sobre como as mulheres se vestiam, como se comportavam e quais as suas maiores preocupações. A maioria das atitudes das mulheres, para ele, estavam voltadas para o casamento, independente da situação em que elas se encontravam: em festas, nos passeios pela cidade, em reuniões particulares e até mesmo na igreja. Em 1838, em um artigo intitulado “As aleluias”, o padre carapuceiro realiza uma engraçada descrição acerca das roupas das mulheres, e até mesmo dos “gamenhos”, que freqüentavam as missas realizadas na semana santa, mostrando todo sacrifício que era feito para conseguirem casamento. É interessante notar, também, a observação de Lopes Gama no que diz respeito aos jogos de sedução que eram feitos durante as missas:

Terminou por este anno a celebração dos Augustos Mystérios da Paixão, e Morte do Divino Redemptor. A Santa Igreja, que se cobrira de luto, hoje veste os ornamentos de gala pela sua gloriosa Ressurreição. Nesses dias consagrados ao recolhimento, à penitência, e contrição não faltou concorrência às nossas Igrejas: mas irião todos, e todas com a devida piedade, e devoção? As gamenhas ali forão sim todas vestidas de dó; mas com toda a garridice, com todos os perendengues do utimo gosto; e com a estrada da liberdade bem aberta, e bem carreteira, com a rodilha multicôr no occipital, com os barambazes, pafos, bambinellas, e requififes de mangas (de mais embaraçosa analyse que um polvo) com as cinturas mais arroxadas, do que huma saca d’algodão, com as estufadas anquinhas naturaes, ou postiças, &c. &c. forão mui constrictas, e lagrimosas lastimar-se dos seus peccadinhos, (que são bagatellas) e atçar a *fervorosa devoção* dos senhores gamenhos, os quaes tem mais delicado faro para descobrir onde se ajunta Madamismo, do que os perequitos em aforoar hum campo de milho. (...) Alveja-lhes nas leves cabecinhas a indispensavel estrada da liberdade, orlada por hum só lado de huma crista de cabellos pendente para o lado opposto à tal estradinha, e tudo tão aromatizado de Macassar, que faz tontear, e dar faniquitos. Ajoelhar he

para elles hum constrangimento terrivel; porque as calsas são tão unidas às pernas, que parecem não se distinguir da pelle: os braços estão de tal modo apertados nas mangas da cazaca, que faz imaginar, trazem duas laranjas nos sobacos. Tração de preto nesses dias; mas que longe estão da compunção, e penitencia! (...) Ali mesmo na terrivel casa do Senhor, no tempo mais sancto, na celebração dos mais venerados Mysterios, que bichancrós, que elles fazem para o grupo femenino! Que olhadellas escandalosas! Que risadinhas namatorias, &c. &c.! As gamenhas parece, que não dão fé de taes cousas; porém os olhinhos estão resistando tudo, e muitas vezes os olhos, que se fitam piedosamente para o Altar, boliçosos se volvem com interesse, e curiosidade para o bando dos Adonis.<sup>194</sup>

O casamento se torna, então, o principal meio pelo qual as mulheres poderiam conseguir ser “alguém” na vida, e a moda era a sua principal aliada no que dizia respeito à sedução necessária na hora de se conquistar um marido. A moda nas vestimentas vinha acompanhada, contudo, dos numerosos manuais de bom comportamento, que muitas vezes traziam consigo a dificuldade de conciliar as regras que eles ditavam com as modas que estavam a favor da sedução, obrigando as mulheres a criar mecanismos que facilitassem a coexistência desses dois pólos aparentemente contraditórios. Segundo Gilda de Mello e Souza:

Este panorama geral do século XIX, oferecendo à mulher uma única oportunidade de realização, o casamento e, ao mesmo tempo, brecando-lhe todas as possibilidades não só de iniciativa mas de procura de situações favoráveis, desenvolveu no grupo feminino uma curiosa técnica de avanços e recuos, de entregas parciais, um se dar se negando, que é a essência da *coquetterie*. A servir-se simultaneamente dos lindos braços e dos cotovelos lisos, movendo-se enquanto se dedilhava a harpa, do encanto da voz nas três ou quatro modinhas decoradas muito a custo, ou das sonatas ao piano, onde o corpo, entregando-se à música, insinuava abandonos mais completos e inconfessáveis.<sup>195</sup>

A *coquetterie* é abordada por Lopes Gama em um número de seu periódico, intitulado “Hum Novo, e nunca visto Batalhão femea”, que segundo Maria Lúcia Pallares-Burke é a

---

<sup>194</sup> *O Carapuceiro*, número 21 (14/4/1838), p. 1-2.

<sup>195</sup> SOUZA, 1993, p. 92.

tradução de um artigo do *The Spectator*<sup>196</sup>. De qualquer maneira, o assunto tratado nesse número diz respeito ao “Batalhão Fêmea”, que é formado por um grupo de mulheres organizadas por “Madame Coquete”, senhora recém chegada de Paris, presidente do batalhão que usa o leque como principal arma para conquistar os homens. Lopes Gama reproduz os ensinamentos de “bom tom” proferidos por Madame Coquete às mulheres, para que estas, através de uma série de exercícios também ensinados por ela, saibam como usar os leques corretamente. O autor descreve os exercícios relativos ao manejo do leque, considerado o mais difícil por apresentar uma série de variações. Fala ainda do irmão de Madame Coquete, “Mr. Polisson”, escritor, que acabara de lançar uma obra premiada em Paris, *Tractado completo das paixões do leque*. Madame Coquete ensina ainda os manejos do lenço, para aquelas que não se deram muito bem com o leque:

Madame Coquete promette adestrar a todas no manejo mui conveniente dos Leques, ensinando-o a fazer segundo a tática mais moderna de Pariz. Ella tem repartido o ensino por Pelotões, e em sua propria casa vai adestrando as recrutas no exercicio. Já conta com duzentas e oitenta engajadas. As vozes, de que se serve arremedão na simplicidade à Tactica de Beresford, e reduzem-se a estas.

“Preparar... Leques”

“Abrir... Leques”

“Descarregar... Leques”

“Hombro... Leques”

“Manejar... Leques”

Observando exacta, e lestantemente este pequeno numero de vozes qual quer Senhora de espirito mediocre no curto espaço de seis mezes de exercicio poderá dar ao seu Leque todas as graças, e préstimos. De que he susceptivel est’arma, alias mui poderosa do Bello sexo. (...) Logo que o Pelotão feminino está posto em linha de batalha, e que cada huma traz empunhada a su’arma, a Instructora e Commandante dirige-lhes a voz “Preparar... Leques” immediatamente a cada qual beja a extremidade do seu Leque, dá uma pancadinha com o mesmo Leque na que lhe fica próxima, appresenta-o depois ao grupo dos expectadores, deixa cair negligentemente a su’arma, e espera a

---

<sup>196</sup> Cf. PALLARES-BURKE, 1996. A autora destaca, em suas reflexões acerca da relação entre o periódico pernambucano e o inglês, de que maneira Lopes Gama “abrasileirava” o texto estrangeiro em suas traduções. No caso da tradução de “Hum novo, e nunca visto batalhão fêmea”, a autora afirma: “Os acréscimos e as alterações ao texto brasileiro começam com a adaptação do cenário à obsessão nacional pela moda e pelas últimas tendências em Paris. Nesta versão, a professora francesa afirma estar seguindo a ‘tática mais moderna de Paris’ e não ‘os ares e gestos mais em moda atualmente na corte’, como a senhora inglesa no texto original. As alunas brasileiras são também descritas como muito mais ousadas em suas estratégias de sedução e em seu desespero para encontrar um marido. Ao contrário da versão inglesa, as aulas contam com um público masculino.”

segunda voz. (...) Se succede escapar das mãos d'alguma por descuido, ou de propósito a sua granadeira, não haja medo, que fique no chão nem hum instante; por que este, ou aquelle Jovem, que parece estar ali só “ad hoc”, mais ligeiro que um raio; pega do bemdicto Leque, e com ar bondoso, e mais que energico o entrega a sua dona, a qual não se descuida da competente mesura. Esta mesura para ser do Bom tom deve consistir em huma perfeita immobilidade de todo o corpo, e o que faz a mesura he só a cabeça, posta a huma banda, dando hum corcovo para diante, e outro para traz, assim por modo de frango empapado, ou de boneco da China.<sup>197</sup>

O que interessa observar é que são criados, portanto, verdadeiros truques e disfarces que serviam para “burlar” as regras ditadas pelos manuais de comportamento. Além disso, as próprias roupas acabam contribuindo para isso, uma vez que apesar de cobrirem o corpo, acabam por acentuar as suas formas, que eram para ser escondidas: “O ritmo erótico, portanto, que consiste em chamar a atenção, sucessivamente, para cada parte do corpo, mantendo o instinto sexual sempre aceso, relaciona-se, aqui, principalmente com a parte que a vestimenta acentua e não com a que desnuda.”<sup>198</sup>. Muitas vezes, o próprio movimento do corpo contribuía para revelar algo que a vestimenta escondia. Lopes Gama, referindo-se às vestimentas femininas que estavam na moda em sua época, destaca o uso do espartilho, que representava um grave problema, pois eles atentavam contra a saúde da mulher, podendo causar até mesmo seqüelas:

Escrevão porém quantos quizerem os mais abalizados Authores da Medicina, e Hygiæna contra o maldicto uso dos espartilhos: fação ver palpavelmente, que semelhantes talas podem produzir, como effectivamente tem produzido em muitíssimas Senhoras polmonias, enflamações de peito, apoplexias, e outras molestias todas terriveis (...) por que as Senhoritas antes querem expor-se a morrer tizicas, caqueticas, marasmadas e popleticas asfixiadas, &c. do que largarem por mão hum atavio da moda, que lhes estreita as cinturas, e sem o qual deixarião de ficar bem pintiparadas, e garbosas: e não he isto ser martyr das Modas? Mas d'onde nasce tão desgraçado modo de pensar? Quanto a mim da triste educação.<sup>199</sup>

---

<sup>197</sup> *O Carapuceiro*, número 27 (19/7/1837), p. 1-3.

<sup>198</sup> SOUZA, 1993, p. 93.

<sup>199</sup> *O Carapuceiro*, número 3 (26/4/1837), p. 2.

Acerca da artificialidade com que se apresentavam as expressões das quais as mulheres se faziam valer, Gilda de Mello e Souza afirma:

Tendo a moda como único meio lícito de expressão, a mulher atirou-se à descoberta de sua individualidade, inquieta, a cada momento insatisfeita, refazendo por si o próprio corpo, aumentando exageradamente os quadris, comprimindo a cintura, violentando o movimento natural dos cabelos. Procurou em si – já que não lhe sobrava outro recurso – a busca de seu ser, a pesquisa atenta de sua alma. E aos poucos, como o artista que não se submete à natureza, impôs à figura real uma forma fictícia, reunindo os traços esparsos numa concordância necessária. (...) Criava, assim, uma obra de arte com o próprio corpo, substituindo o belo natural pelo belo artístico, produto de uma disciplina do espírito.<sup>200</sup>

Porém, juntamente com a afetação que a moda causava nas mulheres, vinha outra questão que, para Lopes Gama, seria a principal causadora da escravidão exercida pela moda a que estavam submetidas não só as mulheres brasileiras de seu tempo, mas a todos aqueles que habitavam o país: a mania de “macaquear” os estrangeiros. As mulheres, porém, eram consideradas as que mais sofriam desse mal, tornando-se, então, as grandes “macacas”, uma vez que sempre se deixavam escravizar pelo que estava na moda: “Em huma palavra sempre houverão modas; e as Senhoras em todos os tempos, e paizes são as mais extremosas devotas desse idolo vão”<sup>201</sup>.

Para Lopes Gama, as mulheres que mais se preocupavam com as aparências eram as velhas e as feias. As primeiras pelo estrago feito pelo tempo, e as segundas por causa de um “erro da natureza”. As modas eram seguidas por elas com o intuito de “disfarçar” os seus defeitos. No caso das mulheres velhas, Lopes Gama observa o quão ridículo elas eram ao usar dos artifícios da moda para parecerem mais jovens do que eram:

E por que não haverá também carapuças para os Senhores velhos? Por que se hão de rir elles dos defeitos da gente moça, e esta não ha de divertir-se igualmente à custa dos seus desvarios? Serão por acaso todos os velhos

---

<sup>200</sup> SOUZA, 1993, p. 100-101.

<sup>201</sup> *O Carapuceiro*, n. 9 (29/3/1834).

peessoas circunspectas, prudentes e reportadas? Não certamente: velhos há mais gaiteiros, e damejadoresm do que os proprios moços, o que em verdade he eminentemente ridiculo. Que namore hum rapaz, que galantêe as damas hum homem, que ainda as pode atrahir pelas suas graças, e prendas, cousa he, que não sendo louvavel, todavia bem se pode desculpar: mas quem há, que possa conter o riso, vendo requebros amanteticos, e maneiras gamenhas em huma cara engilhada pelos annos, em hum homem em fim, a quem o coveiro parece, já trazer de olho para lhe dar descanso? (...) Quem há tão misantropo, e lerdo, que possa ver sem rir às gargalhadas huma velha ataviada e ornada, como se fôra huma Moçoila de 15 annos? Huma velha, que ainda pretende ter adoradores, e ser requestada? (...) A D. Briolanja conta já mais de 12 lustros: já andava na escola quando governou Pernambuco o General Jozé Cesar de Menezes, e já era madura, quando appareceu aqui o Zabumba pela primeira vez: está calva, como huma ratazana, e os poucos grizalhos, que lhe restão, parecem não já cabellos, porém sim samambaias: e desta materia julgo ser feito o crescente, e cestinho, com que atavia a engraçada cabecinha. Os olhos já se lhe vão escondendo para dentro das duas furnas, em que morão, e parece, que se ressentem do retiro pelo muito que estão remelando: a tez he mais encolhida, que a de hum genipapo bem maduro; os beiços sumidos as semelhão-se a hum debrumzinho de fita de linho: na bocca apenas lhe morão trez dentes chocalheiros, mais meio dente, e hum resto de raiz: pendem-lhe do enrugado gasnate perigalhos, como de hum boi velho: os bracinhos são tripas de galinha, as mãos são hum par de disciplinas, o colo he occupado por duas bruacas engilhadas; he hum Theséphone em fim, e he gamenha; quer parecer bem, e atrahir amantes. Não há moda, que a bruxa não ponha em si; despe-se atavia-se ao espelho, e está tão familiarisada com a ideia da morte, que mira-se a sangue frio sem correr de si mesma. (...) Não anda esta coalheira sem espartilho, e anquinhas, como se a morte, procurando ser garboza não se tornasse mais horrivel. Se há de dizer singela, e verdadeiramente, que padece teriveis hemorroidas, finge estar encomodada de indispozições só a moças concedidas.<sup>202</sup>

Para as mulheres feias, Lopes Gama afirma que “A rica he sempre formosa; e ainda que pareça hum demonio, he na realidade huma deosa”. O que interferia na realização ou não de um casamento, para Lopes Gama, não era o fato de a mulher ser feia ou bonita, mas se ela tinha dinheiro ou não. A propósito das “desprovidas de beleza”, o padre carapuceiro destila o seu “veneno satírico” através de descrições caricaturais que realçam os defeitos e expõem ao ridículo o fato de que elas eram, apesar de feias, namoradeiras:

Muitas vezes vemos huma mulher, e dizemos, ao menos interiormente: que furia! Que demonio! Entramos a analysar-lhe as feições, e observamos, que os olhos são como o de porco; que o nariz parece fora modelado por hum apagador de vella: abocca desformemente rasgada, quando se ri, parece, que

---

<sup>202</sup> *O Carapuceiro*, número 16 (10/6/1837), p. 1-4.

nos quer morder as orelhas, que são dous abanos: tem hum par de queixos, que parece obra postiça: o pescosso de fino, e longo pede messas ao da grou: os braços são delgadinhos, musculosos, e medonhamente descarnados de maneira que com as mãos mui cumpridas, e os dedos afilados, e nodosos tem tudo sua semelhança com cangaços de coqueiro: todo o corpo he malfeito, e desairoso, e até a pelle he cor de spermaceti. Entre tanto como he dengosa, e namorada esta Megera! Pensamos, e quasi apostamos, que não haverá Christão, que ponha olhos amorosos em semelhante mulher; mas he engano: há quem a tenha por bonita, há quem a requete, há quem se apaixone por ella conforme o antigo proloquio – *Quem o feio ama bonito lhe parece*. Onde há extrema gordura desaparecem as formas graciosas, e as proporções, que requer a theoria da belleza. A senhora, que chega a huma gordura excessiva, torna-se obesa, perde a airosidade, e pode reduzir-se a hum monstro: mas quantos não há, que se desvitem por essas jarras de carne. Outros pelo contrario só se namorão de mumias. Já ouvi dizer, que o typo da belleza de bom tom he hoje o seguinte – Huma senhora magra, como qualquer das Parcas, descorada, de ar triste, e pezaroso, doentinha do estomago, (*conditio sine qua non*) do figado, do baço, ou mesmo do pulmão, e com sua pontinha de febre.<sup>203</sup>

Em *O Carapuceiro* número 40, de 2 de setembro de 1837, Lopes Gama descreve “As novas sociedades” formadas pelos mais variados tipos de mulheres. Dentre elas, destaca a presença da “Sociedade das Feias”, cujo juramento das participantes segue abaixo:

– Juro pertencer sempre, e cada vez mais a esta illustre Sociedade das feias: juro ter ao mesmo tempo muita prezipção de agradável, meiga, carinhosa, e cheia de espirito, e de ser a mais prompta namorada, e a mais dada à gamenhice: juro outro sim não me appresentar a companhias de homens, se for de noite, e se for de dia, em certa distancia, se não sempre de bezuntos no rosto, de anquinhas, de peitos postiços, de chinó, se calvejar, e de tudo quanto preciso for para produzir illusões ópticas: juro finalmente, que se conseguir filar em namoro a algum pateta, ralalo de ciumes, e traze-lo n’huma roda viva, assim como de ser a mais extremosa seguidora de toda e qual quer moda, huma vez que esta não consista em pôr os braços, ou o colo despídos, ou que faça perceber o talho das pernas: tudo juro pelo Deos Momo, que he o nosso padroeiro” – Toda a Sociedade respondeo “*Assim seja*.”<sup>204</sup>

A idéia da mulher feia que lança mão de artifícios, como maquiagens e roupas, para disfarçar seus defeitos, com a intenção de, com isso, arranjar um marido, é encontrada também em José de Alencar, em *Ao correr da pena*. É interessante observar que o autor de *Iracema* utiliza o mesmo recurso empregado por Lopes Gama, a caricatura, para contar o caso

---

<sup>203</sup> *O Carapuceiro*, número 10 (4/5/1842), p. 1-2.

<sup>204</sup> *O Carapuceiro*, número 40 (2/9/1837), p. 3-4.

de um homem que havia sido enganado por uma mulher feia que de tantos artifícios conseguiu criar a “ilusão ótica” da qual Lopes Gama fala na citação acima. O assunto principal da crônica de Alencar é a intensa circulação de moedas falsas no Brasil (assunto também muito discutido em *O Carapuceiro*); e no contexto desse assunto, ele afirma que pior que receber uma moeda falsa, era casar-se com uma “mulher falsificada” sob a ilusão de que ela era bonita:

Entretanto imagine-se a posição desgraçada de um homem que, tendo-se casado, leva para a casa uma mulher toda falsificada, e que de repente, em vez de um corpinho elegante e mimoso, e de um rostinho encantador, apresente-lhe o desagradável aspecto de um cabide de vestidos, onde toda a casta de falsificadores pendurou um produto de suas indústrias. Quando chegar o momento da decomposição deste todo mecânico – quando a cabeleira, o olho de vidro, os dentes de porcelana, o peito de algodão, as anquinhas se forem arrumando sobre o *toilette* – quem poderá avaliar a tristíssima posição dessa infeliz vítima dos progressos da indústria humana!<sup>205</sup>

Assim, era preciso que os homens ficassem atentos aos “mecanismos de falsificação” os quais as mulheres feias, e as velhas também, usavam para disfarçar seus defeitos. A sorte deles é que sempre houve aqueles que estavam dispostos a alertá-los, como Lopes Gama, José de Alencar, e tantos outros carapuceiros dispostos a abrir-lhes os olhos e a não deixar que as mulheres, fiéis seguidoras das modas e dos progressos que ela trazia, os enganassem através de artifícios, por mais que isso significasse a ira do “belo sexo”:

Grande bulha vai fazer este meu Carapuceiro nos ânimos de certas Senhoritas. “Eu te arrengo, Carapuceiro de huma figa, que só dizes bestidades (parece me estar ouvindo a huma, que lá está às razões com o marido, que morto de rizo aprova muito o que acabo de dizer, em quãto a mulher porfia, e ateima, que não profiro, se não mentiras). Outra lá toma hum tom irônico, e disputando com o seu Cazuzá, Totonio, Jamjam, Quimquim, Chiquinho, ou Manezinho, atira-lhe chascos; e diz-lhe hum tanto despeitosa, e quase agastadinha: “Eu bem sei, que já sou velha; e feia sempre fui; não era preciso, que Você me trouxesse esse maldicto Carapuceiro; por que eu bem me vejo no espelho, e tenho o assento do meu Baptismo, que bem que quem o fez

---

<sup>205</sup> ALENCAR, 1960, p. 685.

acrescentou-me na idade hum mez, 5 dias, e duas horas, e trez quartos: conheço-me muito bem: sei, que já lhe sirvo de aborrecimento; e por isso he, que Você anda tão desencaminhado pela rua de tal, e não se tira d'aquella caza.” E d’ahi ordinariamente termina a jerimiada com huma groza de bons suspiros, e não poucas vezes vem as lagrimas, que como são te tarraxa estão sempre promptas.<sup>206</sup>

---

<sup>206</sup> *O Carapuceiro*, número 51 (4/5/1833), p. 205-206.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O periódico pernambucano *O Carapuço*, editado na cidade de Recife pelo frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, de 1832 a 1847, tinha como objetivo corrigir os maus costumes, considerados por seu idealizador como prejudiciais à moral e ao projeto de civilização do Brasil. Foi sobretudo através da sátira que o padre carapuço, como ficou conhecido Lopes Gama, buscou combater tudo aquilo que ele considerava um entrave para o progresso de seu país, o que demonstra sua intensa preocupação com os hábitos da sociedade, bem como da política que a regia.

Em *O Carapuço* encontramos, mais do que textos engraçados e divertidos, uma importante reflexão de seu autor acerca dos mais variados assuntos, bem como uma interpretação que ele fazia da realidade brasileira. Apesar de ter sido escrito e de ter circulado em Recife, os problemas tratados pelo padre carapuço, tanto aqueles que estavam ligados à moral quanto à política, diziam respeito a todo o Brasil. A figura do padre Lopes Gama se torna extremamente interessante quando pensamos nas inúmeras atividades que ele exerceu ao longo da vida. Em *O Carapuço* as suas facetas de editor são muitas: jornalista, literato, analista político e educador. Todas essas atividades se fazem presentes em *O Carapuço*. Através da análise dos textos, pudemos perceber que o que estava acima de tudo era a intenção didática de Lopes Gama, que fez de seu periódico um importante suporte para “abrir os olhos” da sociedade acerca dos problemas que ela apresentava.

Muitas vezes o padre carapuço foi criticado por seus leitores, tanto os de sua época como os de tempos posteriores, como pudemos observar através das “raivinhas” que provocava nas mulheres e naqueles que faziam da política o seu “ganha pão”, e também na interpretação de estudiosos que consideravam que ele não tinha vocação sacerdotal por usar a sátira com a finalidade de corrigir os vícios. De qualquer maneira, tudo isso estava ligado à aliada que o padre carapuço encontrou para colocar as carapuças naqueles que dela precisavam: a sátira.

A sátira encontrada em *O Carapuceiro* está ligada a um projeto que ia além de corrigir os costumes das pessoas: ela deveria “civilizar” a sociedade brasileira, o que era uma preocupação de diversos intelectuais brasileiros no século XIX. O atraso do Brasil era considerado, por muitos deles, decorrente de uma série de atitudes que distanciava a sociedade brasileira das sociedades consideradas “civilizadas”, sobretudo a européia. Muitas vezes, a ânsia de se tornar como os europeus criou, nos brasileiros, a crença de que era só “macaquear” o que eles faziam, o que acabou gerando diversas situações ridículas, advindas da artificialidade. Essa foi uma dos principais motivos da sátira em *O Carapuceiro*, que apontou diversas vezes o equívoco que havia em imitar os europeus sem, antes de tudo, analisar o que estava sendo imitado. Para ele, na maioria das vezes, o que era imitado estava longe de tornar a sociedade brasileira mais civilizada.

A preocupação em seguir modas, presente sobretudo nas mulheres, era um exemplo desse equívoco e foi várias vezes denunciada em *O Carapuceiro*, que fazia questão de apontar os motivos pelos quais várias dessas modas não eram “adaptáveis” ao Brasil. Dessa maneira, o padre carapuceiro criticava o uso de vestimentas e a prática de danças que não condiziam com o clima tropical do país, ao mesmo tempo que apontava as razões pelas quais o sistema republicano era “avançado” demais para o estágio de civilização em que se encontrava a sociedade brasileira.

Lopes Gama, como escritor satírico, orientou seus escritos pelo *castigat ridendo mores*, o que significa que seus objetivos eram correção dos vícios através do riso. Esse preceito está presente em *O Carapuceiro* nos diversos momentos em que o autor buscou justificar sua predileção pela sátira como instrumento para “emendar” seus leitores dos vícios que praticavam. Caso houvesse alguma identificação com o vício exposto pelo padre carapuceiro, cabia ao leitor pegar a carapuça e coloca-la na própria cabeça:

Meus Senhores, e mais Senhoras, as minhas Carapuças nunca são obra d'encomenda, e por isso não saem perfeitas: são obra de carregação, que cada hum escolhe à sua vontade, e a seu jeito. Eu não fallo de ninguém determinadamente.<sup>207</sup>

A idéia de o periódico ser uma loja de carapuças, e seu escritor, aquele que as distribui, é complementada pela epígrafe, tomada ao escritor latino Marcial: “Guardarei nesta folha as regras boas / Que é dos vícios falar, não das pessoas”.

O riso, reação imediata provocada pelo texto satírico, é o precioso aliado de que o autor lança mão para conseguir o efeito desejado, que é corrigir os vícios da sociedade. Vimos que a teoria clássica do riso exerceu grande influência em *O Carapuceiro*, que apresenta a herança de uma crença de que o riso é uma expressão de desprezo pelo vício e, por isso, é também uma arma eficaz no combate a essas “deformações”. Como professor de Retórica, o padre carapuceiro conseguiu aliar o jornalismo à intenção persuasiva da sátira.

As maneiras de provocar o riso são várias em *O Carapuceiro*. Vimos que Lopes Gama encontrou no emprego de técnicas próprias dos textos satíricos, como a redução, a tipificação, a ironia, a invectiva, a paródia, a criação de caricaturas e o uso de uma linguagem simples, a melhor expressão de seus pensamentos sobre o comportamento humano. Foram também várias as formas assumidas pela sátira encontrada em *O Carapuceiro*, como as que destacamos: a fábula e o diálogo, dois tipos de texto bastante propícios ao uso satírico, uma vez que possuem intenção didática. Além disso, também pudemos perceber as impressões do padre carapuceiro acerca de dois temas recorrentes em seu periódico: a política e as mulheres, dois assuntos encontrados em textos satíricos desde a origem desse gênero.

Ao estudar a sátira em *O Carapuceiro*, pudemos observar a sua importância no que diz respeito ao que ela traz como observação do contexto histórico em que foi produzida e do público a que foi destinada. Assim, a sátira de Lopes Gama ajudou-nos a melhor compreender o contexto no qual ela foi desenvolvida, o que reforçou a nossa idéia inicial acerca da

---

<sup>207</sup> *O Carapuceiro*, número 16 (10/6/1837), p. 4.

importância de *O Carapuceiro* nos estudos relacionados à Literatura, à História e à Memória Cultural.

Realizar a tarefa de escrever sobre um personagem tão pouco estudado na história brasileira não foi fácil. Além da escassez de análises da obra de Lopes Gama, nos deparamos com a dificuldade de acesso à fonte primária, ou seja, ao periódico que seria objeto de nossa análise: *O Carapuceiro*. A grande dificuldade enfrentada significou um desafio a ser cumprido, o que acabou motivando ainda mais a realização desta pesquisa. Pudemos observar, no decorrer de nosso trabalho, que assim como Lopes Gama, existem vários outros intelectuais brasileiros que viveram no século XIX que têm sua história como que apagada pelo desinteresse dos estudiosos. São pensadores da realidade brasileira que demonstram em seus escritos uma interpretação que merece ser estudada, uma vez que, freqüentemente, apresentam uma incrível atualidade, como vimos, por exemplo, nos momentos em que, *per accidens*, *O Carapuceiro* teve a política como tema central de suas páginas.

Assim, finalizamos esta pesquisa com a certeza de que demos nossa contribuição para que futuros trabalhos sejam realizados, além de mostrarmos a importância dessa parte um pouco “apagada” de nossa história para compreendermos melhor muito do que acontece em nosso tempo. Temos a certeza, porém, que ainda há muito a fazer para preencher essa lacuna.

As minhas carapuças vão arrumadas em os números deste meu Periódico, que he uma loja ambulante só de carapuças. A quem estas não servirem, não as tomem para si; e se lhes assentarem, como de molde, guardem-as bem guardadas, e digão muito frescas “Ainda bem que não achei ainda huma Carapuça, que me servisse” e podem ficar bem certas, que nem eu, nem ninguém lhes irá tomar essas contas. Eu talho a minha obra; mas Juiz inexorável das Carapuças, Juiz, que se não dobra, Juiz, que não transige nem com homens, nem com Senhoras, nem com bonitas, nem feias, nem com ricas, nem com pobres, Juiz *candeia* em fim he a Consciência de cada hum.<sup>208</sup>

---

<sup>208</sup> *O Carapuceiro*, número 33 (9/8/1837), p. 3.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ALENCAR, José de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1960. p. 682-686. v. IV.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.11-93.

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p.443-471. (Coleção Os Pensadores)

BASILE, Marcello Otávio N. de C. O Império Brasileiro: panorama político. In: LINHARES, Maria Yedda (org). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990. 9 ed. p.188-299.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BERGSON, Henri. *O Riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BURKE, Peter. (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

CAMPOS, Haroldo de. *Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana*. São Paulo: Perspectiva, 1977. (Coleção Elos)

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos 1750-1880)*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. Lopes Gama: 1791-1852. In: *Antologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2001. v.1. p.186-187.

CHEVALLIER, Raymond. *Dictionnaire de la litterature latine*. Paris: Librairie Larousse, 1968.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil: estilos de época – era romântica*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. v.3.

COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante. (dir.) *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL: Academia Brasileira de Letras, 2001. 2ª ed. v.1.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. Rio de Janeiro: INL, 1957.

DELGADO, Luís. (org.). *Lopes Gama: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1958. (Coleção Nossos Clássicos)

D'ONOFRIO, Salvatore. Os motivos da sátira latina. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1968. Coleção Teses nº7.

DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta e Mary Woolstonecraft: diálogo ou apropriação?. In: *O Eixo e a Roda: revista de Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001. v. 7. p. 153-161.

FRANÇA, Júnia Lessa. *et al. Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

FREITAS, Marcos César de. (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

FREYRE, Gilberto. Um ortodoxo brasileiro do século XIX. Disponível em: [http://bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/artigos\\_imprensa/um\\_ortodoxo.htm](http://bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/um_ortodoxo.htm). Acesso em: 22 Abr. 2005.

\_\_\_\_\_. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

GAMA, padre Lopes. *O Carapuceiro: 1832-1842*. (edição fac-similar do jornal do padre Miguel do Sacramento Lopes Gama). Estudo introdutório de Luis do Nascimento; Prefácio de Leonardo Dantas Silva. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1983.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: EDUSP, 1985.

HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura: Companhia das Letras, 1989.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica: grega e latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

HODGART, Matthew. *La sátira*. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1969.

HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime: tradução do Prefácio de Cromwell*. São Paulo: Perspectiva, 197-. (Coleção Elos)

KAYSER, Wolfgang. A estrutura do gênero. In: *Análise e interpretação da obra literária: introdução à ciência da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976. p. 367-431.

LEITE, J.F. Marques; JORDÃO, A. J. Novaes. *Dicionário latino vernáculo: etimologia, literatura, história, mitologia, geografia*. Rio de Janeiro: Lux, 1956.

LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 19663.

- LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- LINHARES, Maria Yedda. (org.) *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v.1.
- \_\_\_\_\_. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Ática, 2001.
- \_\_\_\_\_. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1977. v.2.
- MELLO, Evaldo Cabral de. (org.) *Padre Lopes Gama: O Carapuceiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (Coleção Retratos do Brasil)
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro Ilustrado*. São Paulo: Saraiva, 1969. v.3. p.566-567.
- MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003.
- MORAIS, Carlos. *Sátira, paródia e caricatura: da antiguidade aos nossos dias*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2003.
- MOTA, Artur. Os poetas satíricos. In: *História da Literatura*. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1978. V.3. Tomo II. p. 304-310.
- NOVA, Vera Casa; PAULINO, Graça; WALTY, Ivete. A questão dos gêneros literários. In: PAULINO, Graça e WALTY, Ivete (org). *Teoria da literatura na escola*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1994.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Nísia Floresta, O Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PEREIRA, Astrojildo. O Padre Carapuceiro. In: *Crítica Impura: autores e problemas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- PRATA, Mario. *Mas será o Benedito?* Dicionário de provérbios, expressões e ditos populares. São Paulo: Editora Globo, 1996.
- QUINTAS, Amaro. *O Padre Lopes Gama: um analista político do século passado*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1975.
- REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: ARIÈS, Philippe & CHARTIER, Roger (org). *História da vida privada: da Renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v.3.

- ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902. v. 2.
- RÓNAI, Paulo. *Não perca o seu latim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.) *Roquette J. I: O código do bom-tom: ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (Coleção Retratos do Brasil)
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Leonardo Dantas (org.). *O Padre Lopes Gama e o Diário de Pernambuco: 1840-1845*. Recife: Editora Massangana, 1996.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1990.
- SKINNER, Quentin. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.
- SOBRINHO, Barbosa Lima. *Os precursores do conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- TRINGALI, Dante; Horácio. *A arte poética de Horácio*. São Paulo: Musa, 1994.
- VALENTE, Waldemar. *O Padre Carapuceiro: crítica de costumes na primeira metade do século XIX*. Recife: Secretaria de Estado de Educação e Cultura, 1969.
- VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1969.
- VIANNA, Hélio. *Contribuição à história da imprensa (1812-1869)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.
- VITORINO, Mônica Costa. *Juvenal: o satírico indignado*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003.
- WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.